

Escola Superior de Educação João de Deus

Mestrado em Educação Pré-Escolar  
Estágio Profissional I e II

# **Relatório de Estágio Profissional**

**Andreia Filipa de Sousa Veríssimo**

Lisboa, agosto de 2013



“O maravilhoso da infância é que qualquer coisa nela é maravilhosa”.

Chesterton





# Escola Superior de Educação João de Deus

## Parecer do(a) Orientador(a)

Nome do(a) orientador(a)..... Teresa de Silveira Botello

tendo presente o Relatório da Prática de Ensino Supervisionada (Estágio Profissional) desenvolvido pelo(a) licenciado(a) ..... Andreia Filipa de Sousa Veissimo

realizado no âmbito do Mestrado – 2º Ciclo de Estudos (Formação de Docentes) ..... em Educação  
Pré - Escolar

considero que se trata de um trabalho que reúne as condições necessárias para ser defendido e apresentado. Nestes termos, solicito à Comissão de Mestrado do Conselho Técnico-Científico desta Escola a nomeação de um Júri para apreciação do respetivo Relatório apresentado pelo(a) candidato(a).

Lisboa, 1 de agosto de 2013



Teresa de Silveira Botello



Escola Superior de Educação João de Deus

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Estágio Profissional I e II

# **Relatório de Estágio Profissional**

**Andreia Filipa de Sousa Veríssimo**

Relatório apresentado para a obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar sob a orientação da Professora Doutora Teresa da Silveira-Botelho

Lisboa, agosto 2013



## **Agradecimentos**

Começo por agradecer ao Professor Doutor António Ponces de Carvalho, diretor da Escola Superior de Educação João de Deus, por toda a generosidade demonstrada ao longo do meu progresso académico, contributo decisivo na realização do meu sonho profissional.

Devo também os meus mais sinceros agradecimentos à minha Orientadora, Professora Doutora Teresa da Silveira-Botelho pela sua disponibilidade, apoio e palavras incentivadoras, por todas as vezes que pensei não ser capaz, mostrando-me o contrário.

Aos meus pais, por todo o apoio, compreensão e amor incondicionais que sempre tiveram para comigo, ao longo deste percurso académico. Pelas palavras, pelos gestos.

Ao meu irmão, por toda a paciência e por ter estado também presente durante todo este percurso.

Ao Diogo, por toda a ajuda, por todo o apoio e carinho.

Às minhas colegas Ana, Dulce e Tânia, por toda a cumplicidade, entajuda e experiências partilhadas.

A todas as crianças com quem tive oportunidade de interagir, por considerá-las, “minhas”, por todas as experiências e, sobretudo, por todos os sorrisos manifestados.

A todos os meus familiares e amigos, que contribuíram para que esta etapa fosse possível.

Aos meus avós, de quem sinto tantas saudades.



# Índice Geral

Índice de Figuras .....	xiii
Índice de Quadros .....	xv
Introdução.....	2
1. Identificação do Local de Estágio Profissional .....	2
2. Descrição da Estrutura do Relatório de Estágio Profissional.....	2
3. Importância da Elaboração do Relatório de Estágio Profissional .....	3
4. Identificação do Grupo de Estágio .....	4
5. Metodologia Utilizada.....	4
6. Pertinência do Relatório de Estágio Profissional.....	5
5. Cronograma.....	6
Capítulo 1 .....	8
Relatos Diários .....	8
Descrição do Capítulo.....	10
1.ª Secção- Faixa etária dos cinco anos .....	10
1.1. Caracterização do grupo .....	10
1.3. Horário .....	12
1.4. Rotinas.....	12
Acolhimento .....	13
Higiene .....	14
Recreio.....	14
Almoço .....	15
1.5. Relatos Diários.....	15
2.ª Secção- Estágio realizado na faixa etária dos três anos .....	56
2.2. Caraterização do espaço .....	57
2.3. Horário .....	58
2.4. Rotinas.....	59
Acolhimento .....	59
Higiene .....	60
Recreio.....	60
Refeições .....	60
Sesta .....	61

2.5. Relatos diários .....	61
3. <sup>a</sup> Secção-Estágio na faixa etária dos 4 anos .....	97
3.1.Caracterização da turma .....	97
3.2.Caracterização do espaço.....	97
3.3.Horário .....	98
3.4. Rotinas.....	99
3.5.Relatos Diários.....	100
4. <sup>a</sup> Secção – Seminário de Contacto com a Realidade Educativa.....	132
Descrição do Capítulo.....	132
4.1. Caracterização da turma .....	132
4.2 Caracterização do espaço.....	132
4.4. Relato Semanal.....	133
CAPÍTULO 2 .....	136
Planificações.....	136
2.1. Descrição do capítulo .....	138
2.1.1. Fundamentação teórica .....	138
2.2. Planificações.....	142
2.2.1. Planificação referente ao Domínio da Matemática .....	142
Inferências e Fundamentação Teórica .....	146
Inferências e Fundamentação Teórica .....	148
CAPÍTULO 3 .....	150
DISPOSITIVOS DE AVALIAÇÃO .....	150
Descrição do Capítulo.....	152
3.1 Avaliação .....	152
3.2. Avaliação da atividade do Domínio da Matemática .....	156
3.2.1. Contextualização .....	156
3.2.2. Descrição de parâmetros, critérios e cotações .....	156
3.2.3. Grelha de avaliação do Domínio da Matemática .....	158
3.2.4. Descrição da grelha de avaliação .....	159
3.2.5. Apresentação dos resultados obtidos em gráfico.....	159
3.2.6. Análise do gráfico .....	160
3.3. Avaliação da atividade da Área do Conhecimento do Mundo.....	161
3.3.1. Contextualização .....	161

3.3.2. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação.....	161
3.3.3. Grelha de avaliação da Área do Conhecimento do Mundo .....	163
3.3.4. Descrição da grelha de avaliação .....	164
3.3.5. Apresentação dos resultados obtidos em gráfico.....	165
3.3.6. Análise do gráfico .....	166
3.4. Avaliação da atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita .....	166
3.4.1. Contextualização .....	166
3.4.2. Descrição de parâmetros, critérios e cotações .....	166
3.4.3. Grelha de avaliação Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita .....	168
3.4.4. Descrição da grelha de avaliação .....	169
3.4.5. Apresentação dos resultados obtidos em gráfico.....	170
3.4.6. Análise do gráfico .....	171
Reflexão Final.....	174
Reflexão final .....	176
Considerações finais.....	176
Limitações .....	177
Novas pesquisas .....	178
Referências Bibliográficas .....	180
Referências Bibliográficas .....	181
Anexos .....	188



## Índice de Figuras

Figura 1 – Sala dos 5 anos	11
Figura 2 - Organização das crianças na roda	13
Figura 3 – Cartilha Maternal de João de Deus	19
Figura 4 – Material Calculadores Multibásicos	21
Figura 5 – Construção da mobília da sala	24
Figura 6 - Geoplano	26
Figura 7 – Hora do Conto	30
Figura 8 – Aula dinamizada por mim.	34
Figura 9 – Escada por ordem crescente	38
Figura 10 – Escada por ordem decrescente	38
Figura 11 – Construção com o material Pattern Blocks	49
Figura 12 – Palavra escrita com as letras móveis	51
Figura 13 - Sala do grupo dos 3 anos	57
Figura 14 - Atividade alusiva ao Dia de Reis	63
Figura 15 – Painel alusivo ao Dia de Reis	63
Figura 16 – Aula da colega Tânia	70
Figura 17 – Placard alusivo ao Inverno	74
Figura 18 – Aula dinamizada por mim com o material 1.º Dom de Froebel	75
Figura 19 – Aula da colega Ana	76
Figura 20 – Aula da colega Dulce	78
Figura 21 – Aula da colega Tânia	78
Figura 22 – Estimulação à Leitura, dinamizada por mim	80
Figura 23 – Eu, mostrando a planta às crianças	80
Figura 24 – Eu, mostrando o canário às crianças	81
Figura 25 – Desfile de Carnaval	83
Figura 26 – Colega a mostrar a tartaruga ao grupo	84
Figura 27 – Placard com as imagens das personagens da história	86
Figura 28 – Colega a solicitar um abraço coletivo	88
Figura 29 – Crianças a brincar com as palhinhas	89
Figura 30 – Aula programada e assistida da Ana	90
Figura 31 – Capa do livro Quem será o meu jantar?	94
Figura 32 – Capa do livro Buuu!	96
Figura 34 – Jogo dos comboios com o material Cuisenaire	102
Figura 35 – Completando a roda dos alimentos com as crianças	106
Figura 36 – Construção do muro	109
Figura 37 – Kit de jardineiro.	110
Figura 38 - Geoplano	111
Figura 39 – Aula Surpresa da Tânia com o material Cuisenaire	114
Figura 40 – Aula da Ana na área do Conhecimento do Mundo	116
Figura 41 – Construção de uma borboleta com o material Tangram	118
Figura 42 – Leitura do livro, A lagarta comilona	119
Figura 43 – Mostrando imagens do Ciclo de vida da borboleta	119

Figura 44 – <i>Construção da cadeira e mesa da sala</i>	123
Figura 45 – <i>Dramatização d'A história da Carochinha</i>	127
Figura 46 – <i>Quinta Pedagógica, Cantar de Galo</i>	130
Figura 47 – <i>Gráfico alusivo aos resultados da avaliação da atividade do Domínio da Matemática</i>	159
Figura 48 - <i>Gráfico alusivo à atividade da Área do Conhecimento o Mundo</i>	165
Figura 49- <i>Gráfico alusivo à atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita</i>	170

## Índice de Quadros

<i>Quadro 1 – Cronograma de Estágio .....</i>	<i>7</i>
<i>Quadro 2 – Horário Semanal do grupo dos 5 anos de idade.....</i>	<i>12</i>
<i>Quadro 3 – Horário Semanal do grupo dos 3 anos de idade.....</i>	<i>58</i>
<i>Quadro 4 - Horário Semanal do grupo dos 4 anos de idade .....</i>	<i>98</i>
<i>Quadro 5 – Exemplo de planificação baseada no Modelo T de Unidade de Aprendizagem.....</i>	<i>141</i>
<i>Quadro 6 – Planificação do Domínio da Matemática .....</i>	<i>142</i>
<i>Quadro 7 – Planificação da Área do Conhecimento do Mundo.....</i>	<i>145</i>
<i>Quadro 8 – Planificação do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.....</i>	<i>147</i>
<i>Quadro 9 – Grelha de Cotação do Dispositivo no Domínio da Matemática .....</i>	<i>157</i>
<i>Quadro 10 – Grelha de Avaliação da atividade no Domínio da Matemática.....</i>	<i>158</i>
<i>Quadro 11 - Classificações obtidas no dispositivo do Domínio da Matemática .....</i>	<i>160</i>
<i>Quadro 12 - Cotações atribuídas aos critérios definidos na atividade da Área do Conhecimento do Mundo.....</i>	<i>162</i>
<i>Quadro 13 - Grelha de avaliação da atividade na Área de Conhecimento do Mundo ....</i>	<i>163</i>
<i>Quadro 14 - Classificações obtidas no dispositivo de Conhecimento do Mundo.....</i>	<i>165</i>
<i>Quadro 15- Cotações atribuídas aos critérios definidos na atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita .....</i>	<i>167</i>
<i>Quadro 16 – Grelha de avaliação quantitativa da atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.....</i>	<i>168</i>
<i>Quadro 17 - Classificações obtidas no dispositivo de avaliação do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.....</i>	<i>170</i>
<i>Quadro 18 - Classificações obtidas nas 3 atividades dinamizadas .....</i>	<i>172</i>



# **Introdução**



## **Introdução**

O presente relatório de Estágio Profissional destina-se às Unidades Curriculares de Estágio I e II, sendo referentes ao Mestrado em Educação Pré-Escolar, vivenciado na Escola Superior de Educação João de Deus.

Este Estágio Profissional foi realizado entre o dia 24 de setembro de 2012 a 21 de Junho de 2013, às segundas, terças e sextas-feiras, entre as 9 horas e as 13 horas. Neste período, as tarefas foram divididas em quatro momentos distintos: faixa etária dos 5 anos de idade, faixa etária dos 3 anos de idade, faixa etária dos 4 anos de idade e, por último o estágio intensivo (Seminário de Contacto com a Realidade Educativa), vivenciado na faixa etária dos dois anos de idade.

### **1. Identificação do Local de Estágio Profissional**

Este estágio foi realizado numa escola localizada na zona de Lisboa, com presença às segundas, terças e sextas-feiras, no horário das 9H00 às 13H00, num total de 12 horas semanais. O último período de estágio foi realizado numa escola em Alcobaça.

### **2. Descrição da Estrutura do Relatório de Estágio Profissional**

Este relatório encontra-se dividido em cinco partes. O capítulo 1 está dividido por quatro secções, e cada secção corresponde a um momento de estágio, ou seja, o período de estágio nas três diferentes salas, mais o período de estágio intensivo. Nas secções, podemos encontrar todos os relatos diários identificados com as respetivas datas, assim como as inferências pessoais fundamentadas cientificamente por vários autores, e também por imagens, que demonstram algumas das atividades que foram realizadas.

O capítulo 2 é composto por três planificações de aula/atividade com as respetivas metodologias e estratégias, com inferências pessoais fundamentadas cientificamente, no Domínio da Matemática, Área do Conhecimento do Mundo e Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

No capítulo 3 estão os dispositivos de avaliação, executados durante a prática, referentes às duas áreas curriculares: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, Domínio da Matemática e Área do Conhecimento do Mundo.

Por fim, apresento a Reflexão Final com o balanço sobre o meu percurso na Prática Pedagógica e a sua interação com a teoria. Ainda neste ponto, apresento as maiores limitações encontradas e as perspectivas para futuras investigações.

### **3. Importância da Elaboração do Relatório de Estágio Profissional**

Este Relatório de Estágio Profissional revela-se muito importante, por ser um dos requisitos fundamentais para a conclusão do Mestrado e para, conseqüentemente, a Certificação Profissional, sendo que só desta forma me será possível exercer a profissão de Educadora de Infância.

Todo este relatório é referente a um trabalho de reflexão diária relativo às práticas observadas em contexto de sala de aula, permitindo pensar e refletir sobre as decisões tomadas pelos docentes e, por mim, enquanto futura docente. Segundo Zeichner (1993), “o conceito de professor como prático reflexivo reconhece a riqueza da experiência que reside na prática dos bons professores. (...) o processo de compreensão e melhoria do ensino deve começar pela reflexão sobre a sua própria experiência” (p. 17).

A concretização deste Relatório de Estágio permite que seja feita uma reflexão sobre cada aula observada, programada ou de surpresa. Ao longo do meu relatório irei refletir sobre as estratégias observadas no dia-a-dia, com vista a uma melhor aprendizagem para a futura prática docente.

Para além dos relatos diários, ao longo deste relatório irei inferir acerca de cada prática observada, que será devidamente sustentada através de fundamentação com base científica, de diversos autores, com o intuito de sustentar as inferências e comentários pessoais apresentados. Para tal, é necessário realizar um trabalho de profunda pesquisa.

Este Relatório de Estágio constitui, em simultâneo, um suporte teórico para a atividade profissional.

Através deste Estágio, foi-me possível reter estratégias e metodologias, que poderei adotar enquanto docente, no futuro.

## **4. Identificação do Grupo de Estágio**

Para a realização do Mestrado em Educação Pré-Escolar foram organizados grupos de estágio. Ao meu grupo pertenciam mais três colegas, às quais me refiro, durante todo o relatório de estágio, como colegas Ana, Dulce e Tânia.

O grupo de estágio é muito importante, por permitir cooperação, ajuda e cumplicidade. Ao longo de todo o período de estágio profissional, este grupo de estágio correu muito bem e houve sempre espírito de companheirismo e de ajuda. Assim, é-nos possível debater, questionar e discutir as estratégias observadas e utilizadas por nós, possibilitando crescer profissionalmente.

Korthagen (citado em Flores e Simão, 2009), refere que “deve-se promover a aprendizagem reflexiva assistida por pares, pois o apoio destes é, muitas vezes, mais eficaz para promover a reflexão dos estudantes” (p. 23). Foi realmente benéfico integrar um grupo durante todo o decorrer deste Estágio Profissional.

## **5. Metodologia Utilizada**

A metodologia que utilizei para a recolha de dados foi a observação direta e a análise documental.

A observação direta consiste no registo de estratégias e episódios, observados em sala de aula na análise documental que assentou numa recolha de dados orientada para uma investigação qualitativa. De acordo com Poupart citado por Lessard-Hébert, Goyette & Bouttin (1994), a observação direta “(...) concebe a metodologia qualitativa como um processo fundamentalmente indutivo em que o projeto de investigação e as hipóteses específicas não são predefinidos” (p. 99).

Relativamente à técnica de observação direta, de acordo com Lucas (2006):

O principal instrumento de pesquisa, é o investigador, num contacto direto, frequente e prolongado com os actores sociais e os seus contextos quotidianos. Esta técnica é caracterizada pelo papel e postura que o investigador adopta durante a observação, bem como o seu nível de participação e interacção com o que observa. (p.67)

Afonso (2005) refere-se à observação como “uma técnica de recolha de dados particularmente útil e fidedigna, na medida em que a informação obtida não se encontra condicionada pela opiniões e pontos de vista dos sujeitos, como acontece nas entrevistas e nos questionários” (p.91). Também Quivy & Campenhout (1992), se referem à

observação afirmando que “(...) engloba o conjunto das operações através das quais o modelo de análise (constituído por hipóteses e por conceitos) é submetido ao teste dos factos e confrontado com dados observáveis” (p.155). Os mesmos autores distinguem dois tipos de observação, a observação direta e a observação indireta. Mencionam também que a observação direta “é aquela em que o próprio investigador procede diretamente à recolha das informações, sem se dirigir aos sujeitos interessados. Apela diretamente ao seu sentido de observação” (p.164).

Relativamente à observação indireta, os mesmos autores consignam que “o investigador dirige-se ao sujeito para obter a informação procurada. (...) Esta não é recolhida diretamente, sendo, portanto, menos objectiva” (p.164). Desta forma, pode também ser intitulada por observação naturalista ou descritiva. Segundo o mesmo autor, a técnica da observação participante é “caracterizada pelo papel e a postura que o investigador adopta durante a observação, bem como o seu nível de participação e interação com o que observa” (p.164).

Este relatório assume, de certa forma, uma metodologia reflexiva, que considera o reconhecimento e análise de diferentes perspetivas, sendo então imprescindível tal como Flick (2005) refere, “a reflexão do investigador sobre a investigação, como parte do processo de produção do saber; e a variedade dos métodos e perspectivas” (p. 5).

Para a elaboração deste Relatório de Estágio Profissional consultei diversos documentos, nomeadamente os dossiês de turma, os respetivos horários e caracterizações, as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar entre outros documentos.

Este relatório foi redigido de acordo com as normas da American Psychological Association (APA) e de acordo com Azevedo (2000).

## **6. Pertinência do Relatório de Estágio Profissional**

A nível profissional, este relatório é de facto muito importante, uma vez que tenciono relatar tudo o que observei ao longo deste ano de Prática Pedagógica e Estágio Profissional, de forma a desenvolver uma pedagogia dinâmica em sala de aula, não só aplicando muitas das estratégias diversificadas e apelativas, para construir em sala de aula um ambiente favorável ao desenvolvimento das crianças.

Outra razão importante prende-se com a componente pessoal, uma vez que a elaboração deste relatório é um dos requisitos fundamentais para a conclusão deste Mestrado e, só assim, poderei obter a certificação profissional.

O estágio é uma experiência fundamental para a melhoria do ensino. Segundo Zeichener, citado por Amaral e Ribeiro (1996), “o estágio deverá colocá-lo no limiar do tal processo contínuo e sempre mais alargado, devendo promover no professor a vontade de investir na sua autoformação” (p.92).

Além disso, só ao prepararmos as aulas, ao lecioná-las, é que nos deparamos com a realidade do trabalho de um docente, havendo então uma aproximação à realidade educativa. Para Alegria, Loureiro, Marques e Martinho (2001)

(...) ao proporcionar diferentes possibilidades de aproximação ao contexto educativo, o estágio cria condições para a autonomia. No decurso desse ano de experiência, o futuro docente desenvolve as competências indispensáveis ao exercício da profissão, por meio da participação em múltiplas actividades que têm lugar na escola, pela experiência que adquire no campo da didática, reflectindo e avaliando criticamente as diferentes estratégias educativas que vai ensaiando. (p. 28).

Este estágio permitiu um contacto com o contexto de sala de aula, assim como no espaço exterior, proporcionando novas experiências, sendo todas elas enriquecedoras.

## **5. Cronograma**

O período de estágio profissional decorreu entre o dia 24 de setembro de 2012 até ao dia 21 de junho de 2013. Durante este período, o estágio profissional foi realizado na valência da Educação Pré-Escolar. Durante o período acima descrito, foram realizados estágios em três níveis de Ensino da Educação Pré-Escolar. De 24 de setembro de 2012 realizei estágio no grupo dos 5 anos de idade. Durante o período de tempo, compreendido de dia 25 de fevereiro até ao dia 1 de março de 2013, decorreu o Seminário de Contacto com a Realidade Educativa.

Este relatório de estágio está dividido em quatro secções, uma para cada momento de estágio, ou seja, uma para o período em que estive na sala dos 5 anos de idade, outra secção para o período em que estive na sala dos 3 anos de idade, outra para o período em que estive na sala dos 4 anos de idade e, finalmente, outra que está destinada ao Seminário de Contacto com a Realidade Educativa.

A primeira secção é referente ao estágio realizado na faixa etária dos 5 anos, compreendido de 24 de setembro até 14 de dezembro de 2012; a segunda secção é referente à faixa etária dos 3 anos, que decorreu no período de estágio de 4 de janeiro até 5 de abril de 2013; a terceira é destinada à faixa etária dos 4 anos, que decorreu desde dia 8 de abril até 21 de Junho de 2013, e, por último a quarta secção é referente ao Seminário de Contacto com a Realidade Educativa, que decorreu de 25 de fevereiro até 1 de março de 2013.

Em baixo, apresento um cronograma (Quadro 1), que descreve, de forma organizada, as datas de cada período de estágio.

Quadro 1 – Cronograma de Estágio

<b>Momentos de estágio</b>	<b>Período de estágio</b>
1. <sup>a</sup> secção: 5 anos	24 de setembro de 2012 a 14 de dezembro de 2012
2. <sup>a</sup> secção: 3 anos	4 de janeiro de 2013 a 5 de abril de 2013
3. <sup>a</sup> secção: 4 anos	8 de abril de 2013 a 21 de junho de 2013
4. <sup>a</sup> secção: Seminário de Contacto com a Realidade Educativa	25 de fevereiro de 2013 a 1 de março de 2013

# **Capítulo 1**

## **Relatos Diários**



## **Descrição do Capítulo**

O presente capítulo encontra-se dividido em quatro secções, sendo que cada uma é referente a um momento de estágio. Designadamente, os momentos de estágio em cada grupo da Educação Pré-Escolar – grupo da faixa etária dos 5 anos, grupo da faixa etária dos 3 anos, grupo da faixa etária dos 4 anos e, por último, a 4.<sup>a</sup> secção que é relativa ao Seminário de Contacto com a Realidade Educativa, tendo este sido realizado numa escola na zona de Alcobaça. Em cada uma das secções será feita a caracterização do grupo, a caracterização do espaço, a descrição das rotinas e os relatos diários de cada um dos dias de estágio que irei descrever. Estas serão acompanhadas por inferências, que serão devidamente fundamentadas cientificamente.

### **1.<sup>a</sup> Secção- Faixa etária dos cinco anos**

#### **1.1. Caracterização do grupo**

A turma dos 5 anos é composta por vinte e sete crianças, dezasseis do género feminino e onze do género masculino. Todas as crianças têm cinco anos de idade, até 31 de dezembro de 2012.

Este grupo de crianças está bem integrado na dinâmica do Jardim-Escola e demonstra motivação e interesse pelas diversas aprendizagens.

Devo salientar que estas informações foram cedidas pela educadora cooperante.

#### **1.2. Caracterização do espaço**

A sala é bastante iluminada, tendo várias janelas ao longo da sala e é consideravelmente grande e ampla. As carteiras estão dispostas em duas filas, sendo que há facilidade em circular pela sala, sempre que necessário.

Nesta sala, pude observar que não existe nenhum espaço destinado ao Cantinho da Leitura de histórias, onde as crianças possam levar livros e a educadora os possa ler, nem um espaço destinado aos brinquedos que trazem de casa.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (ME, 1997), “a reflexão permanente sobre a funcionalidade e adequação do espaço e as potencialidades

educativas dos materiais permite que a sua organização vá sendo modificada de acordo com as necessidades e evolução do grupo” (p.38).

Existem dois quadros de giz pendurados na parede, como se pode observar na figura 1. Existem também locais na parede, em placares, que se destinam à afixação de propostas de trabalhos realizadas pelas crianças, tornando o ambiente mais alegre e acolhedor.

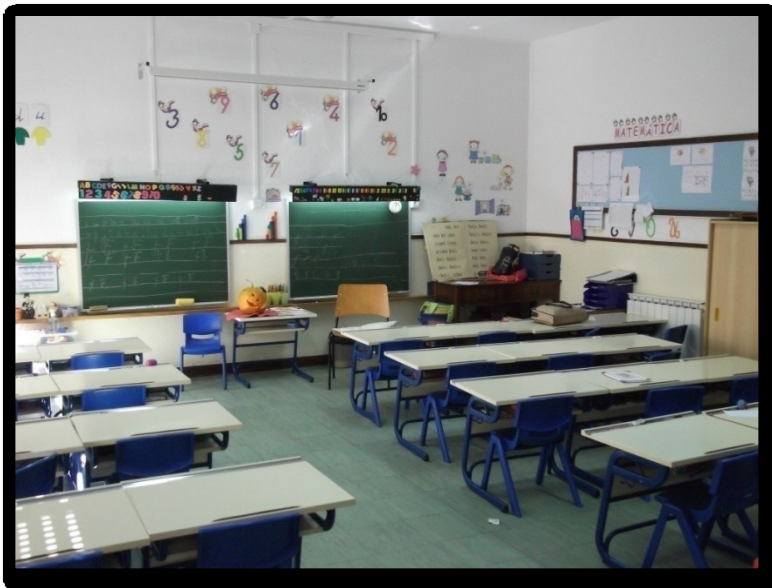


Figura 1 – Sala dos 5 anos

Tal como refere Arendes (1995), “os alunos podem (...) ajudar a produzir uma sala com aspecto interessante e acolhedor. Muitos alunos sentem-se bem quando vêem os seus trabalhos na parede, e tal exposição pode ser usada como sistema de incentivos” (p.96).

Em cima da carteira da educadora está a Cartilha Maternal de João de Deus, onde as crianças aprendem a lição do dia.

Existem armários grandes ao longo da sala, onde a educadora guarda não só os dossiers das crianças, como também os materiais que trazem para o Jardim-Escola. Esses armários, de cor azul, são revestidos por autocolantes coloridos.

Nesta sala, há duas portas, uma que dá acesso ao interior do Jardim-Escola, nomeadamente ao salão, e, outra, junto aos quadros de giz, que dá acesso ao espaço

exterior do recreio. Esta porta é utilizada pelas crianças que chegam atrasadas para entrarem na sala, sem terem que atravessar o salão.

### 1.3. Horário

De seguida, passo a apresentar o horário semanal do grupo da faixa etária dos cinco anos de idade. (Quadro 2).

Quadro 2 – Horário Semanal do grupo dos 5 anos de idade

Horas/ dias	Segunda-Feira	Terça-Feira	Quarta-Feira	Quinta-Feira	Sexta-Feira
9h00 às 10h30	Iniciação à Matemática Material Escrita	Iniciação à Leitura e Escrita	Iniciação à Matemática Material Escrita	Iniciação à Leitura e Escrita	Iniciação à Matemática Material Escrita
10h30 às 11h00	Recreio + W.C				
11h00 às 11h50	Iniciação à Leitura e Escrita	Inglês (11h00 às 11h50)	Ed. Movimento (10h30 às 11h00) Iniciação à Leitura e Escrita	Iniciação à Matemática Material Escrita Música 11h00	Iniciação à Leitura e Escrita
12h00 às 13h00	Almoço				
13h00 às 14h00	Recreio Orientado e Livre				
14h00 às 15h00	Escrita e Letras	Iniciação à Matemática Material Escrita	Jogos Matemáticos Cidadania Área Projeto	Escrita e Letras	Ed. Movimento 15h00 às 15h30
15h00 às 16h30	Ditados Gráficos Desenhos Série Dobragens Entrelaçamentos	Conhecimento do Mundo Dinamização do tema		Conhecimento do Mundo Dinamização do tema	Computadores 15h30 às 16h00
16h30	Lanche e Saída				

### 1.4. Rotinas

As rotinas assumem-se como comportamentos repetidos e organizados diários.

Em concordância com Spodek e Saracho (1998), “uma rotina diária determina horários para diferentes actividades de aprendizagem. As crianças aprendem a antecipar eventos futuros através da regularidade das ocorrências diárias” (p. 136).

Na opinião de Cordeiro (2010), é essencial criar rotinas, “saber o que se vai passar a seguir ajuda a prever o futuro e tranquilizar, porque a seguir ao A vem o B, e por aí fora...” (p. 286).

Seguidamente, apresento, sucintamente, as rotinas deste grupo que observei.

## **Acolhimento**

O acolhimento das crianças é, a meu ver, fundamental, uma vez que possibilita e estimula a adaptação das crianças à dinâmica do Jardim-Escola. Este é feito no salão do Jardim-Escola, desde as 8h00 até as 9h10. À medida que as crianças chegam, formam uma roda (Figura 2) e, juntamente com os grupos dos quatro e dos três anos, cantam diversas músicas. As educadoras, normalmente, propõem as canções e, muitas vezes ensinam novas canções, e as crianças acompanham e fazem os respetivos gestos. Algumas vezes, são as próprias crianças que sugerem as canções que querem cantar.

Zabalza (1998) refere que são “(...) excelentes momentos para proporcionar à criança oportunidades de realizar experiências chave de desenvolvimento sócio-emocional, representação, música, movimento, etc” (p.194).

Cordeiro (2010) considera que aprender novas canções “permite às crianças estimular a memorização, adquirir mais vocabulário, desenvolver a motricidade grossa, interiorizar regras, expressar o sentido rítmico, explorar o corpo e contemplar a noção de espaço e de tempo” (p.373).

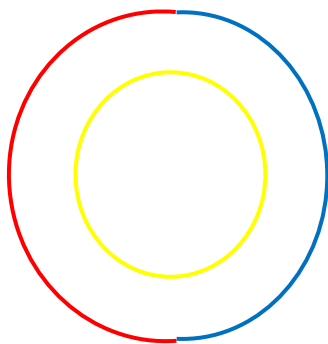


Figura 2 - Organização das crianças na roda

## Higiene

Estes momentos assumem uma grande importância no crescimento e formação da criança. Estimulam, não só a incrementação dos hábitos de higiene na sua vida, como também estimulam responsabilidade e autonomia. As crianças, antes de irem para a respetiva sala, antes das refeições e depois dos recreios, vão à casa de banho, onde realizam a sua higiene pessoal.

Estes comportamentos, de início devem ser implementados pela educadora que, com tempo, tem de verificar de todas as crianças interiorizaram os hábitos de higiene.

Segundo Cordeiro (2010)

as crianças mais velhas, com autonomia, recebem reforço diário sobre as situações em que devem lavar as mãos (antes e após as refeições, após a utilização da casa de banho e antes de entrarem na sala de aula após os intervalos), mas executam o acto sozinhas, sendo controladas apenas em algumas situações (pp.107-108).

O mesmo autor salienta ainda que as crianças, nos momentos de higiene, “(...) sentem o gosto de serem crescidas e a responsabilidade de cuidarem do seu próprio corpo” (p.373).

## Recreio

Após as atividades da manhã, as crianças vão ao recreio, no exterior, onde brincam livremente sob a vigilância permanente de, pelo menos, uma educadora. Quando não é possível realizar-se no exterior, devido às condições climáticas, o recreio realiza-se no salão, onde por vezes as crianças podem brincar livremente, outras vezes vêem um filme infantil na televisão situada no salão.

O recreio é o local onde as crianças podem brincar livremente e socializar com as crianças de outras faixas etárias.

Existe sempre a vigilância das educadoras e das alunas estagiárias. É evidenciada a importância deste nas Orientações Curriculares (ME, 1997), onde é referido que “o espaço exterior possibilita a vivência de situações educativas intencionalmente planeadas e a realização de actividades informais. Esta dupla função exige que a sua organização seja cuidadosamente pensada, devendo os equipamentos e materiais corresponder a critérios de qualidade, com particular atenção às condições de segurança” (p.39)

Spodek e Saracho (1998) referem que “ (...) o tempo de exterior permite às crianças expressarem-se e exercitarem-se de forma que habitualmente não lhes são acessíveis nas brincadeiras de interior” (p.433).

O recreio não só se apresenta como fulcral para o desenvolvimento das crianças, como também permite às educadoras, ao observar as crianças, entender as suas atitudes e reações perante determinadas situações.

## **Almoço**

O momento da refeição tem lugar no refeitório do Jardim-Escola, e decorre depois o recreio. O almoço é composto pela sopa, pelo segundo prato, água e uma peça de fruta. O segundo prato é, alternadamente, carne e peixe. Sempre que alguma criança não pode, por algum motivo (alergias, questões religiosas, dietas), é-lhe servido um prato de dieta, de forma a responder às necessidades da criança.

As ementas, de todos os dias da semana, estão afixadas à entrada do Jardim-Escola, para que todos os encarregados de educação tenham conhecimento prévio da mesma.

Após o almoço, as crianças vão brincar, uma vez mais, para o recreio.

Segundo Cordeiro (2010, p.373), a hora da refeição, do ponto de vista da socialização, favorece uma maior autonomia, interiorização das noções de higiene e de saber estar à mesa, o respeito pelo ritmo de grupo e as variações pessoais de cada criança.

## **1.5. Relatos Diários**

### **Segunda-feira, dia 24 de setembro de 2012**

Este foi o dia da Reunião, no Museu na Escola Superior de Educação João de Deus, com a Equipa da Prática Pedagógica. Nesta reunião foram debatidos vários pontos fulcrais deste estágio, que nos elucidaram sobre a forma como decorreria o mesmo.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Através deste estágio profissionalizante, é-nos possibilitado o contacto com a prática educativa, da qual retiramos experiência, que nos servirá para o nosso futuro, enquanto futuros profissionais.

Segundo Peterson (2003), “a prática pedagógica possibilita ao aluno, futuro profissional, ou mesmo trabalhador estudante, verificar, descobrir, interrogar e aplicar as teorias adquiridas ao longo da formação” (p.67).

A meu ver, esta reunião é indispensável para que possamos esclarecer as nossas dúvidas, inerentes ao funcionamento do estágio profissional, e orientar-nos no decorrer do mesmo.

Segundo Alarcão (1996), “ (...) o papel do formador não consiste tanto em ensinar como em facilitar a aprendizagem, em ajudar a aprender” (p.18).O mesmo autor refere também que “(...) não se pode ensinar ao aluno aquilo que ele vai ter necessidade de saber, embora se possa ajudá-lo a adquirir esse conhecimento” (p.18).

Loureiro (2000) é da opinião de que “(...) a formação inicial deve permitir uma análise mais teórica das situações pedagógicas e experiências de aprendizagens, as quais devem ter logicamente um carácter mais simulado” (p.33).

#### **Sexta-feira, dia 28 de setembro de 2012**

Este dia teve início no salão do Jardim-Escola, onde se faz o acolhimento das crianças. Todas as turmas formam uma roda, em que as turmas de meninos mais novos ficam no centro da mesma. Aqui, as educadoras orientam canções e, muitas vezes, são as próprias crianças a sugerir que música querem cantar. As minhas colegas e eu dirigimo-nos à educadora respetiva do grupo que iríamos acompanhar para nos apresentarmos. Nesta altura, a educadora levou as crianças para a casa de banho, como hábito de rotina.

Já na sala, em momento algum a educadora nos apresentou à turma, nem a mim nem às minhas colegas de estágio.

Todas as crianças se dirigiram, de imediato, às suas gavetas para levar os materiais necessários para os lugares.

A educadora iniciou a manhã de atividades com o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, escrevendo no quadro as letras vogais e o grupo, em coro, dizia o seu nome. Terminadas as letras vogais, a educadora escreveu as letras consoantes, que todas as crianças já tinham aprendido, pela ordem da Cartilha Maternal de João de Deus.

De seguida, a educadora distribuiu as capas de escrita e, dentro de cada uma, estavam rascunhos em que as crianças treinavam o grafema da letra que tinham aprendido. Eu e as minhas colegas auxiliámos na execução desses rascunhos. Quando o grafema estava correto, a educadora deixava-as passar para o caderno, caso contrário,

continuavam a treinar no rascunho. Enquanto as crianças realizavam estes exercícios, a educadora chamava grupinhos de meninos, à Cartilha Maternal.

Depois do recreio e do lanche da manhã, a educadora recolheu as capas de escrita e distribuiu um material matemático estruturado, os Blocos Lógicos. Com este material, a educadora trabalhou as formas, as cores, os tamanhos e as espessuras das peças. Trabalhou também conjuntos, utilizando linhas para representar a linha fronteira. À medida que pedia conjuntos de determinado cardinal, fez exercícios de adição e de subtração, ensinou o sinal de reunião (U), tendo também realizado exercícios de reunião de conjuntos. Para terminar a exploração deste material, a educadora orientou as crianças em exercícios de sequências e realizou uma tabela de dupla entrada.

Pedi que as crianças arrumassem o material nas caixas e foram guardá-las nos armários, seguindo para o refeitório.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Neste primeiro dia, tive em especial atenção a forma como a educadora formulava as questões que colocava às crianças.

Zabalza (1998) é da opinião que "(...) a linguagem é uma das peças-chave da Educação Infantil. É sobre a linguagem que vai sendo constituído o pensamento e a capacidade de decodificar a realidade e a própria experiência, ou seja, a capacidade de aprender" (p.51).

Este foi o primeiro dia de estágio. Mesmo assim, a educadora, em momento algum, nos apresentou à turma (às minhas colegas e eu). Assim, apenas ficámos a saber os nomes das crianças, e elas os nossos, quando começámos a trabalhar com elas.

Quando a educadora entrou na sala com as crianças, iniciou, de imediato, a revisão das letras que já tinham sido lecionadas, enquanto as crianças estavam ainda junto das suas gavetas, sendo que não estavam de forma alguma atentos à revisão que estava a ser feita.

Esta foi a primeira vez que observei a educadora a trabalhar a Cartilha Maternal. Para que as minhas colegas e eu pudéssemos saber em que nível estavam as crianças, procedeu a uma dinamização da mesma. Constatei que a educadora não circulou pela sala e utilizou o ponteiro para mandar que as crianças fizessem silêncio, batendo com ele nas mesas.

Deus (1997, p.92) menciona que o ponteiro utilizado na Cartilha Maternal tem unicamente a função de regular e de dar ritmo à leitura das crianças, concentrando a sua atenção.

### **Segunda-feira, dia 1 de outubro de 2012**

Neste dia, a educadora dirigiu a manhã de atividades começando com uma proposta de trabalho em que as crianças tinham que desenhar os algarismos. Quando a maioria das crianças terminou a proposta de trabalho, a educadora distribuiu o material matemático estruturado, *Cuisenaire*. Com este material, abordou os valores das peças e perguntou qual a peça mais importante e o que representava.

Terminada a exploração inicial do material, orientou as crianças em operações de adição. Em simultâneo, colou cartolinas, com a forma e cor do material em questão, no quadro dando a resolução dos exercícios que propunha.

De seguida, a educadora abordou o tema dos algarismos pares e ímpares, ainda com o material *Cuisenaire*. Ensinou que todas as peças em que só “cabem” peças encarnadas são pares e todas as outras são ímpares. As crianças experimentaram com todas as peças até à peça cor-de-laranja, deixando a peça branca para o final. Depois deste exercício, a educadora pediu às meninas que fizessem a escada das peças de valor ímpar e, aos meninos, que fizessem a escada das peças de valor par.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Este material matemático estruturado (*Cuisenaire*) permite à criança experimentar, manipular e descobrir.

Segundo Alsina (2004), citado em Caldeira (2009)

as barras de cor são um material manipulativo especialmente adequado para a aquisição progressiva das competências numéricas. São um suporte para a imaginação dos números e das suas leis, tão necessário para poder passar ao cálculo mental... para introduzir e praticar as operações aritméticas (p.126).

Considerarei a atividade, que a educadora realizou com as crianças, muito interessante. Foi um conteúdo diferente de explorar com o material *Cuisenaire*. Esta atividade permitiu que as crianças pudessem experimentar e fazer descobertas.

De acordo com Canals (2001) citado em Caldeira (2009)

se soubermos propor a experimentação de forma adequada a cada idade e, a partir daí, fomentar o diálogo e a interacção necessários, o material, longe de ser um obstáculo que nos faz perder tempo e dificulta o salto para a abstracção, facilitará esse processo, porque fomentará a descoberta e tornará possível uma aprendizagem sólida e significativa(p.331).

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2009), “a aprendizagem da matemática implica que o educador proporcione experiências diversificadas e apoie a reflexão das crianças, colocando questões que lhes permitam ir construindo noções matemáticas” (p.74).

### **Terça-feira, dia 2 de outubro de 2012**

Como de costume, as minhas colegas e eu estivemos na roda, no salão, onde é feito o acolhimento das crianças. Já na sala, a educadora optou por trabalhar o Domínio da Matemática. Distribuiu as capas de Escrita, em que estavam propostas de trabalho relacionadas com grafismos dos algarismos. Enquanto as crianças realizam as propostas de trabalho, a educadora chamava grupinhos de crianças à Cartilha Maternal de João de Deus (Figura 4).



Figura 3 – Cartilha Maternal de João de Deus

Depois de todas terem sido chamadas à Cartilha, mandou-as arrumar as propostas de trabalho nas capas e distribuiu o material matemático estruturado: 3.º e 4.º Dons de Froebel. Antes de pedir que abrissem as caixas do material, pediu que dissessem o que estava dentro de cada caixa e, depois, para as abrirem, fazendo uma exploração prévia do material que iam trabalhar. De seguida, colocou uma imagem no quadro, a mobília da sala, e pediu para fazerem essa construção. Se alguma criança tivesse dificuldade, a educadora mandava-a olhar para a imagem que estava no quadro. Repetiu o processo, desta vez com a imagem da mobília do quarto. Feita a construção, realizou exercícios de cálculo mental e situações problemáticas.

Ensinou, pela primeira vez, a construção da ponte baixa. Mandou arrumar as peças do material nas respetivas caixas e saíram para o recreio.

De regresso à sala, a educadora entrou no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, distribuindo as capas pelas crianças, onde estavam atividades por fazer ou por terminar. Entretanto, entrou na sala uma educadora de apoio, que foi orientando a turma.

Por fim, dirigimo-nos para o refeitório e, depois de todas as crianças terem almoçado, fomos para o recreio.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

O método de leitura através da Cartilha Maternal João de Deus, tal como pude constatar, é facilitador não só do processo da aprendizagem da leitura, como também da aprendizagem para a escrita. Este método permite uma aprendizagem individualizadora, visando que cada criança tem o seu ritmo de aprendizagem, como ser único que é. Outro fator facilitador, que devo salientar, é o de, no final da leitura de uma palavra, é requisitado à criança que forme uma frase com a palavra em questão. Desta forma, a criança retém, de forma eficaz, o significado de cada palavra que lê e que aprende.

Carvalho (s.d.), citado em Associação de Jardim-Escola João de Deus (1997), defende a importância em utilizar "(...) numa frase a palavra lida dando a noção de que a palavra é o grande instrumento do discurso" (p.93). Mata (2006), surge reforçando esta ideia, afirmando "(...) para que se adquira a automatização, há que não esquecer que, para além do reconhecimento rápido da palavra, a criança deverá reter o seu significado, sendo necessária a aquisição de estratégias que levam à compreensão" (p.49).

Outra atividade que a educadora realizou, mas desta vez no Domínio da Matemática, foi com os materiais matemáticos estruturados 3.º e 4.º Dons de Froebel.

Segundo Caldeira (2009)

os «Dons» são fantásticos veículos para enaltecer o desenvolvimento total da criança, dando-lhe a possibilidade de representar e expressar os seus mais íntimos pensamentos e ideias. É durante a interação criança/jardim-de-infância, que surge a verdadeira magia do aprender crescendo, levando a criança a compreender e a apreciar o mundo que a rodeia (p.241).

Quando se trabalha com este material, penso que seria também benéfico para o grupo que a educadora fosse realizando as construções com as crianças. Dessa forma, penso que as crianças teriam outro tipo de orientação, mais abrangente e mais direcionada, sem ser apenas com unicamente as imagens.

### **Segunda-feira, dia 8 de outubro de 2012**

Neste dia, após a roda das canções a educadora distribuiu o material matemático estruturado Calculadores Multibásicos. Pediu a um menino que explicasse as regras de utilização do mesmo e procedeu à explicação do que iriam fazer: o jogo da torre do três ( $T_3$ ) (Figura 5).



Figura 4 – Material Calculadores Multibásicos

Ditou o número de peças e pediu a uma criança que dissesse a que torre estavam a jogar e qual a regra do jogo. De seguida, pediu a uma outra criança a leitura das placas do material. À medida que as crianças iam realizando o jogo, a educadora ia circulando pela sala, observando o que cada uma fazia e se estava correto. Quando todas terminaram,

uma vez a leitura em voz alta da sua placa do resultado e todos os colegas, que tinham errado, puderam então proceder à correção.

Antes de arrumar o material, a educadora ditou novamente o número de peças por cada placa e explicou a regra. A correção foi idêntica à do jogo anterior.

Todas as crianças arrumaram as peças do material dentro da caixa e saíram em fila para o recreio.

Quando regressaram à sala de aula, a educadora distribuiu as capas de Escrita pelas mesas, onde cada criança tinha propostas de trabalho. Enquanto nós, estagiárias, orientávamos as crianças nas suas dúvidas e também nas correções das propostas de trabalho, a educadora chamava grupos, de três ou quatro meninos, para irem à Cartilha Maternal de João de Deus, aprender a lição do dia.

Depois de todas as crianças serem chamadas à Cartilha, a educadora recolheu as capas e mandou-as para a casa de banho, uma vez que estava na hora do almoço.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

O material matemático estruturado Calculadores Multibásicos deve o seu aparecimento a João António Nabais e, segundo Caldeira (2009), este material apresenta múltiplos interesses pedagógicos, sendo estes: “exploração de atributos, associação e comparação, contagem de quantidades, ordenação, jogos em várias bases, compreensão do sistema decimal, valores de posição (classes e ordens), leitura de números inteiros, introdução da base decimal (e actividades com outras bases), operações aritméticas (e provas), situações problemáticas” (p. 188). De acordo com a mesma autora o interesse pedagógico deste material prende-se com

exploração de atributos; associação e comparação; contagem de quantidades; ordenação; jogos em várias bases; compreensão do sistema decimal; valores de posição (classes e ordens); leitura de números inteiros; introdução da base decimal (e actividades com outras bases); operações aritméticas (e provas); situações problemáticas (p.188)

Damas *et al.* (2010) referem também que os Calculadores Multibásicos são considerados um material estruturado composto por placas com cinco orifícios, onde são colocadas peças de cores diferentes. Em cada orifício só é possível colocar peças de uma só cor (...) atendendo ao código de cores (...) (p. 40).

Devo salientar a importância do recreio. Este surge com uma grande importância aquando do crescimento das crianças, uma vez que é neste que podem jogar, correr,

brincar livremente, o que promove não só o desenvolvimento físico, como também intelectual e afetivo.

Hohmann e Weikart (1997) defendem que “o tempo de exterior permite às crianças expressarem-se e exercitarem-se de formas que habitualmente não lhes são acessíveis nas brincadeiras de interior” (p.433). Assim, as crianças, têm oportunidade de brincar e de ser barulhentas, como são naturalmente, o que também é essencial para o seu crescimento.

### **Terça-feira, dia 9 de outubro de 2012**

O dia teve início, como habitual, com o acolhimento.

Já na sala, as crianças foram às respetivas gavetas tirar os seus materiais e a educadora começou a fazer uma revisão alusiva às regras da Cartilha Maternal. Posteriormente, distribuiu as capas de escrita para chamar grupinhos de crianças para aprenderem a lição do dia da Cartilha Maternal. Terminado o período da manhã, as crianças foram ao recreio. Após o recreio, começou a aula de Inglês.

A educadora, no Domínio da Matemática, colocou imagens de carros, de aviões, de borboletas, de gatos e de abelhas, realizando exercícios de contagens e de cálculo mental. Seguiu-se o almoço e, depois, o recreio.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

As crianças iam buscar os materiais de que iriam precisar para realizar as atividades propostas e conduzidas pela educadora, de forma autónoma e responsável.

Com as imagens, a educadora proporcionou que as crianças desenvolvessem noções de conteúdos matemáticos. Serrazina (1991), citado por Caldeira (2009) afirma que “diferentes teorias pedagógicas defendem a utilização dos materiais, para que os indivíduos, através de modelos concretos, consigam compreender conceitos matemáticos” (p.37)

### **Sexta-feira, 12 de outubro de 2012**

Neste dia, a educadora iniciou as atividades com propostas de trabalho, as quais tinham exercícios de grafismos. Quando algumas crianças terminaram, a educadora pediu

que guardassem as fichas nas capas, debaixo da mesa, sendo que as que não tinham terminado, faziam-no depois.

Distribuiu pelas crianças os 3.º e 4.º Dons de Froebel. Procedeu à exploração de cada caixa, perguntando o que estava dentro de cada uma. Pediu que as crianças fizessem a construção da mobília da sala (Figura 6) e colocou questões de cálculo mental. Terminada essa construção, pediu que fizessem a mobília do quarto e colocou novamente questões de cálculo mental.



Figura 5 – Construção da mobília da sala

Por fim, pediu que fizessem a ponte baixa e mandou arrumar o material. A educadora não realizou nenhuma construção, apenas pediu que as crianças as fizessem.

Começou por chamar grupinhos de meninos para irem aprender a lição do dia na Cartilha Maternal, enquanto as restantes crianças terminavam propostas de trabalho que estavam guardadas nas capas de escrita. As crianças que aprendiam uma letra nova, iam ao quadro desenhar essa letra e, depois, desenhavam-na num rascunho. Quando já a sabiam desenhar bem, faziam-no no seu caderno.

Seguiu-se o almoço e o recreio.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

A educadora ao trabalhar os Dons de Froebel, permitiu que as crianças desenvolvessem capacidades, aquando a sua manipulação.

De acordo com Caldeira (2009)

o processo de ensino-aprendizagem é influenciado por diversas variáveis: a acção educativa orientada pelo educador(a) e/ou professor(a) com um determinado objectivo, o papel que os materiais desempenham como ferramentas; um ambiente rico em recursos e estratégias diversificadas; a experimentação-manipulação que provocam a emergência e a formação de capacidades perceptivas, representativas e conceptuais (p.12)

A mesma autora (2009) afirma também que

o material manipulativo, através de diferentes actividades, constitui um instrumento para o desenvolvimento da matemática, que permite à criança realizar a aprendizagem. Esta é o meio de tornar possível novas maneiras de ser e fazer, resultando de um objectivo e de um processo, que proporcionará através de diferentes graus de implicação, trocas com o meio ambiente material e social (p.15)

## **Segunda-feira, 15 de outubro de 2012**

Neste dia, como usual, as crianças iniciaram o dia na roda a cantar.

Assim que entraram na sala, a educadora começou a escrever as letras no quadro pela ordem da Cartilha Maternal de João de Deus e perguntou como se chamavam, mesmo havendo crianças que ainda tinham nas respetivas gavetas, o material. Depois de escrever as letras, perguntou o que eram vogais e ditongos, como dinamização da Cartilha Maternal.

Optou por distribuir as capas de escrita pelas crianças, enquanto ia chamando grupinhos de meninos à Cartilha Maternal; a educadora de apoio e nós orientámos a restante turma.

As crianças dirigiram-se para o recreio. Quando regressaram à sala, a educadora, de forma a mostrar-nos os diversos materiais, distribuiu os Calculadoras Papy, tendo explorado as formas e as cores das peças. Falou da regra deste material, que consiste apenas em poder colocar um botão por cada quadrado. Cada placa representa uma determinada quantidade, o que significa que cada cor tem 1 valor. De seguida, realizaram exercícios e arrumaram o material.

Antes da hora de almoço, a educadora mostrou uma Castanha-da-Índia e explicou que o castanheiro-da-Índia é maior que o castanheiro habitual. Depois de mostrar o fruto a todas as crianças, dirigimo-nos para o refeitório. Quando a maioria das crianças terminaram de almoçar, a educadora levou-as para o recreio. Nós, estagiárias, ficámos no refeitório com as crianças que ainda não tinham terminado.

## Inferências e Fundamentação Teórica

Pela primeira vez, durante o estágio profissional, pude observar o material matemático Calculadores Papy. Caldeira (2009) salienta, que “o material (...) consiste numa série de placas e painéis, divididos em quatro partes; cada uma das partes tem uma cor diferente do material Cuisenaire e representa um valor numérico” (p.345). A mesma autora clarifica ainda que “cada calculadora representa uma ordem e cada conjunto de três calculadores equivalem a uma classe” e que

para orientar a aprendizagem das operações é necessário considerar, reconhecer, o significado das operações e diferentes situações concretas; reconhecer os algoritmos mais usuais e eficientes das operações; compreender tanto as propriedades das operações como as suas relações; com este material a criança: aprende a seleccionar, decidir, descobrir regularidades e a utilizar diferentes modos de chegar à resolução de um problema; realiza a compreensão dos números e da numeração; reconhece a compreensão do sentido do número e das operações; efectua o cálculo com números realizando operações; desenvolve o cálculo; resolve situações problemáticas. (p.347)

Gostei muito da atividade dinamizada pela educadora, assim como do material enunciado em cima. Foi muito interessante e desenvolve o cálculo matemático das crianças.

Este dia começou com propostas de trabalho no âmbito do Domínio da Matemática. Enquanto a educadora ia chamando, como de costume, as crianças à Cartilha Maternal, as minhas colegas e eu orientávamos as restantes nas propostas de trabalho que lhes tinham sido destinadas.

De seguida, depois de todas as crianças terem sido chamadas à Cartilha Maternal, ainda no Domínio da Matemática, a educadora distribuiu o material matemático estruturado Geoplano (figura 6), explorando-o e falando das suas regras de utilização. Com este, elaborou exercícios de orientação espacial.

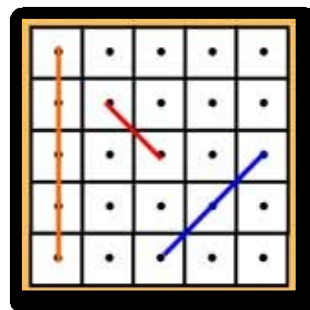


Figura 6 - Geoplano

No final dos exercícios, mandou as crianças limparem os Geoplanos, para fazerem construções livres. As construções, que considerou mais bonitas, foram exibidas aos outros colegas.

De seguida, fomos para o recreio. Quando voltaram do recreio, as crianças tiveram aula de inglês, em que trabalharam o vocabulário das cores em Inglês, e fizeram uma proposta de trabalho.

Terminada a aula de Inglês dirigimo-nos para o refeitório e, depois de todas as crianças terem terminado o almoço, fomos para o recreio.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Durante a aula de Matemática, a educadora trabalhou com o material matemático estruturado Geoplano. Este material, segundo Caldeira (2009), é “(...) um recurso manipulativo, para observação e análise de figuras geométricas” (p.409). Com o mesmo, foi possível desenvolver capacidades físicas tais como, a coordenação óculo-manual. A mesma autora (2009) afirma que “a coordenação visual-motora, ou seja a capacidade de coordenar a visão com os movimentos do corpo e a percepção figura-fundo, desenvolvida através destas actividades, é algo que deve ser estimulada desde os primeiros anos de vida” (p.409).

A educadora utilizou o método do reforço positivo, elogiando as construções que, na sua opinião, estavam mais bonitas. Para as crianças que foram elogiadas, foi um orgulho exibir o seu trabalho aos colegas.

Marujo, Neto e Perloiro (1999), referem que “(...) elogiar e ensinar crianças e jovens a crescerem felizes e sentirem-se motivados para certas tarefas” (p.92). Os mesmos autores são da opinião que as crianças “(...) sentem muito interesse pelas coisas que lhes fazem um prémio ou gratificação” (p.92). A meu ver, é muito importante que as crianças se sintam bem com as tarefas que realizam bem, ou mesmo que não estejam perfeitas, pelo facto de se terem esforçado e empenhado a fazê-las.

### **Sexta-feira, dia 19 de outubro de 2012**

Neste dia, a minha colega Ana dirigiu a manhã de atividades. Começou pelo Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, tendo contado a história *Os Três Astronautas* de Umberto Eco e Eugénio Cami. Terminada a história, a colega fez um breve resumo da

mesma e procedeu a uma dinamização da Cartilha Maternal, tendo orientado a leitura das palavras “vivia” e “viaja”.

De seguida, entrou na Área do Conhecimento do Mundo, pedindo a três crianças que distribuíssem as placas de esferovite, assim como as bolinhas de plasticina pelos colegas. Falou de cada planeta e colava uma imagem no quadro. Em simultâneo, colocava o planeta em plasticina na sua maquete e as crianças iam colocando os seus planetas nas respetivas placas.

Além das características de cada planeta, a colega abordou também o conceito “órbitas”. Mostrou, também, um telescópio e deixou que as crianças o fossem vendo e passando entre si. Terminada a área do Conhecimento do Mundo, a colega levou as crianças para o recreio, onde comeram o lanche da manhã.

De regresso à sala, a colega entrou no Domínio da Matemática, utilizando o material matemático estruturado *Cuisenaire*. Distribuiu uma proposta de trabalho em simultâneo, tendo feito itinerários. A colega foi orientando as crianças, perguntando quanto valia a peça que tinham que colocar na proposta de trabalho, sendo que, no fim, coloriram as propostas de acordo com as cores das peças que utilizaram.

Terminada a aula da colega, as crianças foram para o refeitório e a educadora deu *feedback* da aula.

Como de costume, as minhas colegas, e eu, ficámos no refeitório com as crianças que demoravam mais tempo a comer. E, depois de todas terminarem o almoço, levámo-las para o recreio, para junto dos restantes colegas.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Relativamente à aula da colega, penso que revelou ter uma boa relação com as crianças, estando sempre atenta às dificuldades das mesmas. Mostrou também um grande interesse e alegria em lecionar as diferentes atividades.

De acordo com as autoras Moreira e Oliveira (2003), “as experiências das crianças têm de ser acompanhadas pelo adulto que as ajuda num contexto de aprendizagem cooperativa, na construção e organização das relações espaciais nos objetos, entre os objetos e nos deslocamentos” (p.78).

A minha colega escolheu esta história, por estar relacionada com o conteúdo principal da sua aula: o Sistema Solar. Foi também envolvente e abordou conteúdos também da Área do Conhecimento do Mundo. Esta foi a primeira vez que pude observar uma aula

desta área de conteúdos, durante o Estágio Profissional. A colega enfatizou a atividade dos cientistas, ao aprofundar o tema da sua aula. A Educação em Ciências, a meu ver, tem uma grande pertinência nos primeiros anos de escolaridade. Segundo Lakin (2006) Tenreiro-Vieira, o ensino das ciências permite “promover capacidades do pensamento (criativo, crítico, metacognitivo, ...) úteis noutras áreas / disciplinas do currículo e em diferentes contextos e situações, como, por exemplo, de tomada de decisão e de resolução de problemas pessoais, profissionais e sociais” (p.17).

Relativamente à aula do Domínio da Matemática, a colega realizou um itinerário com o material *Cuisenaire*.

Em concordância com Caldeira (2009), “o sentido espacial é um conhecimento intuitivo do meio que nos cerca e dos objectos que nele existem. A compreensão espacial é necessária para interpretar, compreender e apreciar o nosso mundo, que é intrinsecamente geométrico” (p.173). Este material permite, então, trabalhar de forma profunda e abrangente, estes conteúdos matemáticos.

### **Segunda-feira, dia 22 de outubro de 2012**

Esta manhã de atividades foi dinamizada pela colega Tânia. A colega iniciou a sua aula, pelo Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, lendo a história *A Que Sabe a Lua* de Michael Grejniec. À medida que ia contando a história, a colega foi colando as imagens das personagens no quadro, e foi realizando contagens com as mesmas.

Terminada a história, a colega realizou um breve resumo sobre a mesma e elaborou uma Dinamização da Cartilha Maternal de João de Deus, tendo orientado a leitura de algumas palavras previamente escolhidas. De seguida, entrou na Área do Conhecimento do Mundo, abordando o tema dos movimentos do planeta Terra, tendo exemplificado com as próprias crianças e mostrou também uma maquete onde demonstrou os movimentos de rotação e de translação. De acordo com Cachapuz, Praia, Jorge, Martins e Pereira (2002) afirmam que a importância da Educação em Ciências na Educação Pré-Escolar passa por “responder e alimentar a curiosidade das crianças, fomentando um sentido de admiração, entusiasmo e interesse pela Ciência e pela actividade dos cientistas” (p.17)

Uma vez que as crianças tinham aula de Cerâmica e, depois, se ia realizar a “Hora do Conto”, a manhã de atividades da colega teve que ser dividida pelo dia seguinte.

Terminada esta primeira parte da manhã da colega Tânia, dirigimo-nos para o ginásio para assistir à “Hora do Conto” (figura 7), onde contaram 3 histórias de formas diferentes: a história d’”*A Carochinha*”, através da dramatização; a história “*Os três porquinhos*”, através da leitura de um livro, enquanto passavam um *DataShow*, e, por último, a história “*Capuchinho vermelho*”.



Figura 7 – Hora do Conto

Quando terminou a “Hora do Conto”, as crianças foram para o refeitório e, depois, para o recreio. Como a colega não terminou a sua manhã de atividades, a educadora não deu o *feedback* desta parte da sua aula.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

A colega na Área do Conhecimento Mundo tentou, através da maquete que levou, estimular a curiosidade das crianças pelo tema. Martins, *et.al.* (2009), afirmam que “inicialmente, através do seu brincar, posteriormente, de forma mais sistematizada quando acompanhada pelo adulto, a criança vai estruturando a sua curiosidade e o desejo de saber mais sobre o mundo que a rodeia” (p.22).

Penso que a hora do conto é, de todo, uma atividade muito benéfica para as crianças. Tal como Gomes (2000) afirma que “a hora do conto ocupa um lugar importante, pelo que julgamos fundamental elegê-la como uma das actividades capazes de pela sua prática continuada, proporcionar o desenvolvimento do prazer do ler, resultante, numa primeira

etapa, da simples satisfação do gosto pelas histórias” (p.35). Foi notório, o entusiasmo das crianças durante todo o decorrer deste momento, pelo seu carácter lúdico.

### **Terça-feira, dia 23 de outubro de 2012**

A educadora iniciou a manhã fazendo uma revisão de todas as letras dadas, pela ordem da Cartilha Maternal, escrevendo-as no quadro.

A colega Tânia retomou a sua manhã de atividades, sendo que lhe faltava o Domínio da Matemática. Pediu às crianças para distribuir o material não estruturado que levou. Com esse material, trabalhou lateralidade e a forma geométrica do material. Executou um género de *sudoku* com imagens, cuja regra era que cada cor tinha uma imagem que não se podia repetir, nem na horizontal nem na vertical, trabalhando também a orientação espacial e raciocínio lógico.

Quando deu a aula por terminada, mandou as crianças arrumarem as peças nos envelopes, distribuiu pulseiras, e as crianças dirigiram-se para o recreio.

Já na sala, a educadora deu o *feedback* da aula da colega, enquanto a professora de Inglês iniciou a sua aula.

Terminada a aula de Inglês, as crianças foram para o refeitório e, de seguida, para o recreio.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

A colega, no Domínio da Matemática, realizou um jogo com as crianças. Os jogos assumem uma grande importância no percurso escolar das crianças.

Caldeira (2009) afirma que “mediante o jogo, podem alcançar aprendizagens, para as quais estejam disponíveis” (p.44). O jogo é, então, uma boa forma de envolver as crianças e orientá-las nas suas aprendizagens.

### **Sexta-feira, 26 outubro de 2012**

Este dia teve início com a manhã de atividades da colega Dulce. Começou a sua aula com o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, tendo efetuado a leitura do livro “Clara viaja de avião” de Liane Schneider e procedido à exploração da capa, das imagens e das cores do mesmo. Durante o decorrer da história, metade da turma saiu da sala para ir para a sala de Cerâmica, tendo a colega ficado com doze crianças.

Depois de ter lido a história, e de ter feito um breve resumo da mesma, a colega colocou palavras no quadro e procedeu à dinamização da Cartilha Maternal das palavras “viaja”, “bateu”, “ida”, “pai” e “falta”.

Quando iniciou a Área do Conhecimento do Mundo mostrou um Globo e colocou um Mapa-Mundo que colocou no quadro onde mostrou, definiu e apontou os diferentes continentes e oceanos, sendo este o tema da sua aula.

Entretanto, as crianças que estavam na aula da colega trocaram com as crianças que estavam na aula de Cerâmica. De forma a contextualizar as crianças que chegaram a meio da sua aula, a colega fez a uma breve revisão dos conteúdos que tinha dado até àquela altura.

Já no Domínio da Matemática, pediu a uma criança que desse a cada colega um envelope que continha um *puzzle* de um Mapa-Mundo. Depois de todas as crianças terem feito o *puzzle* com a sua ajuda, colaram-nos numa proposta de trabalho realizada pela colega.

Terminada esta área, as crianças foram para o recreio. Depois do recreio, a colega distribuiu mapas pelas crianças e um envelope com peças que tinham que colocar nos locais indicados por ela, tendo realizado exercícios de lateralização e de cálculo mental.

Para terminar a sua manhã de atividades, a colega passou um Globo Terrestre pelas crianças.

De seguida, as crianças foram para o recreio e depois para o recreio.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

A aula da colega correu bem. A colega manteve uma boa postura e uma boa relação com as crianças. No Domínio da Matemática, utilizou um *puzzle*, orientando as crianças através de lateralização.

Segundo Cordeiro (2010), “os *puzzles* continuam a ser jogos adequados, para estimular a concentração e a relação olho-mão, compreensão global, análise e síntese, e capacidade de resolver de problemas” (p.340). As crianças, durante a realização do *puzzle*, estiveram muito concentradas e focadas na atividade que estavam a desenvolver.

Utilizou também material manipulável, que através da sua utilização e manipulação torna-se num em algo educativo. Tal como refere Royo (1996), citado por Caldeira (2009):

(...) material educativo é aquele que com a sua presença e, e manipulação, provoca a emergência, o desenvolvimento e a formação de determinadas capacidades, atitudes e destrezas na criança de modo a possibilitar experiências que levem a criança progressivamente, desde a formação da sua capacidade preceptiva, à representativa e finalmente à conceptual. (pp. 16-17)

Com estes materiais permitem que as crianças, pela manipulação dos mesmos, intervenham nas suas próprias aprendizagens.

### **Segunda-feira, dia 29 de outubro de 2012**

Esta manhã de atividades foi dirigida por mim. A manhã começou, normalmente, com o acolhimento no salão, seguida do momento de higiene.

Já na sala, dei início à aula, começando pelo Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, procedendo à leitura do livro *História de uma nuvem* de António Torrado. Apelei à participação das crianças, de forma a que realizassem os sons e os gestos pretendidos, ao longo da história. Terminada a leitura, juntamente com o grupo, procedi a um breve reconto da história. Devo salientar que muitas crianças chegaram atrasadas, pelo que as recebi com a preocupação de as contextualizar, de lhes explicar que história estava a ser lida. Mostrei um placard com animais marinhos. Neste placard estavam espalhadas as várias letras vogais. Perguntei o que as crianças viam, sendo que comecei a fazer uma dinamização da Cartilha Maternal. Depois de identificadas todas as letras vogais, colei no quadro palavras, auxiliando as crianças na leitura das mesmas, explorando todas as regras de leitura de cada palavra. As palavras em questão foram “volta”, “viveu”, “pipa” e “tapada”.

Já na Área do Conhecimento do Mundo, voltei a focar a atenção no placard, tendo-o voltado ao contrário. Com o placard iniciei o tema da aula, água como fonte de vida. Comecei por questionar as crianças se a água tinha cor, forma, cheiro e sabor. Perguntei também quais as utilizações que damos à água no nosso quotidiano e onde a podemos encontrar na Natureza. Como não podia deixar de ser, expliquei o que é a água potável, e que fazia parte da roda dos alimentos, situando-se no meio da mesma, que existe o Dia Mundial da Água. Juntamente com as crianças, dialogámos sobre a importância da água na nossa vida e, conseqüentemente, da importância de a poupar. Neste lado do placard, estava um poema alusivo ao tema. Li o poema com as crianças e distribuí, pelas mesmas,

pequenas imagens de gotas de água que, uma a uma, colaram no placard do poema, formando uma gota gigante. Este placard ficou exposto na sala.

Iniciei o Domínio da Matemática, colocando várias imagens de animais marinhos no quadro e realizei breves exercícios de contagens, de cálculo mental, de sequências e de teoria de conjuntos, desenhando a linha fronteira no quadro. Conforme os elementos do conjunto, as crianças tinham que determinar o cardinal do mesmo. De seguida, distribuí pelas crianças placas com 4 retângulos de cores diferentes e quatro formas geométricas pequeninas, triângulo, quadrado, círculo e retângulo. Estas formas geométricas eram colocadas nas placas, representando números. Cada forma geométrica equivalia a uma quantidade, sendo que tinham que representar um determinado número utilizando as formas geométricas. Indiquei a cor que teria que ficar no canto superior esquerdo, dando indicações de lateralização, para que todas tivessem as suas placas na mesma posição. Nessas placas, as crianças tinham que representar, com as formas geométricas, os números pretendidos.



Figura 8 – Aula dinamizada por mim.

Terminada a aula, as crianças foram para o recreio. Seguidamente, foram para o refeitório almoçar e, uma vez mais, para o recreio.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Relativamente à aula do Domínio da Matemática, tentei desenvolver nas crianças o sentido do número. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (ME, 1997), “as oportunidades variadas de classificação e seriação são fundamentais para

que a criança vá construindo a noção de número, como corresponde a uma série (número ordinal) ou uma hierarquia (número cardinal)” (p.331). Também Caldeira se refere à importância de desenvolver o sentido do número e afirma que “exige prática que promovam a experimentação e a comunicação” (p.331).

Estabeleci um diálogo com as crianças, relativo à importância da água, de forma a que todas pudessem dar o seu contributo. De acordo com o descrito nas Orientações Curriculares para Educação Pré-Escolar (ME, 1997) “a comunicação das crianças com outros adultos da instituição e da comunidade, no jardim de infância ou no exterior, são outro meio de alargar as situações de comunicação que levam a criança a apropriar-se progressivamente das diferentes funções da linguagem e adequar a sua comunicação a situações diversas” (p.68). De forma a tornar esse diálogo diferente e mais apelativo, optei por ler um poema ao grupo. De acordo com Aguera (2008, p. 25), o educador deve ler às crianças quadras e poemas curtos e fazê-las repetir o que ouvirem. Refere ainda que as crianças “memorizam pequenos poemas e quadras, e gostam de recitá-los com movimentos e gestos” (p.25). Desta forma, penso ter captado a atenção das crianças, mantendo o seu interesse ao longo da atividade.

### **Terça-feira, dia 30 de outubro de 2012**

Neste dia, a educadora começou pelo Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, onde fez a revisão todas as letras que as crianças já tinham aprendido, assim como os acentos, noção de sílaba e ditongos aprendidos até à data.

Distribuiu as capas de escrita pelas crianças, que realizaram exercícios de caligrafia com a educadora de apoio, das minhas colegas e meu. Enquanto faziam os exercícios de caligrafia, a educadora ia chamando grupinhos de meninos para irem à Cartilha Maternal de João de Deus.

Depois de todas as crianças passarem pela Cartilha Maternal, a educadora circulou pela sala, para ver os trabalhos que estavam a ser feitos. De seguida, mandou-as fazer um comboio e foram para o recreio.

De volta à sala, seguiu-se a aula de Inglês. Durante esta aula, a educadora, as minhas colegas de estágio e eu falámos sobre a aula dada pela colega.

Terminada a aula de Inglês, as crianças foram para o refeitório, almoçaram e, depois, foram para o recreio.

## **Inferências e Fundamentação Teórica**

É fundamental que a educadora proporcione momentos em que as crianças desenham letras e que, ao juntá-las, escrevam palavras. As crianças desenham as letras e as palavras que aprendem no quadro, de seguida numa folha de rascunho e, depois, no Caderno Diário. Segundo as Orientações Curriculares para Educação Pré-Escolar (ME, 1997) “a atitude do educador e o ambiente que é criado devem ser facilitadores de uma familiarização com o código escrito. Neste sentido, as tentativas de escrita, mesmo que não conseguidas, deverão ser valorizadas e incentivadas” (p.69). É importante que as crianças escrevam mesmo que mal, devendo haver um incentivo e reforço positivo da parte da educadora.

### **Segunda-feira, dia 2 de novembro de 2012**

Neste dia houve *roulement*, por isso só estive presente, uma educadora por cada sala, sendo esta responsável pelos dois grupos.

A manhã teve início com a aula de Música. De seguida, no salão, sentadas no chão, as crianças fizeram bolachas. Seguidamente, as crianças brincaram livremente no recreio.

## **Inferências e Fundamentação Teórica**

A meu ver, a Música tem um papel importante e significativo nas aprendizagens das crianças.

O investigador Kalmer (referido em Jensen, 2002), “descobriu que a música estabelece muitas correlações positivas com a escola” (p.64). Este dia foi realmente muito bem aproveitado pelas crianças, que brincaram livremente, depois de terem feito as bolachas. Durante toda a manhã, as crianças mostraram-se felizes e participativas.

### **Segunda-feira, dia 5 de novembro de 2012**

Esta manhã teve início com o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. A educadora distribuiu as capas de escrita pelas crianças e estas realizaram exercícios de caligrafia com o auxílio de uma educadora de apoio que, entretanto, chegou à sala, das minhas colegas e meu. Em simultâneo, a educadora ia chamando grupinhos de meninos à Cartilha Maternal.

De seguida, a educadora foi buscar os 3.º e 4.º Dons de Froebel. Tinha cartolinas com construções desenhadas. Selecionou uma criança para ir escolher uma cartolina e a educadora colou-a no quadro. Enquanto todas as crianças realizaram essa construção, a educadora ia circulando pela sala.

No final, procedeu a exercícios de cálculo mental, tendo repetido o processo algumas vezes.

Posteriormente, a educadora entrou no Domínio da Matemática e distribuiu as respetivas capas pelas crianças, onde estavam propostas de trabalho em atraso.

A educadora mandou todas as crianças arrumarem as propostas de trabalho dentro das capas, fizeram um comboio e foram para o refeitório.

Terminado o almoço, as crianças foram para o recreio.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Estes dois materiais juntos assumem um interesse pedagógico que, de acordo com Caldeira (2009), "(...) são um acumulado dos objectivos os Dons em separado, com alguma complexidade acrescida (...) maior diversidade nas actividades; diferentes construções; cálculo mental; situações problemáticas mais complexas; maior equilíbrio; desenvolvimento de criatividade" (p.285). A mesma autora salienta ainda que é possível desenvolver capacidades e destrezas, sendo estas "equilíbrio, construir, relacionar, ordenar, comprovar, saber contar, noção de quantidade, orientação espacial, coordenação óculo-manual, motricidade fina, concentração, atenção" (p.285). Com este material, não se pretende que as crianças decorem apenas as construções. A educadora ao executar as construções com o grupo, desenvolve noções espaciais, tais como a esquerdo e direito, o cima e baixo, etc.

### **Terça-feira, dia 6 de novembro de 2012**

Este dia começou com a educadora a distribuir as capas do Domínio da Matemática. As crianças continuaram a realizar as propostas de trabalho, que tinham iniciado no dia anterior.

De seguida, a educadora mandou arrumar as capas debaixo da mesa e foi buscar caixas de material matemática estruturado *Cuisenaire* e um instrumento musical, o triângulo. As crianças contavam quantas vezes a educadora tocava com o instrumento musical e tinham que tirar a peça que valia aquele valor.

Posteriormente, a educadora perguntava quais as peças que ficavam antes e depois, sendo que referiam sempre o valor de cada uma.

Fazia, em simultâneo, exercícios de decomposição de números (*“se eu te partir ao meio a peça castanha, ficavas com duas peças da mesma cor, que juntas valem o mesmo que a peça castanha. De que cor são?”*).

Pedi que as raparigas fizessem a escada por ordem crescente (Figura 9) e, os rapazes, por ordem decrescente (Figura 10). A educadora escolheu uma criança para ler a escada por cores e outra, por valores.

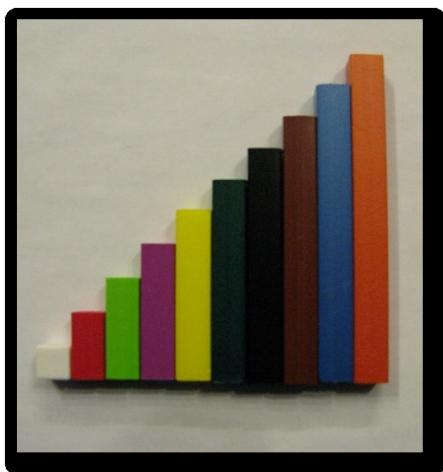


Figura 9 – Escada por ordem crescente

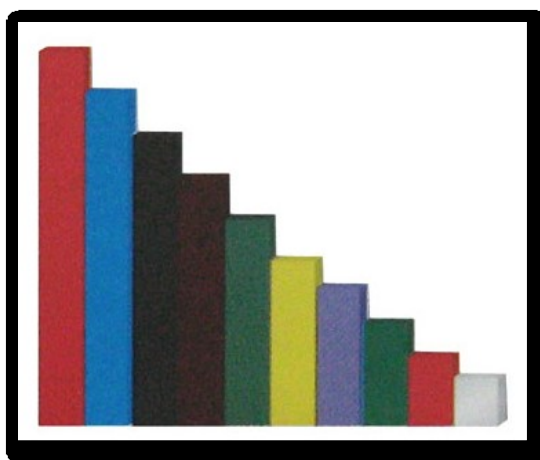


Figura 10 – Escada por ordem decrescente

Por fim, as crianças arrumaram o material estruturado nas caixas, fizeram um comboio e foram para o recreio.

De regresso à sala, deu-se início a aula de Inglês. A professora começou por fazer uma revisão das cores e da respetiva música. Trouxe uma novidade que agradou a todas as crianças: os livros de Inglês, sendo que deixou que as crianças o folheassem, livremente. Para terminar a aula, a professora cantou com as crianças.

Terminada a aula de Inglês, a educadora mandou as crianças fazerem um comboio e seguiram para o refeitório.

Como algumas crianças já tinham terminado de almoçar, a educadora levou-as para o recreio, e as minhas colegas e eu ficámos a auxiliar aqueles que ainda não tinham terminado, como de costume.

## **Inferências e Fundamentação Teórica**

Durante a aula do Domínio da Matemática a educadora optou por explorar o material estruturado *Cuisenaire*.

Tal como refere Caldeira (2009), o interesse pedagógico deste material prende-se com os aspetos:

iniciação à matemática, desenvolvimento da criatividade, compreensão da noção de número, decomposição de números, relações de grandeza, noção de par e ímpar, manipulação das operações numéricas, resolução de situações problemáticas, múltiplos e divisores de um número inteiro, sequências, simetrias, fracções e números decimais, perímetros, áreas, volumes. (p.126)

Este material assume um grande valor aquando das aprendizagens de noções da Matemática. Segundo Vale (2000), citado em Caldeira (2009), “há diversos investigadores que referem que a aprendizagem é mais eficaz, significativa e duradoura quando os alunos utilizam essas ferramentas, pois permite interagirem uns com os outros, reflectindo e comunicando entre si as suas experiências” (p.127). As crianças aprendem, então, melhor manipulando e experimentando materiais, desenvolvendo as suas capacidades e destrezas matemáticas, entre outras.

## **Sexta-feira, dia 9 de novembro de 2012**

A manhã teve início com o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e a educadora distribuiu as capas de escrita pelas crianças. Estas continuaram a realizar as propostas de trabalho em atraso, nas quais as minhas colegas de estágio e eu íamos prestando auxílio e corrigindo.

A educadora pediu que as crianças arrumassem as capas, uma vez que o professor de Música tinha chegado. Cantaram a música de boas vindas e desenharam a clave de sol e a clave de Fá.

Para terminar a aula, falaram das notas musicais.

Terminada a aula de Música, as crianças foram à casa de banho e, de seguida, a educadora levou-as para o refeitório.

Quando todas as crianças terminaram de almoçar, foram para o recreio.

Neste dia, houve um incidente com uma criança que me deu um pontapé, quando a chamei à atenção. De seguida, levei-a a uma educadora, que estava na outra sala do refeitório e que se encarregou da situação. Falei com essa educadora, que repreendeu a

criança em questão, e tentou fazer com que pedisse desculpa, o que não aconteceu. A educadora tirou-lhe o bibe e disse-lhe que já não pertencia àquela turma.

De seguida, dirigi-me ao recreio, onde estavam as restantes crianças.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

O incidente, que teve lugar neste dia, revelou que a criança em questão tem grande falta de disciplina e com grande dificuldade em cumprir as regras estipuladas.

Estrela (1992) refere que o conceito de indisciplina “relaciona-se intimamente com o de disciplina e tende normalmente a ser definido pela sua negação ou privação ou pela desordem proveniente da quebra das regras estabelecidas” (p. 15).

A educadora que estava no refeitório interveio, repreendendo a criança, tentando que esta pedisse desculpa e parasse de ter aquele comportamento. Tal como Estanqueiro (2010) refere, o pretendido é que repreensão desperte e resulte numa atitude positiva no aluno. De acordo com o mesmo autor “a intenção pedagógica da repreensão é levar o aluno a refletir, a reconhecer os seus erros e a corrigir-se, assumindo as suas responsabilidades” (p. 69). A educadora interveio de forma a que a criança entendesse qual o comportamento que não poderia ter futuramente.

### **Segunda-feira, dia 12 de novembro de 2012**

Nesta manhã, quando cheguei ao Jardim-Escola, dirigi-me à roda onde as crianças cantavam. Antes da ida à casa de banho, a mãe da criança que, no dia anterior de estágio, me deu um pontapé, pediu para falar comigo, para me pedir desculpa. Depois de ter falado com a mãe da criança, fui para a sala de aula, de onde fui chamada pela diretora do Jardim-Escola, que também queria falar comigo sobre o incidente, assim como dizer-me que já estava a resolver a situação, tendo aconselhado a mãe a procurar ajuda técnica para a criança.

De seguida, a educadora surpreendeu-me para uma atividade surpresa no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. Deu-me cartões, com imagens da história d’*A Branca de Neve*” e pediu-me para que. Quando terminasse a história, procedesse a uma dinamização da Cartilha Maternal. Depois de ler a história, fiz uma breve revisão da mesma e peguei na Cartilha Maternal, da qual escolhi dinamizar as palavras “beija” e “feio”. Uma vez que tinha tempo, perguntei quantas sílabas tinha cada palavra e pedi que as crianças retirassem as caixinhas das letras móveis. Fui pedindo para tirarem algumas

letras como “f”, “j”, etc. De seguida, pedi que representassem palavras como por exemplo “eu”, “teu”, “ia”, “fui”, entre outras.

Abordei os conceitos de sílaba e ditongo e também as regras associadas a estes conceitos.

Quando dei por terminada a minha aula, as crianças foram para o recreio, onde a educadora deu o seu *feedback* sobre a minha aula surpresa.

De regresso à sala, foi a vez da minha colega Dulce ser também surpreendida com uma aula surpresa pela educadora, sendo que o seu tema eram situações problemáticas. A educadora deu-lhe gelados com bolas de várias cores. A colega abordou os conceitos de par, ímpar, dezena e dúzia.

Terminado o almoço, as crianças foram para o recreio. De regresso, do recreio foram para o refeitório e, depois, uma vez mais para o recreio.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

A educadora propôs uma atividade à Dulce, em que elaborasse situações problemáticas com as crianças. Tal como mencionado nas para Educação Pré-Escolar Curriculares (ME, 1997) “importa que o educador proponha situações problemáticas e permita que as crianças encontrem as suas próprias soluções, que se debatam com outra criança, num pequeno grupo, ou mesmo com todo o grupo, apoiando a explicitação do porquê da resposta e estando atento a que todas as crianças tenham oportunidade de participar no processo de reflexão” (p.78). A colega tentou, que sempre que alguma criança lhe respondesse a uma questão, lhe explicasse, em voz alta, para todo o grupo, como atingiu aquela resposta.

### **Terça-feira, 13 de novembro de 2012**

Este dia teve início, como usual, com o acolhimento no salão.

Já na sala, a educadora distribuiu as capas de Matemática, que continham propostas de trabalho, de forma a ocupar as crianças, enquanto chamava crianças grupos de crianças à Cartilha Maternal.

Posteriormente, surpreendeu a colega Tânia para orientar uma atividade surpresa no âmbito do Domínio da Matemática, tendo-lhe fornecido imagens de uma quinta, de animais e de meninos, entre outras. Foi-lhe proposto, pela educadora, realizar exercícios de contagens, de cálculo mental e de situações problemáticas.

Seguiu-se a aula de Inglês. Enquanto esta decorria, a educadora aproveitou para comentar a aula da colega.

De seguida, as crianças foram para o refeitório, onde foi servido o almoço e, depois foram para o recreio.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

A colega, de início sentiu-se um pouco nervosa e demonstrou-o um pouco. Mas à medida que ia decorrendo a aula foi descontraindo, tendo tido um bom fio condutor e lógico ao longo da mesma.

Colocou questões dirigidas e manteve sempre uma boa postura e relação com as crianças do grupo. Esteve sempre atenta às dificuldades de cada criança, assim como às suas dúvidas. Revelou que tinha o conhecimento teórico e conseguiu aplicá-lo e colocar questões de formas diferentes, consoante a criança a quem se dirigia. Como estipulado nas Orientações Curriculares para Educação Pré-Escolar (1997, p. 34), é importante “conhecer teorias, possuir conhecimento, mas o mais importante é conhecer individualmente cada criança e facultar-lhe um ambiente seguro onde se sinta valorizada.” Assim, o papel do educador é, não só transmitir o que sabe a nível de teoria, de conteúdos, mas também de adaptar esses conhecimentos teóricos a cada criança, respeitando a sua individualidade e valorizando-a.

### **Sexta-feira, dia 16 de novembro de 2012**

Nesta manhã, a educadora foi chamando as crianças à Cartilha Maternal enquanto as crianças trabalhavam no Domínio da Matemática.

Foi dia da minha segunda aula surpresa requisitada pela educadora, que me pediu para trabalhar situações problemáticas com um material não estruturado. As crianças dividiram-se em dois grupos para irem à aula de Cerâmica.

Como estava a chover, não puderam ir ao recreio, então, a educadora deixou-as jogar ao jogo do galo na sala.

De seguida, colou imagens no quadro, mandou as crianças fechar os olhos e trocava uma, duas ou três imagens. Escolhia uma criança, que ia ao quadro colocar as imagens na ordem certa e escrever o nome de uma delas (pato, bola, etc.).

Depois de ambos os grupos terem ido à aula de Cerâmica, deu-se início à aula de Música, tendo sido orientado o ensaio das músicas que iam cantar na festa de Natal.

A seguir ao almoço, como mais uma vez não puderam ir ao recreio, ficaram no salão, onde se realizou mais um ensaio para a festa de Natal.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

A educadora deixou as crianças brincarem, livremente, no salão, uma vez que não era possível levá-las para o recreio exterior. Penso que foi muito importante ter-lhes dado tempo e espaço para poderem brincar sem restrições, por estarem confinados ao salão.

Em concordância com Hohmann e Weikart (2004) “brincar é agradável, espontâneo, criativo e imprevisível. A brincadeira é, para as crianças, fonte de profunda satisfação, desafio, prazer e recompensa, seja barulhenta ou sossegada, suja ou ordeira, disparatada ou séria, vigorosa ou não exigindo esforço” (p.87).

À medida que a festa de Natal se aproxima, sente-se alguma tensão, mas também se sentem e vivenciam momentos de boa disposição. No Jardim-Escola, educadores e professores devem conseguir trabalhar em equipa, com sentido de cooperação; tal como salientam os mesmos autores, Hohmann e Weikart (1997), “o trabalho em equipa é um processo interactivo (...) é um processo de aprendizagem pela acção que implica um clima de apoio e respeito mútuo” (p. 130).

O trabalho em equipa torna-se vantajoso para todos, uma vez que surgem sugestões, opiniões e troca de ideias essenciais para desenvolver e apoiar as crianças na realização de uma boa festa de Natal.

Também as crianças se sentem mais tensas durante os ensaios, com as suas falas, e com a sua prestação no decorrer da festa. Assim, gostam de se envolver na elaboração da mesma. Cabe às educadoras e professoras envolvê-las ao máximo e promover também a cooperação entre elas.

Estanqueiro (2010) afirma que “a cooperação é um sinal de qualidade na educação” (p. 21).

Desta forma, a festa de Natal surge como um evento marcante e muito importante para todos os envolvidos.

### **Sexta-feira, dia 19 de novembro de 2012**

Nesta manhã, a minha colega Ana foi surpreendida pela educadora para dinamizar uma atividade surpresa, no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, para uma

dinamização da Cartilha Maternal. A educadora deu-lhe algumas palavras para que escolhesse as que iria querer utilizar, dinamizando a sua leitura.

Para dar início à sua aula, a colega ditou duas regras fundamentais: todas as crianças tinham que estar bem sentadas e em silêncio. Pediu que tirassem as caixas com as letras móveis. Procedeu então à dinamização da leitura das palavras “viaja”, “ouvido”, “pé”, “cidade” e “bateu”.

De seguida, pediu que formassem, com as letras móveis, as palavras “bola” e “avô” e foi circulando pela sala de forma a auxiliar as crianças nas suas dificuldades e corrigindo cada uma.

Terminada a aula da colega, as crianças formaram comboio e dirigiram-se para o recreio. Lá, houve um incidente: uma criança foi-se queixar à educadora que um colega da turma lhe tinha batido e a educadora incentivou-o a bater no colega que o tinha magoado, à sua frente. A criança agrediu então o colega, dando-lhe um murro no peito.

Seguiu-se o almoço e o recreio.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré- Escolar (2009), “A aprendizagem da Matemática implica que o educador proporcione experiências diversificadas e apoie a reflexão das crianças, colocando questões que lhes permitam ir construindo noções Matemáticas” (p.74)

No recreio, é muito frequente surgirem conflitos entre alunos. De acordo com Orientações Curriculares para Educação Pré-Escolar (ME, 1997)

a vida em grupo implica o confronto e opiniões e a solução de conflitos que permite uma primeira tomada de consciência de perspectivas e valores diferentes, que suscitarão a necessidade de debate e negociação, de modo a fomentar atitudes de tolerância, compreensão do outro, respeito pela diferença(p.54)

Ainda nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (ME, 1997), “a participação no grupo permite também à criança confrontar-se com opiniões e posições diferentes das suas, experimentar situações de conflito. O educador apoiará as tentativas de negociação e resolução de conflitos, favorecendo ainda oportunidades de colaboração” (p.37). Penso, então, que a forma como a educadora lidou com este caso, não foi o melhor; penso que não o solucionou.

### **Terça-feira, dia 20 de Novembro de 2012**

A manhã de atividades foi iniciada com o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, distribuindo propostas de trabalho pelas crianças, enquanto chamava as crianças à Cartilha Maternal de João de Deus.

Após a atividade anterior, decorreu o ensaio para a festa de Natal. Terminado o ensaio, as crianças regressaram à sala e, nesta altura, a colega Ana foi surpreendida pela educadora para dinamizar uma atividade surpresa, no âmbito do Domínio da Matemática. A educadora forneceu à colega imagens de ratos com imagens de peças de roupa, cujo objetivo era realizar exercícios de Situações Problemáticas.

As crianças foram para o recreio e, depois, tiveram aula de Inglês, seguindo-se o almoço e o recreio.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

A colega teve como material, um material não estruturado, imagens de ratinhos com cachecóis e luvas. Este tipo de material é educativo, por possibilitar o desenvolvimento de capacidades na criança, através da sua manipulação. Royo (1996), citado em Caldeira (2009) resume que “material educativo é aquele que, com a sua presença e manipulação, provoca a emergência, o desenvolvimento e a formação de determinadas capacidades, atitudes e destrezas na criança, de modo a possibilitar experiências que levem a criança progressivamente, desde a formação da sua capacidade perceptiva, à representativa e, finalmente, à conceptual. Não é um meio que facilita o ensino, é o ensino em si mesmo” (p.16). Os materiais assumem um papel significativo na aprendizagem das crianças.

### **Sexta-feira, dia 23 de novembro de 2012**

Este dia foi dia de aulas surpresa pelas Professoras da Equipa de Supervisão da Prática Pedagógica. A minha colega Ana foi surpreendida por uma professora supervisora que lhe pediu uma atividade no âmbito do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, trabalhando com as letras móveis e que dinamizasse a Cartilha Maternal com uma palavra. A colega escolheu a palavra “Bota”, colou-a no quadro e foi conduzindo todas as crianças, para que estas escrevessem a mesma com as letras móveis.

Depois de todas as crianças terem escrito a palavra “bota”, a colega lançou um desafio final: pediu que fizessem outra palavra, mudando apenas uma vogal.

De seguida, entrou outra professora da Equipa de Supervisão da Prática Pedagógica, que me surpreendeu para orientar uma aula surpresa no Domínio da Matemática. A professora mandou-me trabalhar: 3.º e 4.º Dons de Froebel, trabalhando, em simultâneo, situações problemáticas. Realizei com as crianças a construção do comboio e do carrocel. Terminada a minha aula surpresa, nós, estagiárias, dirigimo-nos para a reunião com a Equipa de Supervisão Pedagógica.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Os domínios a abordar, na aula da colega, pela professora da Equipa de Supervisão da Prática Pedagógica, não foram os previamente requisitados, uma vez que as crianças nunca tinham feito aquele género de exercícios. Assim, a professora alterou os conceitos que queria avaliar na aula da colega.

Correu bem, uma vez que a colega se revelou calma e serena. Foi circulando pela sala, tendo ajudado todas as crianças a escrever a palavra que pediu, assim como na dinamização da Cartilha Maternal.

Relativamente à minha aula, penso que não correu mal, uma vez que atingi os objetivos propostos, mas a meu ver, uma vez que as crianças nunca tinham trabalhado este material estruturado, não sabiam as construções que me foram pedidas, o que dificultou um pouco o decorrer da aula.

Mesmo assim fui conduzindo as crianças nas construções e orientei as situações problemáticas no âmbito da própria construção, por exemplo: “Eu fui andar no carrocel e levei 6 amigos, mas apenas havia 4 lugares. Quantos alunos não andaram no carrocel?”. Tentei também realizar exercícios de cálculo mental.

Depois de terminadas as aulas avaliadas, ouvimos as críticas, não só das educadoras, como também das professoras da Equipa de Supervisão Pedagógica e também dos nossos colegas.

Zeichner (1993) afirma que “expondo e examinando as suas teorias práticas, para si próprio e para os seus colegas, o professor tem mais hipóteses de se aperceber das suas falhas” (p.21).

Penso que é através das críticas dadas pelas educadoras e as professoras, que são mais experientes, que nos confrontamos com os nossos erros e que progredimos enquanto docentes, de forma a tornarmo-nos mais ativos e dinâmicos.

## **Segunda-feira, dia 26 de Novembro de 2012**

Neste dia a educadora começou por chamar grupinhos de crianças à Cartilha Maternal, enquanto as restantes realizavam exercícios de caligrafia, no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

Depois do recreio, a educadora distribuiu o material estruturado Calculadores Multibásicos. Colocaram as duas placas da mesma cor juntas, uma em baixo da outra e a outra placa um pouco mais abaixo. Começou com o jogo das bases, dizendo a regra do jogo. Sempre que ditava um exercício, e após todas as crianças o realizarem, pedia a duas que lessem as placas e, com peças feitas em cartolina, colava no quadro o resultado, para que, quem tivesse feito mal o exercício, pudesse corrigir.

Quando arrumaram o material, a educadora distribuiu as capas do Domínio da Matemática e realizaram propostas de trabalho, enquanto a educadora falou da sua apreciação relativa à aula da colega Tânia.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Ao longo do estágio, nesta sala, pude aperceber-me que a educadora sempre acolhe as crianças que chegam atrasadas com um beijinho. Assim, pude constatar que a educadora mantém uma relação um pouco distante com as crianças. Penso que manter uma relação próxima, de confiança e de ternura com as crianças, possibilita que haja um bom ambiente e clima na sala de aula, e favorece as aprendizagens. Só assim as crianças se sentirão à vontade de colocar as suas dúvidas, de expor as suas dificuldades e de participar nas atividades, sem que estas sejam “obrigadas”.

Dean (s.d), citado por Morgado (2004) afirma que “(...) relativamente ao clima de sala de aula, a necessidade de que seja estimulante, proporcionando uma base de apoio ao aluno que promova a sua confiança (...)” (p.97).

De acordo com Chorão (2000, p.1396-1397), a relação pedagógica define-se

1. Do ponto de vista da concepção vulgar do termo, a expressão é, muitas vezes, utilizada na literatura comum sobre assuntos de educação, indiferentemente, com a de «relação educativa»;
2. A existência de um educador e de um educando exigem uma relação entre ambos para que se realize a educação. (...);
3. (...) devemos, e para terminar, salientar, também, o aspecto direccional da R.P. Este situa-se na problemática da orientação pessoal ou do grupo para uma melhor integração dos objectivos do processo, nas necessidades reais do aluno, na complexidade real da intervenção educativa e, enfim, na perspectiva de uma adequada orientação escolar.

Segundo Hohmann e Weikart (2009), “a confiança nos outros permite à criança aventurar-se em acções sabendo que as pessoas de quem ele ou ela depende lhe darão o apoio e encorajamento necessários à realização de tarefas” (p.65)

Relativamente às atividades no âmbito do Domínio da Matemática, com o material Calculadores Multibásicos, devo salientar a importância do jogo das bases.

Caldeira (2009) afirma que “o aspecto lúdico e o jogo estão presentes nas actividades com os Calculadores Multibásicos, material *Cuisenaire*, Dons de Froebel, Blocos Lógicos, Palhinhas (...)” (p.38). A mesma autora refere que

os jogos constituíram sempre uma forma de actividade de o ser humano, no sentido de recrear e de educar ao mesmo tempo. A relação entre o jogo a educação são antigas; Gregos e Romanos já falavam da importância do jogo para educar a criança (p.39).

As crianças gostam naturalmente de jogar, e aprendem mais facilmente, se o fizerem através de um jogo.

### **Terça-feira, dia 27 de novembro de 2012**

Esta manhã de atividades, após o acolhimento no salão, teve início com o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. A Educadora chamava grupinhos de crianças à Cartilha Maternal, para aprenderem a lição do dia. Enquanto a educadora se focava na Cartilha, as minhas colegas e eu, orientávamos as restantes crianças do grupo, com propostas de trabalho do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. Nestas, pretendia-se que as crianças copiassem palavras.

Seguidamente, chegou a professora de Inglês, dando início à sua aula. Terminada a aula, as crianças não puderam ir para o recreio exterior por estar a chover. Então, a educadora levou-as para o salão, onde lhes distribuiu uma maçã. Mesmo depois de terem terminado a maçã, a educadora disse-lhes para permanecerem sentadas. Neste recreio, as crianças não puderam brincar em momento algum, tendo permanecido, durante todo o tempo sentados no chão do salão, conversando apenas.

Já na sala, a educadora distribuiu o material Pattern Blocks, que é constituído por diversas formas. Pediu que as crianças observassem as peças e perguntou se tinham todas a mesma cor e se tinham a mesma forma. Pediu, então, que cada criança escolhesse uma peça e que falasse sobre a mesma.

Perguntou quantos lados tinham as peças que cada criança escolhia. Ensinou a forma “losango” e explicou que tinha a mesma quantidade de lados que o quadrado. Ensinou

também o “trapézio” e o “hexágono”, assim como o número de lados. De seguida, pediu que juntassem 2 trapézios para observarem que faziam um hexágono e que, com 2 triângulos, formam um quadrado.

Experimentaram juntar formas, formando outras.

Para terminar, a educadora deixou as crianças brincar com o material (figura 11) e depois arrumaram-no.



Figura 11 – Construção com o material Pattern Blocks

A educadora distribuiu as capas de escrita e, quando terminaram as propostas de trabalho, as crianças foram para o recreio.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Relativamente às propostas de trabalho, considero que mesmo que a criança tenha um modelo (a palavra escrita) e tenha como exercício copiá-lo, é relevante para o seu desenvolvimento da escrita. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (ME, 1997) “neste processo emergente de aprendizagem da escrita, as primeiras imitações que a criança faz do código escrito vão-se tornando progressivamente mais próximas do modelo, podendo notar-se tentativas de imitação de letras e até a diferenciação de sílabas” (p.69). Assim, fazendo imitações de palavras, a criança treina, até conseguir escrever corretamente a palavra.

### **Sexta-feira, dia 30 de novembro de 2012**

Neste dia, a educadora faltou. Assim, as crianças juntaram-se ao outro grupo dos 5 anos, e tiveram aula de Música.

Seguiu-se o recreio e a aula de Cerâmica.

Terminada a aula de Cerâmica, as minhas colegas e eu levámos as crianças para a respetiva sala, onde estiveram a realizar propostas de trabalho no âmbito do Domínio da Matemática. Chegou uma educadora de apoio, que ficou na sala connosco. Depois, as crianças foram almoçar, e depois foram para o recreio.

### **Inferências**

Este dia, uma vez que a educadora não compareceu, as crianças foram acompanhadas por outros docentes, prosseguindo nas atividades estipuladas no horário do grupo.

### **Segunda-feira, dia 3 de dezembro de 2012**

Nesta manhã, a colega Tânia foi surpreendida por uma professora da Equipa de Supervisão da Prática Pedagógica. Esta pediu-lhe que dinamizasse uma aula no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, tendo que ler uma lengalenga. A colega mostrou uma varinha, que disse às crianças ser mágica e, com ela, espalhou magia. Utilizou também um saco, de onde retirou uma imagem de um bicho-de-conta. Primeiramente, explicou que animal era o da imagem e retirou também a lengalenga relativa ao bicho-de-conta. Começou por ler, e depois leu de novo, com a colaboração das crianças, mais duas vezes. Na lengalenga apontou a palavra *rebola*. Para que todas as crianças a pudessem ver, escreveu-a no quadro. Apontou a primeira letra da palavra (r) na Cartilha Maternal com o ponteiro. Apenas uma criança conhecia a letra, sendo que a colega perguntou como se chamava e quantos valores tinha. Perguntou qual a regra da letra “a” no final da palavra. Por fim, leu a palavra com as crianças.

Pedi para que retirassem as letras móveis das suas caixas, que tinham debaixo das mesas e, para terminar a aula, da palavra rebola retirou a primeira sílaba (representada no quadro), pedindo que todos escrevessem a palavra com as letras móveis (figura 12).



Figura 12 – Palavra escrita com as letras móveis

Terminada a aula da colega, as crianças foram para o recreio e nós, estagiárias, fomos reunir-nos com as professoras da Equipa da Supervisão da Prática Pedagógica, onde foram discutidos os pontos fracos e também os fortes das aulas das colegas.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Para a aula da colega, a professora da Equipa de Supervisão da Prática Pedagógica escolheu uma lengalenga, com a qual seria feita a leitura de algumas palavras, fazendo uma dinamização da Cartilha Maternal. A colega leu, com as crianças, repetidas vezes até estes a conseguirem dizer sozinhas. Realizaram também gestos durante a mesma.

Segundo Aguera (2008), as lengalengas “pelas suas características, pela sua simplicidade, pelo seu ritmo e musicalidade, são uma boa estratégia para as crianças” (p.29). O mesmo autor refere também que “(...) a rima e o ritmo estão intimamente ligadas ao processo psico-evolutivo da infância” (p.24).

A colega podia ter também ter utilizado diferentes formas de dizer a lengalenga, de forma a tornar a atividade mais dinâmica, como por exemplo mais rápido, lentamente, batendo palmas, sem voz, por entre outras estratégias.

### **Terça-feira, dia 4 de dezembro de 2012**

Neste dia, depois das crianças terem cantado na roda, dirigimo-nos para o ginásio, para dar início ao ensaio geral para a festa de Natal do Jardim-Escola.

Durante o ensaio, uma criança não quis utilizar uns óculos que caracterizavam a avó do Capuchinho Vermelho. A educadora insistiu para que os usasse, mas a criança chorando, recusou-se, mesmo depois de lhe ter sido dito que não faria parte da peça de teatro se não usasse. A criança em causa, chorou compulsivamente durante todo o ensaio e a educadora mandou-a parar de chorar.

No final do ensaio, dois alunos dirigiram-se à educadora, dizendo que um tinha batido no outro. A educadora mandou a criança que disse ter sido agredido bater no colega. À primeira, bateu devagar na outra criança, penso que não sabendo se era mesmo para bater ou não, e a educadora mandou-a bater mais duas vezes 'com mais força'.

Já na sala, a educadora pediu-nos que fossemos terminar de pintar o cenário que seria usado durante o teatro, enquanto as crianças foram para o recreio.

Quando regressámos para junto da turma, estava a decorrer a aula de Inglês. Ouviram a história da coruja bebé. Como a história fala da mãe da coruja, todos pintaram a sua mãe, de acordo com as suas características físicas.

Depois de terminada a aula de Inglês, as crianças foram almoçar e, posteriormente, para o recreio.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Este ensaio foi levado a cabo com muito empenho por parte das crianças, por ser o último ensaio. Esta seria a última oportunidade que teriam para decorar todas as falas e todos os movimentos a ter durante a peça, que seria observada pelos encarregados de educação.

De acordo com Almeida (1994), "o ensaio geral, é como todos sabem, o derradeiro e por isso e deve ser feito na véspera do dia em que o espetáculo tiver lugar" (p.47).

Durante o ensaio, uma criança chorava compulsivamente por não querer utilizar um adereço (óculos) da personagem que iria representar (a avó da Capuchinho Vermelho). A educadora gritou com a criança e exigiu-lhe que parasse de chorar, tal não aconteceu, muito pelo contrário, cada vez chorava mais. E, de seguida, a educadora disse à criança que se não parasse de chorar, a retiraria da peça. A criança permaneceu durante todo o ensaio a chorar.

De acordo com Cordeiro (2010), “o choro, perante uma situação de frustração ou de um ralhete, demonstra apenas desolação e incapacidade de lidar com os sentimentos. Ordenar a paragem de um comportamento que, para a criança, é impossível até de descodificar, não vai adiantar coisa nenhuma: talvez amedrontá-la mais e aumentar a sua perplexidade (...) e consequentemente choro”(p.203).

Uma vez mais, a educadora adotou uma postura que me incomodou. Resolveu um conflito entre duas crianças, incentivando uma a bater na outra. Penso que a atitude da educadora não foi a mais correta, uma vez que, na posição em que se encontra, jamais deverá incitar uma criança a bater noutra, seja com que motivo for. Penso que deveria ter chamado as duas crianças em questão e ajudá-las a resolver o conflito, incentivando-as a falar e fazê-las entender que não se devem agredir.

Neste caso talvez não fosse benéfico também atribuir um castigo, mas sim investir num diálogo, de forma a que ambas as crianças realmente interiorizassem que não ganham nada agredindo-se mutuamente. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (ME,1997) “cabe ao educador alargar intencionalmente as situações de comunicação, em diferentes contextos, com diversos interlocutores, conteúdos e intenções que permitam às crianças dominar progressivamente a comunicação como emissores e como receptores” (p.68)

Segundo Cunha, (1996), “ a arte de educar na autonomia consiste no contínuo esforço para promover, não soluções de compromisso em que todas perdem um pouco, mas alternativas de superação em que todos ganham tudo” (p.66). É fundamental que as crianças interiorizem as regras, principalmente no que diz respeito a agressões mútuas, e que a educadora os incentive sempre.

### **Sexta-feira, dia 7 de dezembro de 2012**

Como este era o último dia antes da festa de Natal, a educadora optou por passar o dia a ensaiar para a mesma. Juntaram-se os dois grupos dos 5 anos e ensaiaram as músicas que iriam cantar na festa.

De seguida, fomos assistir aos ensaios das outras turmas. Seguiu-se o nosso ensaio. Terminado o ensaio, as educadoras levaram as crianças para o recreio. Teve, então, lugar a hora da refeição e, depois o recreio, novamente.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Este dia foi, inteiramente preenchido, pelos ensaios para a festa de Natal.

### **Segunda-feira, dia 10 de dezembro de 2012**

Este foi um dia muito esperado por todos, o dia da festa de Natal. Como o teatro da nossa turma estava programado para mais tarde, as minhas colegas e eu ajudámos outra turma a vestir-se e preparar-se para o seu teatro.

Quando terminámos de ajudar, dirigimo-nos à sala onde o nosso grupo estava reunido. Cantámos músicas e, algumas crianças, como se sentiam inseguras, quiseram ensaiar as suas falas. Vestimo-las, e, já na hora do nosso teatro, orientámos as entradas e saídas do palco.

Terminadas as apresentações de todas as turmas, todas as colegas estagiárias foram convidadas para almoçarmos com o corpo docente do Jardim-Escola e com alguns diretores de outros Jardins-Escola e professoras da Equipa de Supervisão da Prática Pedagógica.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Este dia foi muito importante para todos. As crianças estavam muito ansiosas por ir representar e por serem observados pelos pais e restantes familiares. Penso ser de grande importância a participação dos pais nestes eventos da escola. Os pais colaboraram na confeção das roupas que os seus educandos utilizaram neste dia.

Hohmann e Weikart (2004) afirmam que “ ao colaborarem, os elementos obtêm reconhecimento, um sentido de trabalho bem sucedido e um sentimento de pertença a um grupo de indivíduos que pensam de forma semelhante” (p.131). Foi então benéfica a participação dos Encarregados e Educação nos preparativos da festa de Natal.

### **Terça-feira, dia 11 de dezembro de 2012**

Neste dia, a educadora iniciou a manhã de atividades com uma pequena dinamização da Cartilha Maternal, à medida que ia escrevendo as letras no quadro, estando esta atividade inserida na área da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. De seguida, distribuiu as capas de escrita. Nós, estagiárias orientámos as crianças, enquanto a educadora chamava à Cartilha Maternal.

Após o recreio, as crianças tiveram aula de Inglês, em que cantaram músicas alusivas ao Natal e a professora apelou ao enriquecimento do vocabulário. A professora nomeou os seus ajudantes e estes ajudaram-na a distribuir os livros, de onde destacaram uma folha, que depois de colorido e dobrado, seria um postal de Natal, que levaram para casa.

Quando a educadora retomou a aula trabalhou cálculo mental, com questões “tens dois e eu dou-te mais três. Ficas com quantos? Tens 5, tiro-te um. Ficas com quantos? “. A educadora colocou uma questão a todas as crianças mas, uma vez que apenas o fez no abstrato, muitas crianças sentiram dificuldades em chegar ao resultado correto.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

A educadora iniciou a manhã com a Cartilha Maternal de João de Deus. O método de leitura da Cartilha tem como intenção ser um facilitador da aprendizagem para a criança. Tal como afirma Deus (1997), o método surge como “o conjunto de processos e meios que posam facilitar a aquisição do acto de ler” (p.7). Este mesmo autor defende ainda que o método enunciado acima é “um método fácil de aprendizagem para o aluno mas que, no entanto, exige um consciente trabalho de compreensão por parte do professor” (p.8).

A educadora efetuou exercícios de cálculo mental, o que penso ser muito importante iniciar na valência da Educação Pré-Escolar.

Tal como Castro e Rodrigues (2008), mencionam “as competências de cálculo das crianças em idade pré-escolar desenvolvem-se em simultâneo com as suas competências de contagem” (p.29).

Segundo Serrazina (1996), citado por Caldeira (2009), “(...) adquirir o sentido do número é compreender os seus significados, desenvolver relações entre os números, reconhecer a sua grandeza relativa e como se comportam os adicionados, subtraídos, multiplicados ou divididos” (p.66). É então necessário que a criança tenha a noção do sentido do número, para poder desenvolver outras capacidades matemáticas.

### **Sexta-feira, dia 14 de Dezembro de 2012**

Esta manhã de atividades foi iniciada com o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem Escrita, sendo que a educadora iniciou uma dinamização da Cartilha Maternal. De seguida, distribuiu as capas de Matemática, em que trabalharam exercícios de sequências, de cálculo mental e de teoria de conjuntos.

Chegada a hora do intervalo, as crianças guardaram as propostas de trabalho nas respetivas capas e dirigiram-se para o salão do Jardim-Escola, uma vez que estava a chover.

Quando regressámos à sala, as crianças ajudaram a distribuir as capas de escrita, dando-se início ao Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, realizando exercícios de caligrafia e ortografia em propostas de trabalho. Terminadas as propostas de trabalho, as crianças seguiram para o refeitório e, novamente, para o salão do Jardim-Escola.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Desde que acompanho este grupo, sinto falta de momentos reservados à leitura de histórias. Desde que comecei a estagiar nesta sala, não observei nenhum momento de leitura de histórias.

Tal como refere Gomes (2000)

(...) a «hora do conto» ocupa um lugar importante, pelo que julgamos fundamental elegê-la como uma das actividades capazes de, pela sua prática continuada, proporcionar o desenvolvimento do prazer de ler, resultante, numa primeira etapa, da simples satisfação do gosto pelas histórias. (p. 35)

Penso que seria benéfico para as crianças serem momentos reservados à leitura e ao imaginário.

## **2.ª Secção- Estágio realizado na faixa etária dos três anos**

Esta segunda secção é referente ao segundo momento de estágio, que foi realizado no grupo dos três anos de idade. Teve início no dia 4 de janeiro de 2013 e terminou no dia 5 de abril do mesmo ano.

### **2.1. Caracterização da turma**

A turma dos três anos de idade é composta por vinte e oito crianças, quinze do género feminino e treze do género masculino. Todas as crianças têm três anos de idade até 31 de Dezembro de 2012.

O grupo está bem integrado na dinâmica do Jardim-Escola e demonstra motivação e interesse pelas diversas aprendizagens e experiências.

Estas informações referentes ao grupo foram, gentilmente, cedidas pela educadora cooperante.

## 2.2. Caracterização do espaço

A sala do grupo da faixa etária dos três anos é muito ampla, com muito espaço livre, o que possibilita a circulação pela mesma (figura 13). É também muito iluminada devido às várias janelas.

Tem um cantinho da leitura, delimitado por um tapete onde as crianças se sentam para ouvir histórias. Tem também um cantinho das presenças, onde a educadora fez um mapa das presenças, em que a educadora assinala as presenças, e tem ainda outro cantinho da Meteorologia, onde as crianças colam imagens relativas às condições climatéricas do dia.

Uma vez que a sala não tem quadros fixos, há um quadro móvel que, de um lado, é de giz e do outro, é branco, no qual se utilizam canetas próprias.

Por toda a sala há imagens coladas nas paredes e, num placar estão afixadas algumas propostas de trabalhos que as crianças realizaram.



Figura 13 - Sala do grupo dos 3 anos

## 2.3. Horário

De seguida, apresento o horário semanal de atividades do grupo dos três anos. (Quadro 3).

Quadro 3 – Horário Semanal do grupo dos 3 anos de idade

Dias/horas	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
9h00 / 9h30	Partilha de saberes	Acolhimento/canções de roda		Partilha de saberes	Acolhimento/canções de roda
9h30 / 10h00	Área de Projeto: Estimulação à Leitura			Música (9h00 -10h00)	Área de Projeto: Estimulação à Leitura
10h00 / 10h30	Ed. do Movimento	Conhecimento do Mundo	Iniciação à Matemática	Conhecimento do Mundo	Iniciação à Matemática
10h30 / 11h00	Partilha de saberes	Proposta de trabalho	Proposta de trabalho	Proposta de trabalho	Ed. do Movimento
11h00 / 11h30	Recreio				
11h30 / 12h00	Higiene / Preparação para o almoço				
12h00 / 12h30	Almoço				
12h30 / 14h30	Recreio (livre e orientado) / Hora da sesta				
14h30 / 15h00	Higiene / Preparação da sala				
15h00 / 16h00	Atividades de arte plástica; desenvolvimento da motricidade fina; jogos orientados; estimulação à leitura; aulas de descoberta				
16h00 / 16h20	Higiene				
16h20 / 17h00	Lanche / Saída				

Nota: de três em três semanas o grupo tem Cerâmica às quintas-feiras das 10h00 às 11h00

## 2.4. Rotinas

Este grupo apresenta várias rotinas, o que é fulcral para que as crianças interiorizem hábitos que fazem parte do seu quotidiano, no contexto escolar.

Zabalza (1998), salienta que a rotina desempenha um papel importante, pois estrutura e possibilita o domínio do processo a ser seguido e o quotidiano passa a ser previsível, dando autonomia e segurança à criança. (p. 52)

De acordo com Cordeiro (2010), “é essencial criar rotinas, porque o próprio elemento repetitivo é inerente à securização”(p.286).

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (ME, 1997), “a sucessão de cada dia ou sessão tem um determinado ritmo existindo, deste modo, uma rotina que é educativa porque é intencionalmente planeada pelo educador e porque é conhecida pelas crianças que sabem o que podem fazer nos vários momentos e prever a sua sucessão, tendo a liberdade de propor modificações” (p.40). Neste grupo, as rotinas são as seguintes:

### **Acolhimento**

As crianças chegam ao Jardim-Escola e reúnem-se no salão.

Pelas 9 horas o grupo dos 3 anos faz um círculo e, à volta deste, outro círculo é formado pelo grupo dos 4 anos, juntamente com as educadoras. Nesta roda, cantam-se várias canções, muitas vezes sugeridas pelas próprias crianças.

Cordeiro (2010), questiona se existirá alguma criança que não goste de cantar e diz que a aprendizagem de canções estimula a memorização e leva a criança a adquirir vocabulário, assim como a interiorizar regras, a expressar o sentido rítmico, a explorar o seu corpo e a ter uma maior noção de espaço e tempo (p.373). O mesmo autor considera que “este momento que não deve ser demasiado rígido em termos de horários, dado que há crianças que (...) é mais uma oportunidade para estimular a relação família/escola, e transmitir informação do que se passou e de alguma preocupação dos pais” (p.370).

De acordo com Weinberguer (citado por Jensen, 2002), “cantar é um bom estímulo para o cérebro”, sendo que “é um meio para promover tanto a competência musical como um desenvolvimento global...” (p.64). O mesmo autor refere que “os professores deviam ser incentivados a aumentar a música na aula”(p. 65).

## **Higiene**

Os hábitos de higiene fazem parte da rotina do grupo da faixa etária dos 3 anos. Após o acolhimento na roda, antes das refeições e após os recreios, as crianças dirigem-se à casa de banho.

Cordeiro (2010), menciona que a higiene é muito importante, uma vez que desenvolve a autonomia das crianças e refere ainda que estas aprendem que, após uma atividade ou depois de fazerem as suas necessidades, as mãos têm que ser bem lavadas. (p.373). O mesmo autor salienta ainda que a higiene é um “momento deveras importante” (p.373).

## **Recreio**

O recreio é sempre orientado por uma ou duas educadoras, que não deixam em momento algum, as crianças sozinhas. Normalmente, é nele que comem o lanche da manhã. Nele, as crianças brincam livremente no pátio, sendo este um espaço amplo e, em parte, coberto, e é também onde as crianças libertam as energias acumuladas durante a manhã.

De acordo com Pessanha (2001), enquanto as crianças brincam “manifestam diversas formas de comportamento lúdico. Essa diversidade depende de muitos factores, tais como: desenvolvimento físico e emocional, meio ambiente, contexto familiar, educação, factores materiais, etc” (p.43).

O mesmo autor defende que “na primeira infância as crianças passam, grande parte do seu tempo a explorar, descobrir e brincar”, assim sendo, “cada contacto com um novo objecto é uma fonte de descoberta, de aprendizagem, de brincadeira” (p.43).

Um outro fator que o autor revela é que “a criança, ao brincar, revela comportamentos que evidenciam aspectos fundamentais do seu desenvolvimento, de preferências e temperamentos” (p.43).

## **Refeições**

A primeira refeição que as crianças têm na escola é o lanche da manhã, que é dado por volta das 10h30m, podendo este ser constituído por bolachas, pão ou uma maçã. Às 12h almoçam, sendo que o almoço é constituído, normalmente, por sopa, prato principal e sobremesa que, na sua maioria, é fruta. Apenas o almoço tem lugar no refeitório, sendo que o lanche da manhã pode ser distribuído na sala ou no recreio. Ao estar presente

durante os almoços, constatei que estes são servidos de forma equilibrada, e as crianças podem repetir, se assim o quiserem.

Neste período, é essencial transmitir regras às crianças, nomeadamente, como saber estar sentado à mesa e saberem para que servem o guardanapo, os talheres, entre outros instrumentos utilizados para a ocasião.

De acordo com Cordeiro (2010), a refeição serve para alimentar, mas também para estimular a autonomia nas crianças, para saber respeitar o ritmo do grupo e para transmitir as noções de alimentação e nutrição. (p.373) Refere ainda que a criança aprende a “aceitar o menu do dia sem reclamar, como é, por vezes, hábito em casa” (p.373).

Jensen (2002), afirma que “ a maioria das crianças come para satisfazer a fome e não tem informação suficiente para o fazer com o objectivo de atingir uma aprendizagem óptima” (p.47).

## **Sesta**

No Jardim-Escola, apenas o grupo dos 3 anos dorme a sesta. A educadora fecha todos os estores das janelas da sala e fecha as cortinas, de forma a proporcionar um bom ambiente que se adegue ao momento em questão.

Cordeiro (2010) defende que a sesta deve ser feita num ambiente calmo e as crianças devem, sozinhas, preparar-se para fazer a sesta, se bem que a educadora pode auxiliar, se a criança assim necessitar. (p.306) O mesmo autor, (2010) refere também, que “a sesta deve ser um passo de rotina, que a criança já antecipa quando está a fazer outras coisas anteriores, como lavar as para ir comer” (p.306). É favorável à criança que haja momentos repetidos ao longo da semana.

## **2.5. Relatos diários**

### **Sexta-feira, dia 4 de Janeiro de 2012**

Este foi o primeiro dia de estágio na sala dos 3 anos. De início, a educadora explicou-nos, resumidamente, a dinâmica da sala, e explicou que este dia seria um pouco complicado, uma vez que começava com aula de música e, de seguida, com a aula de cerâmica (metade da turma de cada vez).

De seguida, apresentou-nos à turma e pediu que cada criança dissesse também o seu nome. Pediu-nos que realizássemos uma tela com coroas com as crianças (uma a uma),

alusiva ao Dia de Reis, uma vez que, na segunda-feira seguinte, os encarregados de educação iriam poder ver os dossiers dos seus educandos e tomar um lanche.

Entretanto uma criança chegou ao Jardim-Escola a chorar, não querendo separar-se da mãe. A educadora revelou ter muito carinho não só pela criança em questão, como também por todas as outras. Transmitiu confiança e serenidade à criança.

Enquanto as minhas colegas e eu estávamos a realizar o placar com as crianças, a educadora deu uma aula do Domínio da Matemática, de iniciação ao material estruturado, *Cuisenaire*. Não pude tomar atenção a esta atividade, pelo trabalho que estávamos a realizar, mas apercebi-me de que falou nas diferenças das peças, no tamanho e cores e falou também na importância da peça branca, a unidade. Foi sempre pedindo às crianças que repetissem as palavras novas, tais como “*cuisenaire*”, “atributos” e “unidade”.

Durante a sesta, a educadora falou connosco sobre as aulas que iríamos dar, assim como as datas e os temas. Esta, desde o início que se mostrou recetiva ao nosso envolvimento com a turma e foi notória a relação saudável que mantém com as suas crianças.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Logo desde início, menciono que a educadora mantém uma relação de respeito e de cumplicidade com o seu grupo, o que lhe permite motivá-lo, proporcionar um bom ambiente de aprendizagem e, ao mesmo tempo, demonstrou ter autoridade, sem ter que, em momento algum, elevar a voz ou até mesmo gritar.

Maya (2000), afirma que “é a capacidade do professor para motivar os alunos e criar condições para a sua aprendizagem que lhe confere autoridade” (p.9).

Quando a criança chegou ao Jardim-Escola a chorar, a educadora fê-la sentir-se segura e mais calma.

Tal como Lahora (2008) afirma, “é fundamental criar um clima de confiança na sala, para que a criança se sinta acolhida envolvida em afetividade, pois apenas ao sentir-se aconchegada se colmatará esta necessidade básica e ela estará em condições de poder aprender”(p.10).

Após o almoço, auxiliiei a educadora a deitar e a aconchegar as crianças nas suas camas. Segundo Cordeiro (2010), “(...) o deitar e aconchegar, com mimo e um beijinho, deverão ser obrigatórios, e não o mandar para a cama como se tratasse de uma instituição militar” (p.306). Pelo que observei posso afirmar que a educadora se mostrou sempre

muito carinhosa com todas as crianças, especialmente na hora da sesta, aconchegando-as e dando-lhe um beijinho.

### **Segunda-feira, dia 7 de Janeiro de 2013**

Este dia teve início com o habitual acolhimento no salão, com a roda das canções.

As crianças pintaram coroas e papéis grandes, que serviram para forrar as mesas da sala (figura 14), uma vez que se festejava o Dia de Reis e, da parte da tarde iria decorrer um lanche em que os pais das crianças estiveram presentes. Esta atividade foi, então, alusiva a um dia festivo, neste caso, ao Dia de Reis.



Figura 14 - Atividade alusiva ao Dia de Reis

A educadora solicitou-nos, também que realizássemos com as crianças um painel alusivo ao tema, para expor na sala (figura 15).



Figura 15 – Painel alusivo ao Dia de Reis

Neste dia houve também um teatro realizado no ginásio do Jardim-Escola. A peça intitulou-se “O traseiro do rei”, alusivo ao Dia de Reis. Após a peça, seguiram-se o almoço e a sesta.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

As crianças, durante a atividade que consistia em colorir as toalhas (em papel) nas mesas, tiveram à sua disponibilidade diversas cores. Tal como é referido nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (ME, 1997), “Importa, (...) que as crianças tenham sempre à sua disposição várias cores que lhes possibilitem escolher e utilizar diferentes formas de combinação” (p.62). A educadora teve a preocupação de espalhar várias taças com várias cores pelas mesas e trocava-as para que todas as crianças pudessem utilizar as cores que pretendiam.

### **Terça-feira, dia 8 de Janeiro de 2013**

Neste dia a educadora, depois da roda e da ida à casa de banho, sentou as crianças no tapete em semicírculo. Marcou as presenças e pediu a uma criança que se dirigisse ao “Cantinho da Meteorologia” para colocar o símbolo correspondente ao presente dia. O menino em questão revelou uma certa timidez, e a educadora, de forma a não lhe dizer qual o símbolo que pretendia, pediu-lhe que abrisse a porta e que olhasse para o céu. Assim, conseguiu colocar o símbolo correto.

A educadora sentou-se no tapete de frente ao grupo, utilizou um estímulo musical com um pau-de-chuva, acendeu uma vela que colocou no centro, e contou uma história *A Surpresa de Handa*, de Eillen Browne, onde realizou inflexões de voz, de forma a captar a atenção das crianças. Quando a história terminou, chamou uma criança para apagar a vela, marcando o final do momento de magia da história.

De seguida, a educadora foi buscar um estendal que pendurou à frente do grupo e mostrou peças de roupa. Com este material trabalhou o cálculo matemático, contagens, as cores, quantidades e iniciação à Teoria de Conjuntos. Com diversos exercícios apelou sempre à participação das crianças e, uma vez mais, conseguiu captar a atenção de todas.

Por fim, a educadora arrumou os materiais, distribuiu o lanche da manhã e foi com as crianças para o recreio. Terminado o recreio, o grupo dirigiu-se à casa de banho para

realizarem os procedimentos de higiene, e foram para o refeitório. Depois de todos terminarem o almoço, foram para a respetiva sala, dormir.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Considereei muito interessante o Cantinho da Meteorologia. A educadora escolheu uma criança para ir observar como estava o tempo e colocava a figura adequada no dia da semana correto. De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (ME, 1997) “se a observação do tempo faz parte de muitos contextos da educação pré-escolar, os conhecimentos de meteorologia (vento, chuva, etc.) são aspectos que interessam às crianças (...)” (p.81).

Na estimulação à leitura que a educadora fez, conseguiu captar a atenção das crianças pela sua expressão fácil e pelas inflexões de voz que fez. Envolveu-as num mundo de fantasia e utilizou o fator surpresa.

Cury (2004,p.66) refere que o tom de voz deve expressar emoção e que a tonalidade deve ir variando, pois, só assim, o educador conseguirá captar e estimular a concentração nas crianças. As crianças envolvem-se mais na história, se realizarmos inflexões de vozes, se a elevarmos a dada altura e, também, se diferenciarmos as vozes das personagens participantes.

### **Sexta-feira, dia 11 de Janeiro de 2013**

Este dia de atividades foi iniciado com a aula de Música.

Seguidamente, a educadora sentou as crianças em semicírculo no tapete e procedeu a uma Estimulação à Leitura, com a história, *Gosto de ti* de Fernanda Serrano. No final da história, a educadora disse o nome de cada criança, afirmando, carinhosamente, que gostava de cada uma delas.

Terminada a atividade que a educadora realizava, a colega Dulce foi surpreendida por uma professora da Equipa de Supervisão Pedagógica para dinamizar uma aula no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, tendo que dinamizar a leitura do livro *A que sabe a lua*, de Michael Grejniec. Terminada a leitura da história, a colega colocou questões relativas à ordem dos animais e a toda a envolvente da mesma. Após a aula da colega, dirigimo-nos para a reunião com a Equipa de Supervisão da Prática Pedagógica.

## **Inferências e Fundamentação Teórica**

Gostei imenso da forma como a educadora contou a história às crianças. Revelou um bom tom de voz, assim como a sua expressividade. Apelou ao tema da afetividade. Mostrou as imagens do livro e conseguiu captar a atenção de todas as crianças.

Segundo Cordeiro (2010), ao lermos um livro podemos oferecer “(...) situações e histórias que permitam rever, confirmar, debater, mudar e discutir valores, ideias e conceitos, para além do espaço de lazer, divertimento e prazer que proporciona” (p.427). O mesmo autor declara ainda que

é, aliás muito importante que as educadoras programem o dia em função dos vários momentos anímicos das crianças – excitação, calma, grupo, individual, etc. As crianças reúnem-se no tapete, com a educadora, e aproveita-se o momento que tem lugar no início da manhã, para dar em oportunidade de contar as novidades (...) e de desenvolver a memorização. Para além disso, as crianças aprendem a saber ouvir, a esperar pela sua vez e a estar com atenção, concentração e tranquilidade. Desenvolve-se o sentido do respeito pelos outros e valoriza-se a linguagem e a relação afectiva, bem como a observação (p.371).

Na reunião foram falados e discutidos os pontos positivos e os pontos a melhorar na aula da colega. Esta reunião foi essencial, principalmente quando a aula não é programada mas sim surpresa.

Vieira (1993) refere que a supervisão, relativamente à formação do professor é “ (...) como uma actuação de monitoração sistemática da prática pedagógica, sobretudo através de procedimentos de reflexão e de experimentação” (p.28). Desta forma é fundamental a Supervisão Pedagógica, de forma a elucidar-nos das nossas falhas e da forma como podemos melhorá-las.

## **Segunda-feira, dia 14 de Janeiro de 2013**

Nesta manhã de atividades, as minhas colegas de estágio e eu ajudámos as crianças a vestirem o seu equipamento de ginástica para a aula que se seguiria. Uma vez que a educadora faltou nesta manhã, uma educadora de apoio ficou responsável pelo grupo e iniciou as atividades com o Domínio da Matemática, utilizando o material estruturado, 1.º Dom de Froebel. Sentou as crianças no tapete, em semicírculo e foi realizando jogos e questões relativas às cores do material e à posição das bolas do mesmo. Depois, as crianças seguiram para a aula de Ginástica.

A educadora, tendo já retomado o grupo, requisitou que nós, estagiárias, fôssemos buscando grupinhos de crianças para realizarem as máscaras de Carnaval, enquanto realizava com as restantes crianças uma lengalenga.

Posteriormente, seguiu-se o almoço e a sesta das crianças.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Penso que as aulas de Ginástica são fundamentais, uma vez que as crianças, através destas, desenvolvem o corpo e adquirem noção dos seus próprios limites.

Segundo Figueiredo (2004), “a exploração de diferentes formas de movimento permite ainda tomar consciência dos diferentes segmentos do corpo, das suas possibilidades e limitações, facilitando a progressiva interiorização o esquema corporal e também da tomada de consciência do corpo (...)” (p.50). A Ginástica é, também, um momento relaxante para as crianças, onde libertam energias.

### **Terça-feira, dia 15 de Janeiro de 2013**

Neste dia a educadora começou o dia com avaliações de contagem com materiais não estruturados, brinquedos (parafusos grandes de legos), portanto Domínio da Matemática. Esta atividade foi interrompida, uma vez que foi solicitada uma atividade surpresa pela Equipa de Supervisão da Prática Pedagógica a uma colega estagiária, no Domínio da Matemática. Nesta aula, propuseram-lhe como objetivo trabalhar a subtração com um material alternativo à sua escolha. Esta escolheu utilizar peças de roupa. A colega optou por contar uma história, na qual tinha ido ao *shopping* fazer compras de forma a envolver as crianças na dinâmica da sua aula. Referiu as cores de todas as peças e foi pedindo às crianças que fossem buscar determinada quantidade de certas peças de roupa ou de uma cor.

De seguida, foi a vez de outra colega dar aula surpresa assistida também pela Equipa de Supervisão Pedagógica. Foi-lhe proposta uma aula também no Domínio da Matemática, sendo que os seus objetivos foram a soma e o cálculo mental. A colega pediu à educadora quatro placas de esferovite de diferentes cores (que seriam canteiros) com várias flores. Antes de iniciar a sua aula, pediu às crianças que se levantassem e realizou exercícios de relaxamento para um retorno à calma. Quando se sentaram de novo no tapete, espalhou as flores no chão à volta dos vários canteiros. Introduziu estímulo musical com um guizo.

Foi pedindo aos meninos que fossem buscar as flores com a cor que pedia ou a quantidade que pedia e, de seguida, que os colocassem nos canteiros.

No final da aula, colocou purpurinas nas cabeças das crianças.

Antes da reunião com a Equipa de Supervisão Pedagógica, houve mais uma aula surpresa, desta vez na sala dos 5 anos. A esta colega foi proposto que trabalhasse o material estruturado, Calculadores Multibásicos. A colega optou por realizar o jogo das torres. Nesta aula, a colega ultrapassou o tempo máximo, uma vez que, como errou o jogo que pediu para as crianças realizarem, pediu para recomeçar.

Terminada a aula da colega, dirigimo-nos para a reunião, onde foi dado o parecer sobre cada aula proposta.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Relativamente à primeira aula, a colega mostrou-se calma e tranquila, controlando o nervosismo natural que advém de uma situação de avaliação. Tentou que todas as crianças participassem nos exercícios que ia propondo e esteve atenta às dificuldades das mesmas, quando não conseguiam responder. Tentou criar um ambiente de magia, dizendo às crianças que em determinada altura estavam no seu quarto, o que não resultou, uma vez que alguns meninos lhe respondiam que era mentira e que estavam na sala do Jardim-Escola e não no seu quarto. Não conseguiu também manter a disciplina da turma, sendo que havia crianças a bater nos armários da sala, a tirar sapatos e a mexer no material.

A aula dada de seguida, penso ter corrido melhor. Esta colega conseguiu introduzir o estímulo musical e manteve a participação das crianças, tendo intervindo, quando sentiu ser necessário. Com os exercícios de relaxamento, conseguiu captar a atenção das crianças e manteve o interesse.

Por fim, a última aula dada, na sala dos 5 anos, a meu ver, não correu bem. A colega enganou-se nas indicações que deu à turma e ela própria tinha mal as suas placas, tendo induzido, desta forma, as crianças em erro. Quando se apercebeu, pediu às professoras da Supervisão para repetir o jogo, e fê-lo. Penso que revelou humildade, ao admitir que errou e tentou realizar de novo o exercício que propôs inicialmente.

Um outro fator que considero crucial salientar é que o professor e/ou educador não é detentor de todo o conhecimento, deve sim tentar superar as suas dificuldades mas não sabe tudo.

De acordo com Sosin (2006), “ o professor ideal não sabe tudo (...). Aprende com a turma e mostra que não se incomoda em não saber todas as respostas” (p.63).

No final da aula, reunimo-nos com as professoras da Equipa de Supervisão da Prática Pedagógica na qual as colegas fizeram uma reflexão relativa às suas aulas, e foram debatidos os aspetos a melhorar de cada uma.

Segundo Alarcão (1996), “(...) o supervisor surge como alguém que deve ajudar, monitorar, criar condições de sucesso, desenvolver aptidões e capacidade no professor” (p.33). Através do *feedback* que nos é dado, temos possibilidade de fazer uma reflexão e de melhorar. O mesmo se sucede, com os concelhos e sugestões dadas.

### **Sexta-feira, dia 18 de janeiro de 2013**

Neste dia, não compareci ao estágio profissional, por motivos de doença.

### **Segunda-feira, dia 21 de janeiro de 2013**

Neste dia, como habitual, as crianças quando chegaram à sala, trocaram de roupa, uma vez que iam ter aula de Ginástica. As minhas colegas e eu, ajudámo-las a vestir o respetivo equipamento. A educadora, de forma a minimizar o barulho, colocou música infantil e todas as crianças ouviram, atentas. As que já estavam equipadas, sentavam-se no tapete, ouvindo e cantando a música.

De seguida, e antes da aula de ginástica, a educadora surpreendeu a colega Tânia com uma atividade surpresa. Esta atividade inseriu-se no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, em que a colega procedeu à leitura da história *Beijinhos, beijinhos* de Selma Mandine. A colega pegou numa varinha que elaborou, tentando introduzir o fator da magia na sua aula. Mostrou o livro e começou a lê-lo. Como a educadora lhe deu tempo para se preparar, antes de começar a aula, a colega foi buscar algodão e uma folha de lixa para as crianças tocarem e entenderem a noção que o livro retratava. Foi pedindo que repetissem os beijinhos.

Quando terminou a história, perguntou às crianças qual era o tipo de beijinho de que mais gostaram e, para terminar a sua aula, pegou num novelo de lã e passou-o a uma criança, como se enviasse um beijinho e todas as restantes fizeram o mesmo. (Figura 16).

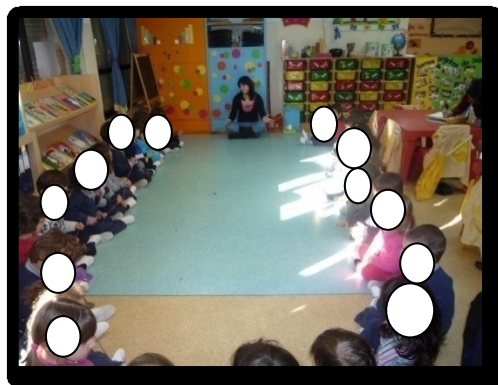


Figura 16 – Aula da colega Tânia

Depois da aula da colega, as crianças foram para a aula de ginástica e as minhas colegas e eu fomos descansar. Quando regressámos, o grupo estava no recreio, onde brincavam livremente sob a supervisão atenta de duas educadoras.

Depois do almoço, as minhas colegas e eu deitámos as crianças e a educadora deu-nos o parecer da aula da colega.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

A educadora deu tempo à colega para que pudesse preparar a sua aula e estruturar o seu raciocínio e fio condutor da aula. Assim, a colega foi procurar elementos que pudesse introduzir na atividade, tendo ido buscar, nomeadamente, algodão e uma folha de lixa, como acima referido. Penso que a colega se mostrou prática e adaptou-se à situação da melhor forma planeando uma atividade simples mas exequível.

Durante a aula, a colega revelou-se calma, tranquila e expressiva, mantendo as crianças sempre atentas e interessadas na história. E a colega apelou também às vivências das crianças e, quando possível, partiu dos conhecimentos das mesmas.

Tal como mencionado por Aguera (2008), “ para os mais pequenos, uma história, um pequeno conto é qualquer coisa que se lhes narre, de modo a que, ao contá-la elas

possam vivê-la, senti-la e vê-la de todas as formas possíveis” (p.33). A mesma autora salienta ainda que “o acto de contar ou ler é de maior importância. (...)”

Depois das crianças estarem deitadas, a educadora deu um *feedback* da aula da colega que, a meu ver, é uma mais valia para a evolução profissional, não só para quem deu a aula mas como para todo o grupo de estágio. Há sempre erros cometidos que, através deste tipo de críticas, nos elucidam para uma melhor estratégia.

### **Terça-feira, dia 22 de janeiro de 2013**

Nesta manhã, a educadora começou por sentar as crianças no tapete, realizar as presenças e o “Cantinho da Meteorologia”. De seguida, contou todas as crianças em voz alta, e todas a acompanharam na contagem. A educadora contou comigo e comas minhas colegas também, tendo-nos envolvido na dinâmica da sala sempre.

Pegou em dois sofás pequenos que estavam na sala, no cantinho dos brinquedos, e colocou-os atrás de si. Pegou no livro *Todos no Sofá* de Luísa Ducla Soares e iniciou o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, contando uma história. A educadora acendeu uma vela, colocando-a no centro da roda formada pelo grupo no tapete e abanou o pau-de-chuva, simulando o som da chuva. À medida que ia contando a história, ia contando os animais que ficavam no sofá e ia mostrando as imagens do livro, explorando as cores e as imagens. Foi pedindo que fizessem o som de cada animal de que a história falava.

Terminada a história, a educadora chamou uma criança para apagar a vela e, depois, chamou 10 meninos. Destinou um animal a cada um e pediu-lhes que se sentassem no “sofá” e depois recontou a história. À medida que o animal saltava do sofá, o menino que representava esse animal saltava também do sofá. Fez então uma dramatização com o grupo e foi estimulando o cálculo, tendo feito interdisciplinariedade.

Depois da dramatização, a educadora levantou-se e pediu que as crianças que se levantassem também, tendo realizado um jogo de dança, como retorno à calma.

De seguida, a colega Ana foi surpreendida pela educadora, que lhe pediu que dinamizasse uma aula surpresa, no Domínio da Matemática.

A colega teve também tempo para se preparar para a sua aula e, quando deu início à mesma, sentou as crianças no tapete em semicírculo e mostrou uma fada, apelando à imaginação das mesmas. Decidiu usar material não estruturado, sendo este, peças de vestuário, tendo trabalhado, de início, a associação do vestuário ao tempo, ou seja, do

clima, associado à estação do ano. Realizou exercícios de contagem (cálculo matemático), primeiro no concreto e, depois no abstrato, de lateralização espacial e introduziu o estímulo musical, tendo utilizado umas castanholas, sendo que pedia a quantidade de vezes consoante as vezes que batia as castanholas. E, para terminar, pegou na fada que mostrou no início da sua aula, e disse-lhes que esta estava muito contente com o comportamento de todos.

Terminada a aula da colega, as crianças foram para o salão assistir a um filme infantil, enquanto a educadora aproveitou para nos dar o *feedback* da aula da colega.

Depois do recreio, foram almoçar e, de seguida, foram dormir a sesta.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

A estratégia de ter um mapa das presenças na sala, a meu ver é uma estratégia pertinente. A educadora estimula-os a responder quando chama pelos seus nomes.

De acordo com Cordeiro (2010), o mapa das presenças

(...) ajuda a fazer o corte com o «espaço-casa» se a criança sentir que está num outro grupo de pertença, com o qual tem laços fortes e contínuos. O mapa das presenças, que pode ser instituído desde as idades mais pequenas, em que cada um marca, da forma que quiser, numa espécie de calendário, a sua presença na sala, é uma forma de dizer «estou aqui e é aqui que estou!». (...) paralelamente, o mapa das presenças permite começar a adquirir noções matemáticas (quantos estão, quantos faltam), introdução à leitura através do reconhecimento das letras, organização temporal, observação (...) e a linguagem, pela verbalização consequente (p.371).

A educadora, no decorrer da história, apelou ao fator da magia e proporcionou um ambiente acolhedor e apropriado ao momento de ouvir uma história, e conseguiu captar a atenção de todas as crianças assim como o seu interesse e participação durante o decorrer da mesma.

Segundo o mesmo autor, Cordeiro (2010), "(...) as crianças aprendem a saber ouvir, a esperar pela sua vez e a estar com atenção, concentração, e tranquilidade. Desenvolve-se o sentido de respeito pelos outros e valoriza-se a linguagem e a relação afectiva, bem como a observação" (p.371).

Através de uma história, a educadora pode também fazer interdisciplinaridade, ou seja, trabalhar os vários domínios em simultâneo.

A colega optou por realizar um jogo de relaxamento com as crianças, no qual estas tiveram que dançar.

O mesmo autor, citado em cima, refere ainda

(...) a criança entusiasma-se com a sua própria capacidade e êxito, e expande a criatividade e imaginação. Começa a descodificação das letras, números e outras formas de simbologia. É também uma idade de grande actividade destreza física, e a vontade de imitar a realidade é uma constante. Devem estimular-se momentos de conjunto e momentos de jogo a sós (...)  
(p.341).

A educadora realizou também uma dramatização com o grupo, estimulando a participação das crianças. Este foi um momento de muita alegria para todos, que se divertiram imenso e gostaram de participar.

A educadora apelou também às vivências e conhecimentos das crianças, uma vez que ia colocando questões como por exemplo “qual é o animal mais pesado? Qual é o maior?; porque é que a girafa tem o pescoço tão comprido?”. Desta forma estimulou também a linguagem oral.

Relativamente à aula da colega, foi uma aula muito bem conseguida, manteve-se calma e quando se apercebia que as questões não eram entendidas pelas crianças, reformulava-as de forma a expressar-se melhor; também sempre muito expressiva, conseguiu diversificar os tipos de exercícios, o que tornou a sua aula dinâmica. Estipulou regras e apelou sempre ao seu cumprimento, tendo sido disciplinadora.

Segundo Caetano (1992), citado em Maya (2000), “Disciplina (...) é constituída pelas regras de um qualquer grupo ou instituição que assegura a eficiência da actividade desse grupo com vista aos respectivos fins” (p.23).

Também Monteiro (1992), citado pelo mesmo autor acima referido, Maya (2000), se debruça neste conceito, afirmando que “o conceito de disciplina passou a abranger o conjunto de normas e atitudes necessárias à aprendizagem” (p.23). Noto então que a disciplina é um fator importante para o bom decorrer, não só das atividades que realizamos com as crianças, mas também nos processos de aprendizagem.

### **Sexta-feira, dia 25 de janeiro de 2013**

Esta manhã de atividades, a educadora solicitou às minhas colegas e a mim que realizássemos um placard com a temática da estação do ano, Inverno (figura 17), com as crianças.



Figura 17 – Placard alusivo ao Inverno

Seguidamente, as crianças tiveram aula de Cerâmica e de Música.

Após todas as atividades da manhã estarem concluídas, seguiram-se o almoço e a sesta das crianças.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Foi importante que tenham sido as crianças a realizar o placar da sala. Cada criança escolheu os materiais que queria utilizar e que técnicas queria realizar (pintura, colagem, sopro, etc.). Desta forma, foram estimuladas, nas crianças, a sua imaginação e criatividade.

Cordeiro (2010) refere que “(...) através da pintura e do desenho, em que se faz a exploração de cores, desenvolve a imaginação, criatividade e sensibilidade” (p.372). A criança, através do que desenha, exterioriza as suas emoções, sem ter que recorrer à linguagem. É muito importante que o educador proporcione estes momentos, uma vez que, a criança, nesta fase, ainda tem dificuldades na linguagem, no discurso oral.

## Segunda-feira, dia 28 de janeiro de 2013

Nesta manhã, como habitual, as crianças iriam começar por ter Ginástica. Assim sendo, as minhas colegas e eu auxiliámos a educadora a equipá-las. De seguida, a educadora surpreendeu-me, requisitando uma aula surpresa no Domínio da Matemática, tendo proposto o material estruturado 1.º Dom de Froebel ou o material não estruturado, palhinhas.

Escolhi então utilizar o material estruturado para dinamizar a minha atividade surpresa. Tal como às minhas colegas, a educadora deu-me também tempo para organizar o fio condutor que iria seguir durante a aula, de forma a organizar o pensamento e a estruturar os exercícios que poderia realizar com as crianças. Iniciei a aula com algum mistério, questionando as crianças sobre o que estaria dentro caixa, e se achavam que havia algo lá dentro. Coloquei questões relativas às cores das bolas, à ordem das bolas e também relativa às quantidades de bolas que colocava à frente (Figura 18).



Figura 18 – Aula dinamizada por mim com o material 1.º Dom de Froebel

Para terminar a aula, realizei com as crianças o jogo do “Quim Visual”, que consiste em trocar a ordem das bolas enquanto as crianças tapavam os olhos, quando os destapavam, têm que dizer qual era a ordem correta das bolas.

Logo de seguida, as crianças foram almoçar e depois, dormir a sesta.

## Inferências e Fundamentação Teórica

Relativamente à minha aula, mantive uma boa postura e um bom fio condutor. Preocupei-me com a participação de todas as crianças e mantive, com todas elas, uma boa relação.

Foi a primeira vez que pude explorar 1.º Dom de Froebel o material, e gostei bastante de o fazer. Através deste material, é possível, segundo Caldeira (2009), desenvolver capacidades e destrezas, tais como “distinguir cores; diferenciar formas; desenvolver os sentidos do tacto, visão, audição; lateralidade; equilíbrio; sequenciar; relacionar; desenvolver a memória; orientação espacial; desenvolver a criatividade” (p.244). Uma vez mais menciono que gostei bastante de dinamizar esta atividade, e penso que correu bem, e tive a preocupação de não deixar dúvidas das crianças, por responder.

### Terça-feira, dia 29 de janeiro de 2013

Esta manhã de atividades foi dirigida pela Ana. A educadora, anteriormente, informou-nos que, nas nossas manhãs, teríamos que fazer toda a dinâmica da sala de aula, como o acolhimento das crianças na roda, levá-las à casa de banho e, já na sala, assinalar as presenças e escolher um menino para fazer o “Cantinho da Meteorologia”.

A colega assim o fez e, sentou as crianças no tapete e colocou uma música de fundo baixinho. No centro da roda, a colega colocou um globo terrestre com luz, tapado com um lençol. Apagou as luzes e apenas ficou a luz do globo, o que proporcionou um ambiente acolhedor. Deu início à sua aula no âmbito do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, mostrando às crianças o livro *A Girafa Maria* de Alexandra Graça, assim como o fantoche da personagem principal (Figura 19).



Figura 19 – Aula da colega Ana

A colega escondeu na sala as várias personagens que “participam” na história e ia pedindo às crianças que os fossem buscar a determinados locais.

Terminada a Estimulação à Leitura, mostrou o globo terrestre e, a partir daí, abordou os continentes e oceanos, explicando o que são e apontando no globo. De seguida, a

colega passou o globo por todas as crianças, deixando-as explorar o mesmo. Pediu às crianças que se levantassem e se fossem sentar nos respetivos lugares, para dar início ao Domínio da Matemática. Nas mesas tinha espalhado o material estruturado *Cuisenaire*, tendo procedido a uma exploração do mesmo e realizou diversos exercícios em conjunto com as crianças. Terminada a aula da colega, as crianças tiveram o recreio, de seguida almoçaram e fizeram a sesta.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

A colega iniciou a sua aula com uma Estimulação à Leitura, que se insere no Domínio a Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. O livro que a colega leu era, de facto, muito interessante e apelava ao imaginário das crianças.

Traça (1992) refere que “(...) o livro alarga a percepção do mundo, educa (...), abre as portas do imaginário, enriquece-nos e enriquece o nosso diálogo com os outros” (p.75).

A colega, ao longo de toda a sua aula, tentou interligar as três Áreas Curriculares da Educação Pré-Escolar, realizando interdisciplinaridade.

Para Spodek e Saracho (1998), “o professor pode relacionar as actividades (...) com um único tema em um mesmo dia (...), em que cada actividade é uma elaboração da anterior” (p.124).É possível estabelecer uma ligação entre as Áreas Curriculares e torna-se mais fácil para as crianças.

### **Sexta-feira, dia 1 de fevereiro de 2013**

Esta manhã teve início com a aula de música. Terminada esta aula, a educadora levou as crianças para o ginásio, onde fizeram o jogo da barquinha. Logo de seguida, informou a colega Dulce que teria que dinamizar uma aula surpresa no âmbito do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, fazendo uma Estimulação à Leitura.

Uma vez mais a educadora deu também tempo à colega para se organizar e decidir que estratégia iria utilizar na sua aula.

Já na sala, a colega sentou as crianças no tapete e mostrou o livro que escolheu ler, *Elmer* de David Mckee e o fantoche que fez da personagem principal. Antes de começar a ler, a colega perguntou que animal era a personagem principal e se aquele elefante era igual aos elefantes verdadeiros. Enquanto lia a história, apelou aos conhecimentos prévios das crianças e estimulou a participação das crianças com gestos e sons (figura 20).



Figura 20 – Aula da colega Dulce

Explorou as cores, as palavras que as crianças não conheciam e os tamanhos.

Para terminar a sua aula, passou o fantoche pelas crianças.

Terminada esta aula, foi a vez da colega Tânia ser surpreendida pela educadora para dirigir também uma aula surpresa, no âmbito do Domínio da Matemática. A colega escolheu explorar o material não estruturado Palhinhas (figura 21), que colocou no centro dos tampo das mesas, com o qual explorou contagens, adições e subtrações.



Figura 21 – Aula da colega Tânia

Introduziu também o estímulo musical com maracas e castanholas, sendo que as maracas serviam de estratégia de comportamento e as castanholas serviam de indicador da quantidade de palhinhas que as crianças tinham que retirar do copo.

A colega, também como estratégia de comportamento, socorreu-se do fantoche da aula anterior, dada pela Dulce, como transição para a sua aula.

Terminada a aula da Tânia, as crianças dirigiram-se para o recreio, depois, para o refeitório e, posteriormente, para a sala onde dormiram. Enquanto dormiam, a educadora falou das aulas dinamizadas pelas colegas.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

A colega, enquanto leu a história, realizou expressões faciais e entoações. Aguera (2008), menciona que “um bom recurso para que o educador acompanhe a narração, são os gestos, as encenações, as entoações diante das crianças durante a narração” (p.35).

Ainda durante a manhã a educadora realizou com as crianças um jogo, o jogo da barquinha. Este jogo consiste numa bola que representa uma barquinha e que lá dentro leva o que a criança escolher. Depois de escolher, a criança lança a “barquinha” com um objeto, um animal, uma cor, etc. Este jogo apela ao imaginário da criança, e à sua criatividade.

Segundo Cordeiro (2010)

o jogo, especialmente na versão de faz-de-conta, oposição e limite, e porventura também com os factores sorte e azar, ajudam a expressar com os sentimentos. A teatralização das brincadeiras é uma forma da criança poder sentir-se livre para expressar o que sente. (p.)

O jogo surge como condutor da exteriorização do que a criança sente.

### **Segunda-feira, dia 4 de fevereiro de 2013**

Neste dia a educadora leu uma história, *A Surpresa de Handa* de José Luís Andrade, no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. Pediu-nos, a mim e às minhas colegas, que fizéssemos máscaras com as crianças, uma-a-uma e escolhiam que materiais queriam utilizar. Os materiais que tinham à sua disposição eram lã, missangas, massas, aparas de lápis, algodão, serpentinas, pedaços de cortiça, conchas, fitas, entre outros.

Quando terminou de contar a história, a educadora levou as crianças para o ginásio, onde assistiram a um concerto dos “Secret Lie.” As crianças sentaram-se no chão, à frente da banda. De seguida, os músicos falaram um pouco com elas, mostraram os diferentes instrumentos musicais de que se faziam acompanhar e tocaram um pouco com cada um. A banda incentivou a que as crianças se levantassem, que cantassem e que dançassem livremente.

### **Inferências e Fundamentação**

Relativamente ao concerto a que assistimos, revelou-se um momento de lazer e de grande diversão e de, em simultâneo, de calma. As crianças divertiram-se, dançaram e cantaram, acompanhadas das educadoras, da diretora do Jardim-Escola e de nós próprias, estagiárias. De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (ME, 1997), “a música pode constituir uma oportunidade para as crianças dançarem. A dança como forma de ritmo produzido pelo corpo liga-se à expressão motora e permite que as crianças expressem a forma como sentem a música, criem formas de movimento ou aprendam a movimentar-se, seguindo a música” (p.64). A música tem assim, um papel fundamental na vida da criança.

### **Terça-feira, dia 5 de fevereiro de 2013**

Esta manhã de atividades foi dinamizada por mim. Assim sendo, fiz com as crianças toda a dinâmica da sala de aula. De seguida, sentei-as no tapete e pedi-lhes que fechassem os olhos; quando pedi que abrissem os olhos, tinha um fantoche, que era a personagem principal do livro *Um elefante diferente - que espantava toda a gente* de Manuela Castro, sendo que iniciei a manhã com o Domínio a Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. À medida que fui contando a história, fui explicando as palavras difíceis e fui explorando as imagens do livro. (figura 22)

Figura 22 – *Estimulação à Leitura, dinamizada por mim*



Quando necessário, realizei exercícios de retorno à calma.

Ao entrar na Área do Conhecimento do Mundo, expliquei o que eram os seres vivos, sendo este o tema da minha aula. Depois da explicação, mostrei uma planta e um canário, como exemplos de seres vivos e, como seres não vivos, uma pedra. Abordei o gás oxigênio e pedi-lhes que repetissem a palavra, uma vez ser tão complicada para crianças desta idade.

Deixei que todas as crianças tocassem na planta e no canário. (figura 23 e 24)



Figura 23 – *Eu, mostrando a planta às crianças*



Figura 24 – *Eu, mostrando o canário às crianças*

De seguida, entrei no Domínio da Matemática, tendo trabalhado com o material estruturado Blocos Lógicos e com o material não estruturado Palhinhas, em que explorei as características do material estruturado e realizei lateralização com as palhinhas, em simultâneo. Terminado o Domínio da Matemática, distribui pelas crianças uma proposta de trabalho, em que pintaram livremente com carimbos de batata.

Terminada a manhã de atividades que dinamizei, as crianças dirigiram-se para o recreio, depois para o refeitório e, de seguida, para a sala, onde dormiram a sesta. Durante a sesta a educadora deu, uma vez mais, o seu *feedback* sobre a aula.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Penso que é sempre uma mais valia disponibilizar às crianças materiais manipulativos, pela sua preferência e pela importância em experimentarem. Estes materiais manipulativos permitem à criança realizar aprendizagens através destes instrumentos, que utilizam pelo

desenvolvimento dos conceitos matemática. O objetivo destes materiais é que, através da exploração dos mesmos, a criança consiga extrair e interiorizar princípios básicos da matemática.

Mansutti (1993), citado por Caldeira (2009), “define um material didático como um recurso a ser utilizado num processo que combina aprendizagem e formação” (p. 15).

Algumas crianças do grupo são tímidas e um pouco inibidas. Ao longo da aula tentei criar um ambiente de confiança e de segurança com todas, englobando as mais tímidas.

Zabalza (2001) refere que uma das funções do educador é “(...) providenciar um clima de segurança e reconhecimento que estimule as crianças e lhes combata a inibição” (p.127).

Uma criança respondeu de forma errada a uma questão que lhe coloquei. De forma a ajudá-la a chegar à resposta correta, coloquei-lhe a questão de outra forma, levando-a a pensar, mais uma vez, sobre o assunto. De seguida, a criança conseguiu responder corretamente.

De acordo com Astolfi (1997), citado por Perrenoud (2000), o professor deve olhar para erro do aluno, como uma “ferramenta para ensinar”, sem “um revelador de mecanismos de pensamento do aprendiz”. Desta forma o professor não deve corrigir os erros, mas sim proporcionar à criança “meios para tomar consciência deles, identificar sua origem e transpô-los”(p.32).O facto de não dar logo a resposta correta à criança, permite-lhe pensar, refletir de forma a chegar à resposta pretendida, com a orientação do educador.

### **Sexta-feira, dia 8 de fevereiro de 2013**

Este foi o dia em que o Jardim-Escola festejou o Carnaval. Assim sendo, todas as crianças compareceram mascaradas, assim como algumas educadoras.

Dada a festividade deste dia, não houve a habitual roda das canções, as crianças brincavam todas no salão.

A dada altura a educadora reuniu as crianças com a nossa ajuda (minha e das minha colegas), levando-as para a sala, onde se tiraram fotografias individuais e em grupo. Aqui, brincaram livremente.

De seguida, deu-se início ao desfile de Carnaval na rua. Como o nosso grupo era o de crianças mais novas, fomos à frente no desfile. (figura 25)



Figura 25 – Desfile de Carnaval

Já no Jardim-Escola, as crianças foram para o refeitório, almoçaram e foram para a sala onde dormiram a sesta.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Este foi um dia muito especial. Um dia apenas de brincadeira, onde cada um se mascarou a seu gosto, fantasiando e dando asas à sua imaginação.

O facto de as educadoras também se terem envolvido na dinâmica do Carnaval e de terem participado, também se revelou um fator muito positivo, uma vez que se envolveram, juntamente com as crianças, na brincadeira que marcou o dia.

Uma vez mais, a educadora cooperante revelou ter uma grande cumplicidade com as crianças. A relação pedagógica é, cada vez mais, importante de se desenvolver. A afetividade é um fator importante nesta relação. Assim sendo, Gauquelin (1978) menciona que a afetividade

agrupa todos os estados de alma, todas as reacções cujas raízes mergulham no instinto, no inconsciente. É graças também à afetividade que nos ligamos aos outros, ao mundo, a nós próprios. É, na verdade, a afetividade que dá aos nossos actos e aos nossos pensamentos o encanto, a razão de ser, o impulso vital. É o fundamento da nossa personalidade, o que temos de mais íntimo. Não é, porém, muito fechado, visto que é a mesma afetividade que nos liga aos outros. (p.20)

Jesus (1996) defende também a importância de laços afetivos entre educadores e as crianças, afirmando “à medida que descemos no nível de ensino, o processo de ensino-

aprendizagem é cada vez menos centrado na informação e mais no relacionamento interpessoal” (p.9). É crucial que haja um bom relacionamento entre o educador e as crianças, proporcionando um bom ambiente no contexto escolar.

### **Segunda-feira, dia 4 de março de 2013**

Esta manhã de atividades foi dirigida pela colega Tânia, tendo sido assistida e avaliada por uma professora da Equipe de Supervisão da Prática Pedagógica, e teve como tema um animal, a tartaruga.

Quando a professora supervisora entrou na sala, a colega estava a sentar as crianças no tapete, uma vez que deu início à sua aula, com o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, lendo o livro *Onde estão os meus óculos?* de Rosário Araújo. Mostrou um fantoche de uma tartaruga, sendo esta a personagem principal da história.

Terminada a história, fez uma breve revisão sobre a mesma e mostrou imagens de um pirilampo, uma vez que não é um animal muito comum no quotidiano das crianças. Fez também um apelo à amizade, tendo sido esta retratada ao longo da história.

Houve alguns momentos de agitação, então a colega optou por realizar alguns exercícios de retorno à calma, para captar a atenção do grupo novamente.

De seguida, pegou numa tartaruga verdadeira e, ainda na sua mão, deixou que as crianças lhe tocassem, entrando na Área do Conhecimento do Mundo (Figura 26).



Figura 26 – Colega a mostrar a tartaruga ao grupo

Começou por explicar para que servia a carapaça e que, como é um réptil, tinha escamas. Abordou também a sua alimentação, tendo passado pelo grupo um pedaço da

comida de tartaruga numa taça e falou também da sua locomoção. Mencionou que nasciam de ovos, tendo simulado um ninho com ovos.

Terminada esta área, pediu que fossem sentar-se nos respetivos lugares, dando início ao Domínio da Matemática. No centro do tampo das mesas estavam caixas com um material matemático estruturado, os Blocos Lógicos. A colega procedeu à exploração do material e cada criança tinha um “tapete” em forma de tartaruga, cujo objetivo era preencher com as peças do material que tivessem os atributos que a colega pedisse.

A professora, terminado o tempo estipulado para estas aulas, ausentou-se da sala, não tendo então, observado este último desafio proposto pela colega.

Terminada a aula assistida da colega, dirigimo-nos para a reunião de Supervisão da Prática Pedagógica.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Penso que a aula da colega foi bem conseguida e correu como foi programada. A colega colocou perguntas dirigidas, de modo a não obter respostas em coro. Manteve o interesse e a disciplina das crianças, tendo controlado também o seu nervosismo associado a este tipo de avaliação. Preparou a aula, tendo também antecipado uma situação possível, que as crianças não soubessem como era um pirilampo; então levou imagens deste animal para que todos vissem. Desta forma, a colega mostrou que programou a sua aula.

O facto de ter levado uma tartaruga verdadeira motivou mais as crianças, que se entusiasmaram por a poderem observar. A colega podia tê-la pousado no tapete, para que esta se pudesse movimentar, o que permitiria que as crianças vissem a sua cabeça, as patas e que a vissem a locomover-se. As crianças apenas observaram a carapaça da tartaruga, mas tiveram a oportunidade de lhe tocar e de a observar. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (ME, 1997), “a área do Conhecimento do Mundo enraíza-se na curiosidade natural da criança e no seu desejo de saber e compreender porquê. Curiosidade que é fomentada e alargada na educação pré-escolar através de oportunidades de contactar com novas situações que são simultaneamente ocasiões de descoberta e de exploração do mundo” (p.79)

Já no Domínio da Matemática, penso que perdeu demasiado tempo na exploração da opacidade das caixas onde estavam os Blocos Lógicos, o que levou a que a professora

supervisora não observasse os exercícios que preparou. A gestão do tempo é, também, uma das minhas grandes dificuldades.

Segundo Lemos, Neves, Campos, Conceição e Alaiz (1993) o professor deve “fazer uma gestão ponderada do tempo que destina a cada unidade de trabalho, de forma a garantir o cumprimento dos programas (temas e objectivos) (...)”(p.61).

Terminada a aula da colega, como de costume dirigimo-nos para a reunião com as professoras supervisoras. Estas aulas surpresa, tornam-nos mais responsáveis, na medida em que estamos mais atentas à nossa própria formação e descobrimos nestas reuniões um auxílio, um controle, uma forma de conseguirmos perceber o que melhorar no nosso desempenho e o que manter.

### **Terça-feira, dia 5 de março de 2013**

Esta manhã foi mais uma vez dinamizada pela colega Tânia. Neste dia, o seu tema de aula foi a amora. Como pressuposto, a colega realizou toda a dinâmica habitual desta sala.

Já na sala, começou por levar as crianças para o tapete, para se sentarem em semicírculo, para iniciar o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, tendo feito uma estimulação à leitura com o livro *A Casa da Mosca Fosca* de Eva Mejuto. À medida que contava a história, colocava imagens da história num placard, que colocou ao seu lado. Estimulou a participação das crianças, perguntando a ordem em que os animais apareciam na história (figura 27).

Figura 27 – Placard com as imagens das personagens da história



Terminada a história, a colega pediu que as crianças se levantassem de forma a realizar exercícios de retorno à calma. Nestes exercícios, imitaram a mosca.

De seguida, pediu que se sentassem nos seus lugares para dar início à atividade do Domínio da Matemática. Para este Domínio, a colega escolheu o material matemático estruturado *Cuisenaire* também um material não estruturado que realizou: amoras. Primeiramente, fez uma breve exploração do material estruturado, tendo pedido que associassem determinada peça ao algarismo correspondente desse valor e, depois, pedia que retirassem essa quantidade de amoras. Terminados estes exercícios, a colega deu início à Área do Conhecimento do Mundo. Em primeiro lugar, colocou amoras em copos

que distribuiu pelas crianças, para que provassem, e, de seguida, mostrou um bolo e com a ajuda de todas as crianças (por grupos) cobriram o bolo com doce de amora. Informou que iam comer o bolo depois de almoço.

Terminada a aula da colega, as crianças usufruíram do recreio, depois foram almoçar e, por fim, dormiram a sesta, enquanto a educadora falou da aula dada.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Penso que a aula da colega foi bem conseguida. Na Área do Conhecimento do Mundo a colega teve a preocupação de não só mostrar o fruto (amora), como também de o dar a provar às crianças.

Relativamente à aula do Domínio da Matemática, a colega optou por utilizar o material *Cuisenaire*. De acordo com Palhares e Gomes (2006), citados em Caldeira (2009), “ a utilização do material Cuisenaire estende-se a vários conteúdos entre os quais se destacam: fazer e desfazer construções, fazer construções a partir de representações no plano (...)” (p.129). A colega proporcionou às crianças, através deste material, a oportunidade de criar construções que envolvessem noções matemáticas.

### **Sexta-feira, dia 8 de março de 2013**

Nesta manhã a educadora requisitou à colega Ana que dinamizasse uma atividade surpresa, no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, fazendo uma estimulação à leitura. A colega sentou as crianças no tapete, em semicírculo e procedeu à leitura do livro *O Abraço Perfeito* de Joanna Walsh e Juddi Abbot. Mostrou às crianças um fantoche, que realizou da personagem principal da história, um panda. Quando terminou de contar a história, perguntou a todas as crianças se gostavam de abraços e qual seria o seu abraço perfeito, de forma a apelar às vivências de cada um. Pediu que as crianças se levantassem e colocou música. Explicou que podiam dançar e, quando a música parasse, tinham que abraçar um colega e repetiram este exercício.

Para terminar, desligou a música e pediu que todos dessem um abraço coletivo (figura 28).



Figura 28 – Colega a solicitar um abraço coletivo

Terminada a aula surpresa da colega, a educadora requisitou outra aula surpresa, desta vez à colega Dulce no Domínio da Matemática.

A colega escolheu trabalhar um material não estruturado, Palhinhas.

Com este material, trabalhou o cálculo mental, contagens e realizou também adições e subtrações. De forma a dinamizar mais a sua aula, introduziu o estímulo musical, sendo que, ao tocar com o instrumento musical triângulo e ferrinhos, pedia que as crianças tirassem do copo essa quantidade de palhinhas, ou pelo contrário, as guardassem no copo. Pediu também que as crianças fossem ao quadro apontar qual o algarismo que correspondia a determinada quantidade de palhinhas.

Para terminar a sua aula, deixou que as crianças brincassem com as palhinhas livremente (figura 29).



Figura 29 – Crianças a brincar com as palhinhas

A educadora, depois de terminadas as aulas das colegas, levou as crianças para o recreio, tendo-as levado depois para o refeitório, onde as minhas colegas e eu as ajudámos a comer. Terminado o almoço, seguiu-se a hora da sesta, tendo sido o momento em que a educadora falou das aulas dadas pelas colegas.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

A colega Ana, ao ter sido surpreendida pela educadora para dinamizar uma aula, mostrou-se entusiasmada. De imediato, pegou nos materiais que ia usar e traçou um fio condutor para a sua aula. Manteve-se sempre muito calma e alegre, o que contagiou também as crianças. Enquanto contava a história, explorou as imagens do livro e, no final, fez uma revisão da mesma.

A atividade que realizou com as crianças foi muito bem sucedida e dinâmica, uma vez que as crianças gostaram muito e, por isso, aderiram muito bem. Toda esta aula foi gerida em torno do lado emotivo, o que também é muito importante explorar com as crianças uma vez que, para elas, não é tão fácil de exteriorizar e de explicar.

O lado emotivo tem assumido grande importância na Educação Pré-Escolar. Conforme Figueiredo (2005)

a emoção age, principalmente, ao nível da segurança das crianças, que é a plataforma sobre a qual se constroem todos os desenvolvimentos. Ligado à segurança está o prazer, o sentir-se bem, o ser capaz de assumir riscos e enfrentar o desafio da autonomia, poder assumir gradativamente o princípio de realidade, aceitar as relações sociais, etc. (p.104)

Relativamente à aula da colega Dulce, penso que também correu bem. Esteve sempre atenta às dificuldades das crianças, no que diz respeito ao cálculo mental, tendo sempre exemplificando o concreto de forma a colmatar essas dificuldades.

Apesar de ter melhorado muito a sua expressão facial, por vezes, ainda se mostrou um pouco séria.

Inseriu também o estímulo musical, de forma a que as crianças concentrassem a sua atenção nos exercícios que estavam a realizar.

### **Segunda-feira, dia 11 de março de 2013**

Este dia foi o dia da aula programada e avaliada da Ana, por uma professora da equipa de Supervisão Pedagógica, sendo que tinha como tema da aula, o rabanete. A hora estipulada para o início da aula seria às 9h30, mas a sua aula apenas começou às 10h35, devido a um imprevisto, tendo sido uma outra professora a assistir e a avaliar a colega.

A colega caracterizou-se de agricultora e sentou as crianças no tapete em semicírculo, (figura 30) uma vez que ia começar pelo Domínio da Linguagem oral e Abordagem à Escrita, com uma estimulação à leitura com o livro *Dez rabanetes suculentos* de Pedrito Coelho.



Figura 30 – Aula programada e assistida da Ana

No centro da roda tinha dez rabanetes, feitos pela colega, em cima de “terra”, feita também pela colega, e tapados com um lençol, que destapou ao iniciar a história. À medida que a lia, pedia que as crianças fossem tirando rabanetes e contavam-nos, fazendo interdisciplinaridade.

Terminado este Domínio, a colega entrou na Área do Conhecimento do Mundo. Mostrou rabanetes verdadeiros e imagens dos mesmos, explicando que tipo de alimento era. Relembrou-os que, neste dia, seriam agricultores e explicou que iam semear rabanetes. A colega chamou, grupinhos de meninos que colocaram a terra, as sementes e a água em sementeiras individuais, onde a colega colocou também uma etiqueta com o nome, identificando de quem eram as sementeiras.

Enquanto semearam os rabanetes, foi explicando que cuidados necessitam as plantas para nascerem, sem deixar que houvesse momentos de silêncio. De seguida, pediu que as crianças se sentassem nos respetivos lugares, para dar início ao Domínio da Matemática.

Em cima das mesas, tinha já preparados os materiais que as crianças iriam utilizar: o material matemático estruturado *Cuisenaire* e não estruturado, imagens de rabanetes. Estipulou as regras de comportamento e procedeu à exploração dos materiais. De seguida, pediu que retirassem determinado número de rabanetes e perguntava a que peça correspondia àquela quantidade. Uma criança, ao responder à colega, utilizou os dedos para responder qual o número que tinha de rabanetes e a colega, gentilmente, incentivou-o a falar. Estimulou também as crianças a irem ao quadro e a desenhar os algarismos pedidos, ajudando-as.

Terminada a aula da colega, dirigimo-nos para a reunião com as professoras supervisoras e com as restantes colegas estagiárias.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

A colega iniciou a sua aula com o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, a colega tendo procedido a uma leitura muito dinâmica do livro. Durante toda a história, foi muito expressiva e realizou inflexões de voz. Desta forma, as crianças compreenderam, mais facilmente, o conteúdo da história.

Como refere Mata (2008), “(...) ouvir leitura fluente, com a entoação adequada facilita o acesso a sentido e à mensagem, a compreensão do que é ler e para que se lê, mas também desperta o interessante e a vontade em participar nesta actividade” (p.79).

De seguida semeou, com as crianças, rabanetes, sendo que todas participaram e todas tinham a sua sementeira.

Segundo Martins *et al.* (2007), o trabalho prático “aplica-se a todas as situações em que o aluno está activamente envolvido na realização de uma tarefa” (p.36).

Catita (2007) reforça ainda que

o educador deverá proporcionar à criança, um conjunto de experiências orientadas de uma forma metodológica, para que ela as desenvolva utilizando os seus sentidos, envolvendo-se assim numa aprendizagem construtiva e exploratória do Mundo, baseadas não só em questões levantadas pelas mesmas experiências, como também nas respostas que estas proporcionam (p.10).

Desta forma, cabe ao educador proporcionar situações em que a criança possa explorar o mundo que a rodeia.

### **Terça-feira, dia 12 de março de 2013**

Esta manhã de atividades foi dinamizada pela colega Dulce, que realizou toda a dinâmica habitual da sala. Sentou as crianças em semicírculo no tapete e, no centro da roda, colocou uma abóbora vazia com luz no interior. Iniciou a sua manhã com uma estimulação à leitura, no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. Leu a história *Ainda Nada* de Christian Voltz. A colega fez fantoches, em arame, das personagens do livro que, no final, passou pelas crianças, requisitando às crianças sons e gestos ao longo a mesma.

Antes de iniciar a Área do Conhecimento do Mundo, pediu a uma criança que apagasse a vela que estava no interior da abóbora e explicou qual o tema da sua aula: a abóbora. Passou abóboras pelas crianças, sendo que cada ponta da roda tinha um tipo de abóbora diferente. Deixou que as crianças cheirassem e, posteriormente, provassem um pouco de doce de abóbora que colocou em tostas de pão torrado. Explicou que ia semear sementes de abóbora. Colocou uma sementeira grande no centro da roda e foi chamando grupinhos de crianças, umas colocaram a terra, outras as sementes depois de as mostrar, outras colocaram outra camada de terra por cima e, por fim, o último grupo regou a sementeira.

Depois do semeio, entrou no Domínio da Matemática, tendo pedido às crianças que se sentassem nos respetivos lugares. No centro do tampo das mesas, tinha já preparados, os materiais Blocos Lógicos e imagens de abóboras. Fez a exploração do material estruturado, diferenciando cada atributo das peças e iniciou exercícios de sequências. Explicou o que é uma sequência e, exemplificou no quadro e, ditou outra sequência. De forma a perceber se todas as crianças estavam a entender o que era pedido, a colega circulou pela sala, corrigindo-as sempre que preciso. Para terminar a sua aula, deixou as crianças brincarem com as peças dos Blocos Lógicos.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Durante a história, a colega requisitou a participação do grupo. Aguera (2008) afirma que “as crianças, que são movimento, expressão, som, alegria, ... irão fazendo a animação, como se fossem efeitos especiais, passando assim a fazer parte das histórias” (p.42). As crianças mostraram-se entusiasmadas pela sua participação durante este momento.

No que respeita à Área do Conhecimento do Mundo a aula foi conseguida, por proporcionar que as crianças provassem e cheirassem a abóbora, despertando a sua curiosidade. De acordo com o referido nas Orientações Curriculares Educação Pré-Escolar (ME, 1997), “a curiosidade natural das crianças e o seu desejo de saber é a manifestação da busca de compreender e dar sentido ao mundo que é própria do ser humano e que origina as formas mais elaboradas do pensamento, o desenvolvimento das ciências, das técnicas e, também, das artes” (p.79).

A aula da colega, foi sem dúvida, bem conseguida, mantendo sempre a atenção das crianças na mesma.

### **Sexta-feira, dia 15 de março de 2013**

Esta manhã teve início, como de costume, com o acolhimento das crianças no salão. De seguida, já na sala, as crianças tiveram aula de Música e, após esta ter terminado, tiveram também aula de Cerâmica. Terminadas as atividades da manhã, as crianças foram para o recreio e, depois, para o refeitório, seguindo-se a sesta.

A educadora solicitou-nos que recortássemos e plastificássemos propostas de trabalho realizadas anteriormente.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

O recreio assume-se com uma grande importância, surgindo como uma pausa entre as atividades da manhã. É no recreio que as crianças podem brincar livremente, sem restrições de barulho ou de brincadeiras.

Cordeiro (2010) defende que “ se o momento anterior for académico impõe-se agora um de brincadeira pura” (p.372). O recreio é importante para a criança descontrair depois de um momento de trabalho, em que são necessárias atenção e concentração.

### **Terça-feira, dia 2 de abril de 2013**

Este dia teve início na roda, como habitualmente.

Já na sala, uma vez que os móveis tinham sido removidos, por razões de higiene, as minhas colegas e eu auxiliámos a educadora a arrumar a sala.

De seguida, a educadora solicitou-me que dinamizasse uma aula surpresa no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, procedendo a uma Estimulação à Leitura.

Como usual, a educadora deu-me tempo para refletir e pensar no que iria fazer. Sentei as crianças, em semicírculo, no tapete e acendi uma vela, tendo dito às crianças que era uma vela mágica, logo iam entrar no mundo encantado das histórias.

Comecei então a Estimulação à Leitura com o livro *Quem será o meu jantar?* De Tracey Corderoy (Figura 31).

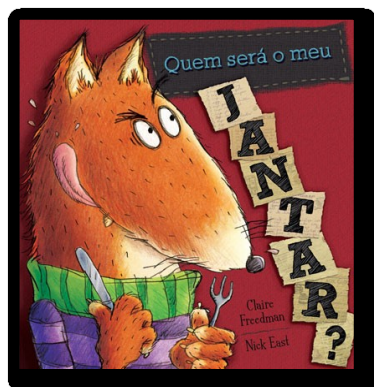


Figura 31 – Capa do livro *Quem será o meu jantar?*

Ao contar a história, fui mostrando as imagens do mesmo, pelo seu valor ilustrativo, e apelei à participação das crianças. Depois de terminada a história, coloquei questões da ordem dos animais que apareceram na história e como estavam disfarçados. Perguntei também de qual animal cada criança gostou mais e porquê. Escolhi uma criança para apagar a vela e deixei que as crianças folhassem o livro e contassem o que estava a acontecer e a que parte da história correspondia a imagem que escolhiam.

Logo de seguida, a educadora pediu que as crianças se fossem sentar nos respetivos lugares para realizarem exercícios, no âmbito do Domínio da Matemática. Realizaram exercícios de entrelaçamentos, sendo que a educadora foi circulando e apontando se cada criança tinha realizado bem o exercício, se tinha ou não precisado de ajuda.

A educadora levou as crianças para o recreio, onde falou da minha aula. Neste momento, fez também uma reflexão de todo o período em que as minhas colegas e eu acompanhámos este grupo, agradecendo-nos pela ajuda.

Terminado o recreio, levou-as para o refeitório e, de seguida, para a sala, onde as minhas colegas e eu as preparámos para o momento da sesta.

## **Inferências e Fundamentação Teórica**

Nesta aula, optei por este livro, uma vez que as imagens são muito apelativas e interessantes. As crianças ficaram entusiasmadas pelo tamanho do livro, dado que era de dimensões maiores que o habitual.

Segundo Spodek e Saracho (1998), estes livros denominam-se “livrões” e são versões, em tamanho grande de livros infantis que variam em tamanho e formato. (p.248)

Adotei a estratégia de ler e aproveitar as imagens, pelo seu valor ilustrativo.

Os mesmos autores referem ainda que

ouvir e ver um livrão sendo lido em voz alta é parecido com a experiência de sentar na primeira fila de cinema ou teatro. O ouvinte/espectador pode tomar parte na acção. Os livrões podem tornar as crianças participantes activos em sua aprendizagem (p.249).

Traça (1992), declara que “(...) o livro alarga a percepção do mundo, educa (...), abre as portas do imaginário, enriquece o nosso diálogo com os outros”(p.75).

No decorrer da história, diferenciei as vozes das personagens. Segundo o autor em cima citado, para o educador-contador,“(...) é familiar o encantamento produzido pela narração de histórias, que se traduz numa descompressão a atmosfera da aula, no estabelecer duma confiança mútua, no criar laços, no aumento progressivo no hábito de concentração e da capacidade de atenção” (p.136).Através da minha expressão facial e inflexões de voz, consegui captar a atenção das crianças, que ouviram com grande entusiasmo e participaram, na mesma.

## **Sexta-feira, dia 5 de abril de 2013**

Neste dia, teve lugar a aula programada e assistida da colega Dulce pela Equipa de Supervisão da Prática Pedagógica, sendo que as crianças não compareceram na roda das canções. Na sala, a manhã começou com a aula de Música e, logo de seguida, entrou a professora supervisora que iria assistir à aula da colega, que teve como tema o coelho.

A colega começou por sentar as crianças no tapete, em semicírculo, para dar início à sua aula com uma Estimulação à Leitura, no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. Leu o livro *Buuu!* de Tracey Corderoy e Caroline Pedler (figura 32).



Figura 32 – Capa do livro Buuu!

À medida que ia contando a história, foi utilizando inflexões de voz e foi solicitando que as crianças fossem fazendo gestos e sons. Mostrou também um fantoche da personagem principal da história, e no final de a contar, passou-o pelas crianças.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Neste dia, devo referir a importância da participação da Equipa de Supervisão da Prática Pedagógica ao assistir às aulas programadas e, posteriormente, nas reuniões. Na reunião as colegas que deram aulas, tiveram oportunidade de ouvir um *feedback* relativo às suas aulas.

De acordo com Santos (2012), a supervisão pedagógica “pode ser definida como um processo de acompanhamento e de avaliação sistemáticos da prática pedagógica dos formandos, através de procedimentos que favoreçam a experimentação e a reflexão” (p. 29).

Segundo Alarcão (1996) recorre-se “as estratégias de formação de professores que constituem um meio de formar professores reflexivos, isto é, professores que examinem, questionam e avaliam criticamente a sua prática” (p.100). A Supervisão Pedagógica é, desta forma, uma mais valia para o percurso académico.

### **3.ª Secção-Estágio na faixa etária dos 4 anos**

Este momento de estágio decorreu entre dia 8 de abril até dia 21 de junho de 2013. A presente secção foi realizada na sala da faixa etária dos quatro anos.

#### **3.1.Caracterização da turma**

O grupo dos quatro anos é composto por vinte e nove crianças, onze do género feminino e dezanove do género masculino. Todas as crianças têm quatro anos de idade até 31 de dezembro de 2012. Este grupo está bem integrado na dinâmica do Jardim-Escola e demonstra motivação e interesse pelas diversas aprendizagens.

Estas informações foram facilitadas pela Educadora titular.

#### **3.2.Caracterização do espaço**

O grupo dos quatro anos de idade não tem uma sala, sendo que o seu espaço é situado no salão. A delimitá-lo, tem biombos que se encontram preenchidos com trabalhos que as crianças realizam com os seus pais, alusivos às suas famílias, onde constam fotografias das mesmas. Tem também um placard onde são expostas as propostas de trabalhos, assim como, de atividades realizadas pelas crianças.

Pela “sala” têm quatro mesas de forma octogonais e existe um quadro preto de giz. Como mencionado nas Orientações Curriculares Educação Pré-Escolar (ME, 1997), “os espaços de educação pré-escolar podem ser diversos, mas o tipo de equipamento, os materiais exigentes e a forma como estão dispostos condicionam, em grande medida, o que as crianças podem fazer e aprender” (p.37).A figura 33 mostra como é o espaço do grupo dos 4 anos de idade.



Figura 33 – “sala” do grupo dos 4 anos de idade

### 3.3.Horário

De seguida, no quadro 4, apresento o horário Semanal do grupo dos quatro anos, o qual foi fornecido pela educadora do mesmo.

Quadro 4 - Horário Semanal do grupo dos 4 anos de idade

Dias/Horas	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
Das 9h às 9h30	Canções de roda/Acolhimento				
Das 9h30 às 10h	Diálogo sobre o fim-de-semana	Iniciação à matemática (contagem/material alternativo)	Iniciação à matemática (tangram/calculadores Multibásicos)	Grafismos	Iniciação à matemática (Blocos Lógicos/Diagramas/conjuntos/sequências)
Das 10h00 às 10h30m	Iniciação à matemática (dons de Froebel)	Partilha de Saberes	Descobrir o que se sabe	Ginástica	Recreio
Das 10h30 às 11h00m	Recreio	Ginástica	Recreio	Recreio	Música
Das 11h às 11h30m	Inglês 11h às 11h45m	Conhecimento do Mundo	Conhecimento do Mundo	Iniciação à matemática (cuisenaire)	Conhecimento do Mundo
Das 11h30m às 12h	Jogos de roda/Preparação para o almoço				
Das 12h às 12h30m	Almoço				
Das 12h30m às 14h30m	Recreio Orientado e Recreio Livre				
Das 14h30m às 15h	Expressão Corporal	Estimulação à Leitura	Expressão Plástica (pinturas/digitinta/c arimbos)	Atividades Gráficas (ditados/desenhos gráficos)	Descobertas dos pequenos cientistas
Das 15h às 15h30m	Área Projeto	Expressão Plástica (desenho livre/ilustração)	Jogos de mesa e plasticina/moldagem		Estimulação à Leitura
Das 15h30m às 16h	Dobragens/Entrelaçamentos/enfiamentos/harmónios	Atividades nos cantinhos/jogos de tapete	Picotagem/contorno/rasgagem/recorte/colagem	Jogos tradicionais	Formação cívica
Das 16h às 16h30m	Lengalengas/destravalínguas/rimas/poemas/adivinhas	Partilha de Saberes	Expressão Dramática/Biblioteca	Trabalhos de grupo	Reflexão semanal em assembleia de turma
Das 16h30m às 16h45m	Lanche				
Das 16h45m às 17h	Despedidas				

### **3.4. Rotinas**

As rotinas das crianças de quatro anos de idades são as seguintes:

#### **Acolhimento**

O acolhimento das crianças da faixa etária dos quatro anos é realizado no salão, à semelhança dos restantes grupos, anteriormente referidos. Aqui as crianças são recebidas pela educadora e fazem uma roda juntamente com os outros grupos (de 3 e 5 anos) e cantam variadas canções, tal como descrito anteriormente.

Quando termina a roda das canções, sendo que os grupos dos 4 anos são os últimos a sair da roda e dirigem-se à casa de banho.

Segundo Cordeiro (2010), o momento do acolhimento deve ser “mais aliviado, mesmo nas crianças que já estão habituadas ao meio, é fundamental que o ambiente seja calmo, tranquilo, seguro e alegre, para que a criança se sinta sempre desejada pelas suas educadoras e pela escola” (p.371).

#### **Higiene**

Os momentos de higiene estão presentes na rotina dos quatro anos, várias vezes ao dia, denominadamente, após saírem do acolhimento e antes de entrarem na sua sala. Vão também à casa de banho, antes da refeição, para lavar as mãos.

#### **Recreio**

As crianças dos quatro anos realizam um recreio a meio da manhã, onde fazem um pequeno lanche, e outro recreio após o almoço. Depois de terminada a refeição, as crianças dirigem-se para o recreio, onde brincam livremente sempre sobre a supervisão de uma ou mais educadoras.

#### **Refeição**

A meio da manhã, durante o recreio, as crianças fazem um pequeno lanche. Este lanche é constituído por uma peça de fruta, nomeadamente uma maçã pequena ou por duas bolachas.

Por volta das 12h00 as crianças dirigem-se para o refeitório onde é servido o almoço.

A alimentação saudável é a base para o desenvolvimento físico e psicológico da criança. Tal como Jensen (2002) salienta, no Jardim-de-infância deve-se “comer para aprender” (p.49). Os alimentos devem favorecer “um crescimento muscular e ósseo”, assim como “têm de fornecer nutrientes necessários à aprendizagem” (p.46).

### **3.5.Relatos Diários**

#### **Segunda-feira, dia 8 de abril de 2013**

Neste dia as minhas colegas de estágio e eu mudámos de sala, sendo que iniciámos o estágio na sala dos 4 anos, como foi referido acima. A manhã foi iniciada com a roda e de seguida, a educadora distribuiu almofadas pelo salão, em semicírculo, para as crianças se sentarem e contarem o que fizeram no fim-de-semana e, como era o nosso primeiro dia com a turma, a educadora apresentou-nos ao grupo e pediu que disséssemos também o nosso nome.

De seguida, a educadora pediu que as crianças fossem para os respetivos lugares na sala, uma vez que ia lecionar o Domínio da Matemática. Colocou, pelas 4 mesas, algarismos móveis de 0 a 10, e foi perguntando qual o número maior e pediu para que o escrevessem no quadro, e assim sucessivamente com os restantes. À medida que este exercício ia sendo realizado, as crianças representavam nos seus lugares com os algarismos móveis. Explicou que estavam a fazer a ordem decrescente e, de seguida, fizeram a ordem crescente, representando-a também. No final de cada ordem, a educadora solicitou a um menino que procedesse à respetiva leitura.

Terminados estes exercícios, a educadora nomeou duas crianças por mesa para arrumarem o material. As crianças foram para o recreio enquanto comiam o lanche.

De regresso à sala, começou a aula de Inglês. Quando esta última terminou, as crianças foram para o refeitório, onde foi servido o almoço, e, de seguida, foram para o recreio.

#### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Através da manipulação de materiais, a criança experimenta e aprende tal como refere Royo (1996), citado em Caldeira (2009), “o papel mediador do material é fundamental, pois permite estruturar, ampliar, universalizar sempre na medida em que não se detenha a marcha do «processo personalizador del niño»” (p.28).

### **Terça-feira, dia 9 de abril de 2013**

Após o habitual acolhimento das crianças em roda e do momento de higiene, a educadora iniciou a manhã de atividades com exercícios inseridos no Domínio da Matemática, tendo abordado a Teoria de Conjuntos. Como linha fronteira utilizaram lã e como elementos pertencentes, ou não, dos conjuntos utilizaram botões. Nesta manhã a educadora introduziu um novo conceito: a noção de pertence e de não pertence, tendo desenhado os respectivos símbolos no quadro.

Logo de seguida, as crianças iam ter aula de Ginástica. Assim sendo, as minhas colegas e eu auxiliámos as crianças a equiparem-se devidamente. A educadora distribuiu a maçã, para que fossem comendo antes da aula de Ginástica ter início. Entretanto escolheu uma menina para ficar de pé, em cima de uma cadeira. Este exercício tinha como objetivo contar uma história à sua escolha para o restante grupo.

Terminada a aula de Ginástica, as crianças, com o nosso auxílio, vestiram novamente o bibe para se dirigirem para o refeitório para almoçarem e, de seguida, foram para o recreio.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

As crianças mostram-se sempre muito entusiasmadas com as atividades realizadas nas aulas de Ginástica. Jesus (2012) salienta que “a educação física tem como objectivo contribuir para o desenvolvimento harmonioso do corpo e da mente” (p. 13). Também Cordeiro (2010) refere a importância da Ginástica para a criança, afirmando, “as aulas de ginástica são importantes, porque permitem começar a pautar o exercício segundo regras de desenvolvimento ósseo, articular e muscular.” (p. 434). Este autor menciona ainda que “o desporto representa uma actividade fundamental para o crescimento e o desenvolvimento harmonioso, bem como para o equilíbrio mental e psicológico” (p.434). O desporto e, conseqüentemente, a Ginástica, são bons condutores para o desenvolvimento e crescimento das crianças.

## **Sexta-feira, dia 12 de abril de 2013**

A manhã teve início com o habitual acolhimento.

Já na sala, a educadora realizou, com o material estruturado *Cuisenaire*, o jogo dos comboios (figura 34).



Figura 34 – Jogo dos comboios com o material Cuisenaire

Seguiu-se a aula de Música e depois de Cerâmica. A educadora, durante este tempo, pediu que as minhas colegas e eu forrássemos quatro caixas, para colocar material da mesma.

Após as atividades da manhã, as crianças almoçaram.

## **Inferências e Fundamentação Teórica**

A manipulação de materiais, pela criança, nesta fase de desenvolvimento, assume um importante papel na aprendizagem da matemática. Ribeiro (1995), citado em Caldeira (2009)

(...) os alunos aprendem melhor os conceitos e visualizam ideias, quando trabalham com diferentes modelos. O manuseamento permite clarificar ideias e perceber certos atributos através das suas representações figurativas ou simbólicas, em que o professor deve ter critérios físicos e pedagógicos para seleccionar os materiais e não deve usá-los indiscriminadamente e/ou exaustivamente” (p.28).

Neste grupo, durante a manipulação de materiais, todas as crianças respondem a pelo menos, uma questão feita pela educadora.

## **Segunda-feira, dia 15 de abril de 2013**

O dia começou como habitualmente, com o acolhimento das crianças em roda.

Após este momento, as crianças sentaram-se nos respectivos lugares e a educadora iniciou a manhã de atividades através de uma proposta de trabalho, realizando a sua correção no quadro, de forma a que todos a acompanhassem.

De seguida, seguiram-se o recreio e o almoço.

### **Inferências**

O dia decorreu normalmente, sendo que as crianças mostraram-se recetivas às atividades propostas pela educadora.

### **Terça-feira, dia 16 de abril de 2013**

O dia teve início, como habitualmente, com o acolhimento das crianças e com a roda.

Para iniciar a manhã de atividades, a educadora distribuiu pelas 4 mesas um copo com palhinhas. Introduziu o estímulo musical com o triângulo, utilizando-o para determinar a quantidade de palhinhas que as crianças tinham que ir buscar ao copo. Deu indicação para que as crianças colocassem as palhinhas na vertical ou na horizontal. Abordou a noção de par, meia dúzia e uma dúzia. Assim, pedia que fossem buscar e acrescentassem às suas, realizando adições e, posteriormente, de forma a reverter o exercício, pediu que retirassem das suas e devolvessem as palhinhas ao copo, de onde tiraram inicialmente, realizando subtrações. Pediu que algumas crianças fossem desenhar o número que pedia no quadro, assim como pediu também, a representação da operação que estavam a realizar. Para terminar, a educadora explicou o que era uma sequência e elaborou uma no quadro, enquanto as crianças a foram representando nos seus lugares ao mesmo tempo. Como houve crianças que revelaram dificuldade neste exercício, a educadora exemplificou com as crianças: um menino, uma menina, um menino, uma menina, etc.

De seguida, distribuiu uma maçã por cada criança e foram para o recreio.

Logo de seguida, as crianças foram à casa de banho para lavar as mãos, pois iam almoçar.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Neste dia, a educadora trabalhou o Domínio da Matemática, recorrendo a um material manipulativo não estruturado, Palhinhas. De acordo com Caldeira (2009), “o princípio

básico referente ao uso de materiais, consiste em manipular objectos e extrair princípios matemáticos. Os materiais manipulativos devem representar explicitamente e concretamente ideias matemáticas que são abstractas” (p.15). As crianças beneficiam então do uso e da manipulação de materiais, mesmo que não sejam estruturados. Gravemeijer (1994), citado em Caldeira (2009) afirma que “o uso dos materiais está agregado a uma perspectiva tradicional, de apresentar o material como um modelo já estruturado, sem qualquer contexto para as crianças”. (pp.26-27)

As Palhinhas, tal como defende Caldeira (2009), “funcionam como suporte à contagem” (p.317). Torna-se mais apelativo, e, conseqüentemente, mais fácil a aquisição de noções matemáticas.

### **Sexta-feira, dia 19 de abril de 2013**

Este dia foi marcado pela ausência da Educadora cooperante. Assim sendo, uma educadora de apoio ficou responsável pela turma, tendo-a levado para a sala do 1.º ano, uma vez que estes últimos tinham ido a uma visita de estudo.

Esta manhã foi então dedicada às prendas do dia da mãe. Enquanto a educadora de apoio esteve com as crianças noutra sala, pediu-nos, às minhas colegas e a mim, que ficássemos no salão a preparar os materiais que iriam ser utilizados para as prendas.

Terminados os preparativos dos materiais escolhidos para as prendas, dirigimo-nos à sala onde estava o grupo e assistimos a uma conversa sobre as plantas, sendo que a educadora de apoio utilizou um fantoche de um menino.

Após o recreio, as crianças procederam à higiene antes de se dirigirem ao refeitório, e, posteriormente, para o recreio.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

As crianças entusiasmaram-se por fazer uma prenda para oferecerem às suas mães. Este ato valoriza a importância da família, e percebemos o quanto cada criança se empenha neste tipo de atividades.

Reis (2008) reforça a importância desta atividade afirmando que “não é possível uma Educação adequada e completa sem a existência da Família” (p.37).

Gervilla (citada por Reis, 2008) salienta “que a família é o pilar fundamental para o crescimento da criança” (p. 38). Desta forma, é importante que a escola fomente estas atividades em que as crianças têm a oportunidade de fazer prendas para os seus pais.

### **Segunda-feira, dia 22 de abril de 2013**

O presente dia teve início com o acolhimento no salão, com a roda das canções, como habitualmente.

Este foi mais um dia dedicado inteiramente à execução das prendas do Dia da Mãe. Entretanto, começou a aula de Inglês, onde também executaram um postal para o mesmo dia. Após o recreio, as crianças foram à casa de banho e, de seguida, para o refeitório. Terminada a refeição, voltaram para o recreio.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

As crianças envolveram-se imenso nesta atividade, que consistiu em elaborar colares para oferecer às suas mães. Demonstraram imenso gosto e vontade em serem eles a preparar uma surpresa alusiva ao Dia da Mãe.

Segundo Cordeiro (2010), “os Dias do Pai e da Mãe, que alguns desconsideram, são símbolos (p. 508). O mesmo autor refere ainda que a nossa sociedade “vive de simbologia e de rituais mesmo que já `comercializados` e adaptados à sociedade de consumo em que vivemos” (p. 508).

### **Terça-feira, dia 23 de abril de 2013**

Este dia estava destinado à minha aula. Iniciei-a no Domínio da Matemática, no qual utilizei o material estruturado *Cuisenaire*. Realizei, em conjunto com as crianças, uma proposta de trabalho em que tinham que colocar as peças do *Cuisenaire* consoante o seu valor, numa figura representada: um pasteleiro (Anexo 1). A temática da aula era proporcionar um momento “Pequenos Cozinheiros”. Após todas as peças estarem colocadas na proposta de trabalho, pedi que as crianças as pintassem de acordo com a cor das peças que utilizaram.

De seguida, levei as crianças para o salão, onde se sentaram em semicírculo. Aqui, procedi à leitura da história *Quem será o meu jantar?* de Claire Freedman e Nick East. À medida que ia lendo a história, recorri a inflexões de voz e solicitei a participação das crianças com gestos e sons. Terminada a leitura, perguntei qual tinha sido afinal o jantar

da personagem principal e pedi que fossem dizendo corretamente a sequência dos animais. De forma a apelar às vivências e gostos pessoais de cada um, perguntei qual tinha sido a personagem preferida de cada um.

Já na Área do Conhecimento do Mundo, mostrei uma roda dos alimentos (figura 35) e, com a participação das crianças, construímo-la, tendo explorado, ainda que de forma breve, todos os grupos e respetivos constituintes.



Figura 35 – Completando a roda dos alimentos com as crianças

Para terminar a manhã de atividades, chamei grupinhos de meninos para se disporem à volta das respetivas mesas, de forma a controlar agitação e barulho e realizámos massa de bolachas. Distribuí por cada criança um pouco de massa, para que fizessem a sua bolacha e, de seguida, levei os tabuleiros com as bolachas para o forno e expliquei que depois do almoço, todos iam comer a sua bolacha.

Após o almoço, as crianças puderam então comer a sua bolacha e, depois de terminarem, foram para o recreio.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Mantive uma relação com as crianças, de carinho, de entreatuda e de empatia, e mantive também uma boa postura, intervindo sempre que necessário.

Tal como referem os autores Hohmann e Weikart (2009), “(...) empatia é a capacidade que permite às crianças compreender os sentimentos das outras pessoas, ao relacioná-los com sentimentos que elas próprias já experimentaram. A empatia ajuda as crianças a fazer amizades e a desenvolver o sentimento da pertença” (p.67). Vieira (2000), citado em André (2007), “a relação pedagógica será tanto mais eficaz quanto mais positiva, aberta e

afectiva for a comunicação entre professor-aluno. Esta eficácia revela-se num conjunto de atitudes individuais que, pelas suas características, serão promotoras da comunicação” (p.61).

Durante o decorrer da aula, apelei sempre à participação das crianças, com o objetivo de enriquecer a minha atividade e torná-la o mais interessante possível para as mesmas, tentando assim, aumentar as suas experiências e descobertas.

De acordo com Zabalza (1998), um das principais funções do educador “(...) é saber organizar um ambiente estimulante e possibilitar às crianças (...) inúmeras possibilidades de acção, ampliando assim as sus vivências de descobrimento e de consolidação de experiências (...)” (p.53).

Uma vez mais utilizei um livro no Domínio da Linguagem Oral e na Abordagem à Escrita, uma vez que penso ser fundamental o contacto das crianças com livros de histórias. As crianças gostaram imenso da história e ouviram-na com grande entusiasmo, entrando no mundo da fantasia, que tanto apreciam.

Traça (1992), declara que “(...) o livro alarga a percepção do mundo, educa (...), abre as portas do imaginário, enriquece o nosso diálogo com os outros”(p.75).

Lopes (2006) defende que as crianças devem ter “um contacto sistémico com os livros e a leitura”, de forma a promover “o conhecimento das relações entre a fala e a escrita, bem como o gosto pelos livros e a consciência de que estes contêm conhecimento, saberes e afectos indispensáveis ao desenvolvimento humano” (p.18).

Optei por realizar com as crianças bolachas, sendo que cada uma realizou, com um pouco de massa, a sua bolacha. Ao confeccionarem as bolachas, as crianças divertiram-se.

É importante permitir que a criança experimente por si, sem deixar de a orientar. Catita (2007) declara que devemos “(...) proporcionar à criança um conjunto de experiências orientadas de uma forma metodológica, para que ela as desenvolva, utilizando os seus sentidos, envolvendo-se assim numa aprendizagem construtivista” (p.7). Estas atividades de culinária em grupo são uma boa forma de trabalhar em equipa.

### **Sexta-feira, dia 26 de abril de 2013**

Por motivos de doença não compareci ao Estágio neste dia.

## **Segunda-feira, dia 29 de abril de 2013**

O presente dia teve início com o acolhimento no salão, com a roda das canções, como habitualmente.

Todo o decorrer da manhã foi passado no salão, com as crianças em semirrota, em que as crianças falaram apenas do fim-de-semana.

Após o almoço, as crianças foram brincar para o recreio.

## **Inferências e Fundamentação Teórica**

Considero importante deixar as crianças falarem do que fizeram durante o período em que não estão na escola, sendo este, o fim-de-semana. Mas penso também que a educadora demorou demasiado tempo nesta atividade. Tal como referido nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (ME, 1997) “a capacidade do educador escutar cada criança, de valorizar a sua contribuição para o grupo, de comunicar com cada criança e com o grupo, de modo a dar espaço a que cada um fale, fomentando o diálogo entre crianças, facilita a expressão das crianças e o seu desejo de comunicar” (p.67).

Neste dia as minhas colegas e eu não observámos mais nenhuma atividade dinamizada pela educadora.

Segundo Spodek e Saracho (1998),

ensinar as crianças pequenas requer mais do que saber como mantê-las seguras e arranjar actividades interessantes. O professor deve saber quais conhecimentos as crianças precisam para suas vidas actuais e para seu aprendizado posterior, e também como transmitir este conhecimento de forma adequada às crianças de uma turma em particular, para assegurar que elas alcancem os objectivos do programa (p.23).

Penso que as crianças, neste dia, tiveram poucas atividades que as desafiasse e as desenvolvesse.

## **Terça-feira, dia 30 de abril de 2013**

O presente dia teve início com o habitual acolhimento das crianças no salão.

Este dia estava destinado para a manhã de atividades da colega Tânia.

Iniciou-a pelo Domínio da Matemática, tendo utilizado os materiais estruturados 3.º e 4.º Dons de Froebel. Com eles, realizou a construção do muro e a camioneta (Figura 36), depois de fazer uma breve exploração do material.



Figura 36 – Construção do muro

Foi contando uma história, de forma a fazer uma contextualização. De seguida, levou as crianças para o salão, onde procedeu a uma Estimulação à Leitura do livro *Buuu!*, de Tracey Corderoy e Caroline Pedler, à qual as minhas colegas e eu não assistimos, uma vez que estávamos a preparar a atividade que a própria colega iria realizar na área do Conhecimento do Mundo.

Já na Área do Conhecimento do Mundo, mostrou uma cesta com legumes e a roda dos alimentos que eu realizei para a minha aula. Abordou então a temática central da sua aula: a cenoura e deixou que todas as crianças provassem cenoura crua. Antes de terminar a sua aula, a colega pediu que as crianças se fossem sentar nos respetivos lugares, nos quais tinham um kit de jardineiro: um saquinho de terra, sementes de cenoura, uma colher e uma garrafa cortada ao meio. A atividade consistia em semear cenouras.

Terminada a aula da colega, as crianças foram para o recreio e, após o almoço, foram uma vez mais para o recreio, onde a educadora deu o seu *feedback* sobre a aula da colega.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Durante a aula de Conhecimento do Mundo, a colega proporcionou momentos em que as crianças utilizaram o sentido do paladar.

De acordo com Feldeman (2007), “o sentido do paladar” que envolve células recetoras que respondem apenas a quatro qualidades básicas do estímulo, doce, azedo, salgado e amargo. (p.109)

A colega forneceu um kit de jardineiro a cada criança e estas, sozinhas, semearam sementes de cenoura. As crianças encararam esta atividade como uma atividade experimental (figura 37).



Figura 37 – Kit de jardineiro.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (ME, 1997), “a escolha das experiências a realizar, bem como a maior ou menor complexidade do seu desenvolvimento, decorre da idade, dos interesses, das capacidades das crianças e também do apoio que lhes é dado pelo educador” (p.83). Considerei muito interessante a atividade elaborada pela colega, pelo seu carácter experimental.

#### **Sexta-feira, dia 3 de maio de 2013**

No presente dia, por motivos de doença, não compareci ao estágio profissional.

#### **Segunda-feira, dia 6 de maio de 2013**

No presente dia, por motivos de doença, não compareci ao estágio profissional.

#### **Terça-feira, dia 7 de maio de 2013**

Este dia ficou marcado pela manhã de atividades dirigida pela colega Dulce, sendo que a temática da sua aula foram os meios de transporte. Iniciou-a pelo Domínio da

Matemática, tendo trabalhado o material estruturado Geoplano. Realizou um itinerário, que contextualizou com uma história da aventura que teve no fim-de-semana.

Introduziu estímulo musical com os instrumentos, triângulo e ferrinhos, sendo que o número de toques que dava, determinava o número de espaços que tinham que avançar no Geoplano. Pelo decorrer da aula, a colega guiou as crianças através de orientação espacial (figura 38).

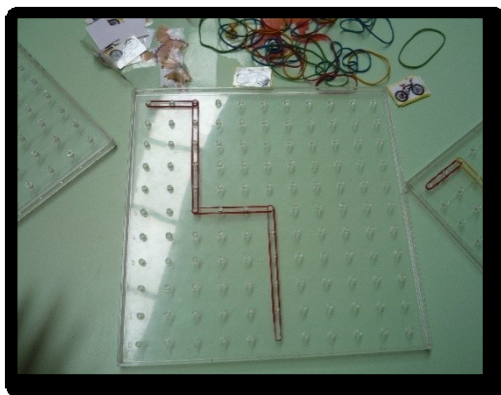


Figura 38 - Geoplano

Foi também realizando exercícios de contagem e de cálculo mental e introduzindo noções de meia dezena e meia dúzia.

De seguida, a colega iniciou a Área do Conhecimento do Mundo na sala dos 3 anos, que se tinha ausentado do Jardim-Escola, sentando as crianças em semicírculo no tapete, para começarem a falar da real temática da aula, os meios de transporte, assim como das suas funções e importância. Abordou também os vários tipos de meios de transporte: aquáticos, terrestres e aéreos, dando exemplos de cada um. Para auxiliar à compreensão e não tornar a sua aula expositiva, a colega elaborou uma maquete e um exemplo de cada meio de transporte, para que as crianças, com o seu auxílio, os fossem colocar no local certo (meio aéreo, meio terrestre e meio aquático).

A colega, levou as crianças para o salão, onde iniciou o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, tendo sentado as crianças em semicírculo para começar a Estimulação à Leitura. O livro que leu foi *O meu balão vermelho* de Kasuaki Yamada. Apelou à magia, mostrando a sua varinha mágica, assim como à participação das crianças.

Terminada a aula da Dulce, as minhas colegas e eu auxiliámos as crianças a vestirem o equipamento, uma vez que iam ter Ginástica.

Posteriormente à Ginástica, a colega realizou ainda uma proposta de trabalho com as crianças sobre a temática da aula que tinha dado.

Este dia concluiu-se com o almoço, e logo de seguida, o recreio.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

A aula da colega foi muito bem conseguida. Preocupou-se com quaisquer dúvidas que surgiam e orientou as crianças durante o decorrer da atividade. Relativamente à Área do Conhecimento do Mundo, a colega explicou bem os conceitos. Estes foram bem retidos pelas crianças. Segundo Oliveira (1991), os objetivos da Educação em Ciências são

Usar o saber científico, particularmente alguns conceitos básicos que funcionam como ângulos de abordagem da realidade e como instrumentos para resolver problemas de teor não meramente académico; (...) desenvolver atitude tais como, curiosidade, criatividade, flexibilidade, abertura de espírito, reflexão crítica, autonomia, respeito pela vida e pela natureza (...) (p.35)

As ciências são assim, de uma extrema importância no desenvolvimento da criança, inculcando reflexão crítica e curiosidade, entre outras capacidades, na criança.

Revelou também ter uma relação próxima com as crianças, o que proporcionou um ambiente acolhedor, em todo o decorrer da aula.

### **Sexta-feira, dia 10 de maio de 2013**

O dia começou, de forma habitual, com a roda. Depois das restantes turmas se terem retirado do salão, uma vez que não houve música, a educadora realizou um jogo com as crianças. Esse jogo consistia numa roda e uma criança no centro da mesma. Com uma bola, tinham que tocar em quem estivesse no centro da roda. Uma criança, ao perder, chorou e recusou-se a sentar-se, não admitindo que a bola lhe tinha tocado. A educadora teve que intervir, tendo-a repreendido e obrigado a sentar-se na roda.

Depois, na sala, a educadora distribuiu por cada criança um saco com um material matemático estruturado, o Tangram. Questionou-as relativamente à quantidade e às formas das peças. Pediu-lhes que tirassem o material dos sacos e deu indicações para que colocassem o triângulo pequeno, depois o triângulo médio e, por fim, o triângulo grande, do lado esquerdo. Com este exercício introduziu, na atividade, a noção de ordem crescente.

De seguida, pediu que as crianças fizessem um quadrado, utilizando todas as peças do material. Circulou pela sala, e foi corrigindo as construções das crianças. Chamou a única que conseguiu realizar a construção, para a fazer no quadro com as peças grandes

do Tangram da educadora. Depois de todas terem a construção feita corretamente, pediu que todas desmontassem a mesma e que a voltassem a fazer. Logo de seguida, arrumaram as peças e dirigiram-se para o recreio.

Após o recreio, a colega Tânia foi surpreendida pela educadora para dinamizar uma aula surpresa no âmbito do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, tendo-lhe sido fornecido o livro *Sobe e desce* de Oliver Jeffers. Ao iniciar a sua Estimulação à Leitura, a colega apelou ao fator de magia, utilizando uma varinha mágica e no final, “pozinhos mágicos”.

Terminada a aula surpresa da colega, as crianças foram à casa de banho e, posteriormente, para o refeitório e recreio, onde a educadora comentou a aula da colega.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

A manhã iniciou-se com um jogo, após o acolhimento. Uma criança, ao perder, fez uma birra, chorando e gritando compulsivamente por não se querer sentar, tal como dita a regra do jogo. As crianças devem saber ganhar, assim como devem saber perder, uma vez que não é possível ganharem sempre todos os jogos.

Cordeiro (2010) afirma que

ensinar a ganhar e a perder, e a saber ganhar e a saber perder são tarefas fundamentais. (...) Ganhar traz alegria, perder traz tristeza. E é muito bom que eles queiram à partida ganhar. O que se deve ensinar é a saber que umas vezes se ganha e outras vezes se perde. E que quando se ganha deve-se ficar alegre, mas não arrogante e com vontade de humilhar os que perderam, e quando se perde deve-se saber dar a volta e ter a coragem (...) de cumprimentar os vencedores, analisar o que correu mal e preparar-se para o jogo seguinte. Jogar e brincar fazem parte da vida e não devem ser abandonados só porque se cresce (p.338).

Relativamente à aula que a educadora orientou no Domínio da Matemática, cujo material era o Tangram, devo salientar que é um material que as crianças apreciam, por poderem manipular e construir formas geométricas e figuras.

Santos (2008), citado em Caldeira (2009) afirma que

o tangram , como jogo ou como arte, possui um forte apelo lúdico e oferece àquele que brinca um envolvente desafio. Cada vez mais presente nas aulas de matemática, as formas geométricas que o compõem, permitem que os professores vejam neste material a possibilidade de enúmeras explorações” (p.391).

As crianças, demonstraram, de facto, apreciar as atividades que lhes foram pedidas, com este material.

### **Segunda-feira, dia 13 de maio de 2013**

Como usual, a manhã teve início com o acolhimento das crianças na roda.

Quando todas as restantes turmas se retiraram do salão, a colega Tânia foi surpreendida por uma professora da Equipa de Supervisão da Prática Pedagógica, tendo-lhe sido pedido que trabalhasse com o material matemático estruturado *Cuisenaire*. Com este material, foi proposto que realizasse a escada por ordem crescente e a escada por ordem decrescente (figura 39).



Figura 39 – Aula Surpresa da Tânia com o material Cuisenaire

A colega, ao iniciar a sua aula, mostrou às crianças o seu fantoche da tartaruga Quiqui, e elaborou uma breve exploração do material estruturado. Inicialmente, pediu que as crianças pegassem na peça mais importante, e questionou uma delas, porque seria a mais importante assim como o seu valor. Simultaneamente, utilizou peças grandes em frente ao grupo. Pediu as duas peças que se seguiam à peça branca e questionou as crianças sobre que escada estavam a fazer.

Depois da questão ter sido respondida, deixou que as crianças realizassem a escada, e, ao mesmo tempo, foi realizando com as peças grandes, de forma a colmatar dúvidas.

Terminadas as escadas, a colega pediu a duas crianças que lessem a escada, uma por cores e a outra por valores. Bateu palmas e pediu que fossem buscar a peça que correspondia ao número de palmas que batia. De seguida, pediu que as crianças colocassem as peças no centro do tampo da mesa e que realizassem a escada por ordem decrescente sozinhos, enquanto, mais uma vez, de forma a fazer uma correção, pediu que uma criança fosse à frente do grupo realizar a escada com as peças grandes. Para terminar a aula, deixou as crianças brincar com o material.

Após o recreio, as minhas colegas e eu fomos para a reunião com a professora da Equipa da Supervisão da Prática Pedagógica.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

A aula dinamizada pela colega foi simples e teve um bom e lógico fio condutor. Começou por fazer uma breve exploração do material que lhe foi proposto e soube colocar as questões, de forma dirigida. As crianças aderiram à atividade, mesmo tendo sido um exercício que fazem frequentemente.

A colega manteve, sempre, uma boa relação com o grupo, sendo que este, se sentia à vontade para colocar as suas dúvidas. Como afirmam Gomez e Serratz (1993), as relações aluno-professor devem basear-se na ajuda e colaboração, potenciando a responsabilidade do aluno” (p.43).

A colega manteve também uma boa postura, estando calma e tranquila.

### **Terça-feira, dia 14 de maio de 2013**

O dia iniciou-se com o habitual acolhimento das crianças.

Esta manhã, estava destinada às atividades que seria dirigida pela Ana. A colega iniciou a sua atividade no Domínio da Matemática, trabalhando com os materiais estruturados, 3.º e 4.º Dons de Froebel, sendo que os distribuiu por cada criança, antes de estas chegarem à sala. Procedeu a uma breve exploração dos materiais e pediu que abrissem as caixas corretamente e ditou as regras.

Realizou toda a mobília do quarto. Todas as construções foram contextualizadas com uma história contada pela colega, enquanto, em simultâneo, realizou exercícios de cálculo mental. Distribuiu também pelas crianças, em saquinhos, imagens de telefones, sendo este um material não estruturado. De seguida, pediu que fizessem um comboio e levou-as para o salão, onde se sentaram em semicírculo.

A colega mostrou uma maquete que fez de uma televisão e explicou que iam falar dos meios de comunicação.

Através de imagens, sequenciou cronologicamente os vários meios de comunicação e explicou a função e utilização de cada um (figura 40).



Figura 40 – Aula da Ana na área do Conhecimento do Mundo

Para terminar a aula de Conhecimento do Mundo, a colega pediu a uma criança que distribuisse pelos colegas um saquinho, que continha dois *puzzles*. A colega solicitou ao grupo para que realizasse o *puzzle* da cor azul. Terminados os *puzzle*, contou adivinhas que as crianças tinham que tentar adivinhar.

De seguida, sucedeu-se o recreio e, depois, a colega levou as crianças para o ginásio, onde deu continuidade à sua aula, com o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, tendo realizado uma Estimulação à Leitura com a história *Pedro quer ver televisão*, de Sandrine Deredel Rogeon. Nesta parte da aula, a colega não utilizou o livro para mostrar as ilustrações do mesmo. Utilizou a televisão, onde passou as imagens.

Terminada a aula, seguiu-se almoço, e, por fim, o recreio. No recreio, a educadora falou sobre a aula que a colega tinha dado.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Devo salientar que ao observar esta aula da colega, notei uma visível evolução da mesma. Alarcão (1996) salienta que “ o objectivo da reflexão é tudo o que se relaciona com a actuação do professor durante o acto educativo: conteúdos, contextos, métodos, finalidades do ensino, conhecimentos e capacidades que os alunos estão a desenvolver”

(p.98).Mostrou-se confiante de si e das atividades que propunha, tendo melhorado as críticas que lhe foram feitas ao longo deste estágio.

### **Sexta-feira, dia 17 de maio de 2013**

No presente dia, por motivos de doença, não compareci ao estágio profissional.

### **Segunda-feira, dia 20 de maio de 2013**

Esta manhã teve início, como habitual, com o acolhimento das crianças no salão. A educadora chegou tarde, tendo sido uma educadora de apoio que ficou responsável pelo grupo. Esta sentou as crianças em semicírculo e falou da história do papel e fez um *origami* de uma borboleta. De seguida, fez bolas com folhas de papel, atirou e deixou que algumas crianças atirassem também as bolas.

Entretanto, a educadora chegou e passou a restante manhã a nomear os chefes da sala, do refeitório e do comboio.

Seguiu-se o recreio e, depois, a aula de Inglês. Terminada a aula de Inglês, as crianças dirigiram-se para o refeitório, onde almoçaram.

### **Inferências**

Neste dia as crianças apenas falaram do seu fim-de-semana, de onde tinham ido, e que tinham feito.

### **Terça-feira, dia 21 de maio de 2013**

Esta manhã teve início, como habitual, com o acolhimento das crianças no salão, formando uma roda enquanto cantam. Ainda durante a roda das canções, a educadora surpreendeu-me, requisitando uma aula de carácter surpresa. Entregou-me o livro *O feitiço da birra* de Laura Ferreira Rodrigues.

Quando terminou a roda, as crianças foram à casa de banho e, de seguida, levei-as de volta ao salão e sentei-as em semicírculo procedendo a uma Estimulação à Leitura. Comecei por fazer surgir o livro, como se de magia se tratasse e explorei as partes do mesmo, nomeadamente a capa, contra-capas e lombada. Pedi também às crianças que enviassem magia para que o livro se abrisse. Li a história e explorei as imagens da mesma. Apelei à participação das crianças, procedendo a uma revisão da história lida.

Terminada a minha aula surpresa, as crianças tiveram aula de Ginástica.

Já no salão a educadora sugeriu que fizéssemos com as crianças um jogo chamado terra-mar.

Enquanto as crianças se vestiam para a aula de Ginástica, uma professora da Equipa de Supervisão Pedagógica pediu à Ana que dinamizasse uma aula surpresa. Pediu-lhe que trabalhasse o Domínio da Matemática com um material alternativo, os conteúdos cálculo e contagem. A colega escolheu trabalhar com peças de vestuário coloridas. Sentou as crianças em semicírculo e pendurou uma corda, simulando um estendal. Espalhou as peças de vestuário pelo chão e foi elaborando contagem das peças no total, por cores, por tipos (*quantos calções?*; *quantas camisolas?*; *quantas meias?*). Realizou também cálculo mental e quando algumas crianças mostraram dificuldade nos cálculos requisitados pela colega, esta mostrava, no concreto, com o material, de forma a colmatar todas as dúvidas e a conseguirem chegar ao resultado correto.

Terminada a aula da colega, reunimo-nos com a professora supervisora, para falar da aula da colega.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Na minha aula, considerei pertinente começar por abordar os vários constituintes do livro, uma vez que o iria utilizar. Tal como Lopes (2006) refere, “(...) é muito importante referir expressamente o nome do livro, o autor e eventualmente a editora. Deve de igual modo deixar-se claro para as crianças o que é a “capa”, a “contracapa” e que elementos contêm” (p.68). É importante que a criança se familiarize com os constituintes do livro.

### **Sexta-feira, dia 24 de maio de 2013**

Este dia esteve destinado à minha aula programada e assistida pelas professoras supervisoras da Equipa da Prática Pedagógica. Esta aula teve como tema a borboleta. Comecei pelo Domínio da Matemática, tendo utilizado como material o Tangram. Como exercício, realizei, juntamente com as crianças, a construção de uma borboleta (figura 41).



Figura 41 – Construção de uma borboleta com o material Tangram

Apenas no final da construção, as informei do tema da aula. Terminada a atividade de matemática, pedi que as crianças fizessem um comboio e levei-as, cantando, para outra sala, onde estavam penduradas borboletas, o que conferiu um ambiente mágico e acolhedor e, principalmente, alusivo ao tema. Lá, comecei por tirar de uma caixa, um livro, *A lagarta comilona*, de Sheridan Cain e Jack Tickle. Este livro é em 3-D. De forma a utilizar as imagens da melhor forma, coloquei o texto atrás do livro, sendo que nunca virei o livro para mim. Assim, as crianças, estiveram sempre focadas nas imagens em 3-D. (figura 42)



Figura 42 – *Leitura do livro, A lagarta comilona*

De seguida, iniciei a Área do Conhecimento do Mundo, abordando as diferentes fases do ciclo de vida da borboleta, utilizando como suporte, imagens (figura 43).



Figura 43 – *Mostrando imagens do Ciclo de vida da borboleta*

Referi o nome de cada fase de vida da borboleta, tais como o ovo, a lagarta, a crisálida e, finalmente, a fase final, a borboleta.

Terminada a aula, reunimo-nos com as professoras da Equipa de Supervisão Pedagógica.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Durante o decorrer da aula tentei abstrair-me das professoras que me avaliavam. Assim, tentei adotar uma postura calma e serena, de forma a construir um fio condutor lógico e coerente.

Iniciei a aula com o Domínio da Matemática. Optei pelo material estruturado Tangram, com o qual nunca tinha trabalhado. Elaborei a construção da borboleta, sendo a verdadeira temática da aula. Com este material, é permitido às crianças manipularem-no e descobrir várias formas de colocar as peças até conseguirem o resultado pretendido e, consequentemente, a construção em vista. De acordo com Matos e Serrazina (1988), citado em Caldeira (2009), “a formação dos conceitos pertence à essência da aprendizagem da Matemática e ela tem de ser fundamentalmente baseada na experiência” (p.410).

Nesta parte da aula, debati-me com o tempo, sendo que não consegui elaborar muitos exercícios de cálculo mental, tendo sido a grande falha. Ao deslocar as crianças da sala para uma outra, disse-lhes que entraríamos no mundo mágico das borboletas, sendo que previamente tinha pendurado muitas borboletas de variadas cores pela sala, proporcionando um ambiente mágico e acolhedor.

As crianças gostaram imenso de ter visto as borboletas e realmente aderiram ao “mundo mágico”.

Comecei pela Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. Sentei-as em fileiras e coloquei-me, também eu sentada, numa cadeira à sua frente. De uma caixa retirei um livro e procedi a uma estimulação à leitura. Adotei a estratégia de ter o texto colado na parte de trás do livro, de forma a tê-lo sempre virado para as crianças, uma vez que as imagens eram em 3D. As crianças gostaram muito das imagens do livro e da história subjacente.

Aquando da leitura da história, realizei inflexões de voz e dramatizei as vozes das diferentes personagens, de forma a tornar a leitura dinâmica e a captar a atenção das crianças. Realizei também gestos e expressões de acordo com o decorrer da história.

Cury (2004) defende que “(...) para contar histórias é necessário exercitar uma voz fluente, teatralizada, que mude de tom durante a exposição. É preciso produzir gestos e reacções capazes de expressar o que as informações lógicas não conseguem” (p.94).

Ao terminar a leitura da história, procedi a uma breve revisão da história e iniciei a Área do Conhecimento do Mundo, na qual, através de imagens, expliquei o ciclo de vida da borboleta, assim como as suas fases de vida.

Coloquei questões dirigidas e de fácil compreensão, facilitando às crianças, chegar às respostas corretas. Ao mesmo tempo, tentei que cada questão, apesar de ser feita de forma clara, fosse desafiante, de forma a que as crianças fossem obrigadas a raciocinar.

Ponte (1994) refere que o educador deve dirigir o discurso “(...) colocando questões e propondo atividades que facilitem, promovam e desafiem o pensamento de cada aluno; pedindo aos alunos que clarifiquem e justifiquem as suas ideias ” (p.37).

Na área do Conhecimento do Mundo, ao expor todas as palavras cientificamente corretas como crisálida, metamorfose, entre outras, tentei incentivar e envolver as crianças na temática. De acordo com Martins *et al.* (2002) “uma exposição precoce a fenómenos científicos favorece uma melhor compreensão dos conceitos apresentados mais tarde, no ensino básico” (p.13).

Relativamente à reunião, uma vez mais devo salientar a sua importância e pertinência devido ao facto de ser através do parecer de outros profissionais da educação, de forma construtiva, que nos apercebemos das nossas falhas, do que correu bem e menos bem, assim como de outras estratégias que resultam em sala de aula.

Segundo Alarcão e Tavares (2003)

o supervisor pedagógico deve conseguir criar um clima de confiança e de uma liderança democrática onde o formando tem voz e liberdade de agir, sabendo igualmente que o supervisor tem direito a julgar. Dotado de competências conceptuais e técnicas para desenvolver um projecto de observação e análise adequados, o supervisor pedagógico deve valorizar uma avaliação formativa ao elaborar *feedback's* construtivos (p.46).

### **Segunda-feira, dia 27 de maio de 2013**

Este dia começou como habitual, com a roda das canções. Entretanto, ainda na roda, houve um jogo que consistiu numa roda feita pelas crianças, sentadas no chão. No centro da roda, fica uma criança que tem de se desviar de uma bola atirada pelos colegas, com o intuito de lhe tocar. Terminado o momento do acolhimento, a educadora iniciou a conversa com as crianças, relativa ao que cada uma tinha feito durante o fim-de-semana.

De seguida, a educadora requisitou à Dulce uma atividade surpresa, no âmbito do Domínio da Matemática. Pediu-lhe que trabalhasse com o material estruturado 3.º Dom de Froebel. A colega utilizou o fator magia, utilizando uma varinha para “puxar a magia para todas as crianças”. Iniciou a aula, perguntando o nome do material em questão e realizou a exploração do mesmo. Começou por contextualizar as crianças contando uma história, de forma a tornar a sua aula mais dinâmica. À medida que contava a história requisitava as construções e circulava pela sala, verificando se todas as crianças as tinham realizado. Pediu que as crianças fizessem o comboio, o cadeirão, as cadeiras e a mesa. Ao longo do decorrer da sua aula, a colega realizou também cálculo mental com as crianças. A colega teve a preocupação de não destruir nenhuma construção para realizar outra, partindo de uma construção para a outra. Deixou que as crianças brincassem com as peças do material, para terminar a sua aula.

De seguida, as crianças foram para o recreio e, após o almoço, regressaram ao mesmo. Neste dia, de forma a compensar uma das faltas dadas, fiquei da parte da tarde com as crianças. Realizei com as mesmas uma proposta de trabalho no âmbito da Área o Conhecimento o Mundo (Anexo 2). Depois de as distribuir, pedi que as crianças escrevessem os nomes no local indicado.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Foi proposto à colega orientar uma atividade surpresa com o 3.º Dom de Froebel. As crianças gostam particularmente deste material.

De acordo com Caldeira (2009) “(...) os materiais educativos são facilitadores duma aprendizagem significativa, quando aliam o sentido lúdico ao jogo, visto que a criança pode desenvolver-se e interagir com o meio, de forma a desenvolver capacidades intelectuais, afectivas e sociais” (p.12)

Pude observar que as crianças, nesta idade, têm gosto em escrever os seus nomes, mesmo que não o saibam fazer muito bem. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (ME, 1997), “(...) aprender a escrever o seu nome tem, que tem um sentido afectivo para a criança e lhe permite fazer comparações entre letras que se repetem noutras palavras, o nome dos companheiros, o que o educador escreve” (p.69). As crianças mostraram gostar, imenso, de escrever o seu nome na proposta de trabalho.

### **Terça-feira, dia 28 de maio de 2013**

A manhã teve início com o habitual acolhimento, no salão, com a roda das canções. Entretanto a educadora solicitou-me para uma aula surpresa no âmbito do Domínio da Matemática, tendo dado como material a explorar o 4.º Dom de Froebel. Conteí uma história de forma a contextualizar as crianças.

Pedi que realizassem o banco de jardim, as cadeiras, a cadeira e a mesa, e, por fim, a cama. (figura 44)

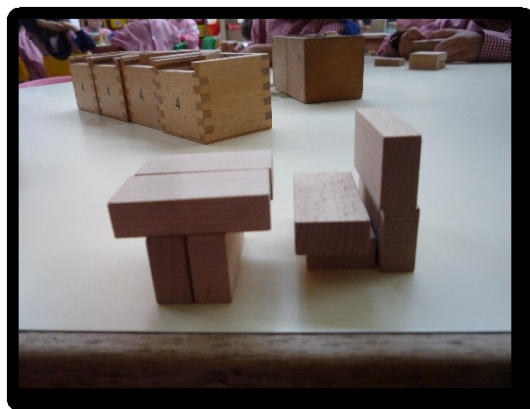


Figura 44 – *Construção da cadeira e mesa da sala*

Terminada a minha aula, as crianças equiparam-se para a aula de Ginástica, e a educadora, ainda antes da aula, levou-as para a sala dos computadores, onde falou dos vários tipos de carros, de motas, de barcos, de aviões e de aviões. Como suporte para esta aula, utilizou uma enciclopédia, a qual mostrava as imagens.

Explorou as imagens dos diferentes tipos de carros, de barcos e de aviões, colocando sempre a seguinte questão: “É um meio de transporte quê?” Terminada a atividade, as crianças tiveram Ginástica e, de seguida, almoçaram.

Após o almoço, as crianças foram para o recreio.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

A educadora propôs-me dinamizar uma atividade cujo material foi o 4.º Dom de Froebel. Pude verificar que as crianças demonstram gostar muito deste material, pelo seu carácter manipulativo. De acordo com Caldeira (2009) “a utilização de materiais manipulativos, através de modelos concretos, permite à criança construir, modificar,

integrar, interagir com o mundo físico e com os seus pares, a aprender fazendo, desmistificando a conotação negativa que se atribui à Matemática” (p.12).

Cardoso (2002), citado em Caldeira (2009) afirma que “os materiais podem constituir elementos de mediação na aprendizagem, na construção, desenvolvimento e formação de determinadas aprendizagens em que o primeiro contacto do aluno com o material deve ser de forma lúdica, de modo a que “possa explorá-lo livremente” (p.12).

De acordo com Caldeira (2009), os materiais manipulativos “através do jogo pedagógico, estimulam a criatividade e a construção de novos conhecimentos despertando o desenvolvimento de habilidades operatórias, ajudando-a a construir conexões e a desenvolver o conhecimento matemático, proporcionando situações mais próximas da realidade e permitindo uma melhor compreensão na resolução de problemas” (p.12).

Relativamente à aula da Área do Conhecimento do Mundo, que a educadora orientou, a meu ver, não abordou de forma eficaz os conceitos que seriam pertinentes numa aula com este tema. Apenas abordou os diferentes tipos de barcos, de carros e de aviões. Uma vez que este tema já tinha sido anteriormente abordado, a educadora poderia ter-se focado nos diferentes tipos de meios de transporte, em vez de ter-se focado nos diversos tipos de carros, de motas, de barcos e de aviões.

### **Sexta-feira, dia 31 de maio de 2013**

Nesta manhã, o dia teve início com a habitual roda das canções. De seguida, passaram a manhã toda a fazer bolos no salão, juntamente com o outro grupo dos 4 anos. Esta atividade foi alusiva ao dia das crianças.

Seguiu-se o almoço que, neste dia, decorreu de forma diferente: foi servido no exterior, no recreio.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

As crianças gostaram particularmente deste dia. Elas próprias fizeram bolos, o que as deixou muito entusiasmadas. Também o almoço no exterior foi um momento de grande alegria por parte não só das crianças, mas sim de todas as educadoras e de nós, estagiárias.

### **Segunda-feira, dia 3 de junho de 2013**

Este dia começou com a habitual roda das canções.

Como é habitual também, a educadora perguntou a todas as crianças o que fizeram no fim-de-semana. De seguida, a Ana distribuiu e realizou uma proposta de trabalho pelas crianças. A colega começou por fazer uma breve revisão do tema da proposta de trabalho, alusiva à aula que tinha dado anteriormente, cujo tema eramos meios de transporte.

De seguida, começou a aula de Inglês, seguindo-se o almoço e o recreio.

Neste dia, permaneci a parte da tarde no Jardim-Escola, de forma a compensar uma falta dada. Realizei uma proposta de trabalho com as crianças, no âmbito do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita (Anexo 3).

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Esta manhã de atividades foi inteiramente preenchida com a conversa sobre o que cada criança fez no fim-de-semana. As crianças gostaram de poder contar e descrever o que realizaram nesse período, não só à educadora como também aos colegas. Devo salientar também que as crianças se mostravam entusiasmadas com o que os colegas contavam.

### **Terça-feira, dia 4 de junho de 2013**

O dia iniciou-se com o acolhimento na roda das canções. Terminado o acolhimento, a educadora requisitou à colega Tânia uma aula surpresa com palhinhas e algarismos móveis, portanto o Domínio da Matemática. A colega utilizou o fator mágico e procedeu à exploração do material. Introduziu o estímulo musical, sendo que quantas vezes a colega tocava com o triângulo e com os ferrinhos, determinava o número de palhinhas que as crianças tinham que retirar o copo. Ao longo da aula, abordou os conceitos de par e de meia dezena. Realizou também exercícios de cálculo mental. Para terminar a sua aula, a colega deixou que as crianças brincassem com os materiais.

A educadora colocou as maçãs nas mesas e as crianças, depois de terminarem de comer, equiparam-se para ir para a aula de Ginástica.

De seguida, fomos chamadas para assistir a uma aula surpresa pedida por uma professora da Equipa da Supervisão da Prática Pedagógica, na sala dos 5 anos. O material que lhe foi proposto, foram os Calculadores Multibásicos. A colega optou por

iniciar a sua aula com uma estratégia de comportamento, tendo desenhado uma nuvem a sorrir para cada fila, explicando que se alguma criança se portasse mal, retiraria o sorriso das nuvens.

Explicou as regras do material e realizou dois exercícios de adições relativos a gomas que tinha comprado, e um último de uma subtração.

Terminada a aula da colega, reunimo-nos na reunião da Prática Pedagógica.

## **Inferências**

Devo salientar que considerei muito importante a oportunidade de poder assistir às aulas surpresas das colegas, o que me permitiu observar posturas e estratégias diferentes, umas que resultam, outras que não. Na reunião com a Equipa de Supervisão Pedagógica, onde são enumeradas as diferentes estratégias adotadas pela colega e foi-lhe dado o *feedback* relativo à sua aula.

## **Sexta-feira, dia 7 de junho de 2013**

O dia teve início com a habitual roda das canções, sendo o momento do acolhimento.

Esta manhã foi destinada a aulas surpresa, requisitadas pelas professoras supervisoras. Primeiramente, foi a Dulce a dar aula. Esta aula era do Domínio da Matemática, tendo-lhe sido proposto o material estruturado *Cuisenaire*. Com este material, a professora forneceu à colega uns cartões, para que as crianças os preenchessem com as peças do material. Não pude assistir a esta aula, uma vez que a professora me surpreendeu, também, para dinamizar uma aula surpresa. Pediu-me que dramatizasse a história da Carochinha, com fantoches. Então, saí da aula da colega e fui preparar os materiais que iria utilizar para a minha aula.

Pedi às crianças que se sentassem em semicírculo e sentei-me à frente delas, para dar início à aula. De seguida, coloquei-me atrás de um quadro onde coloquei uma toalha de mesa, para que não me vissem

Apresentei a personagem principal, a Dona Carochinha e fui narrando a história, cantando e reproduzindo e pedindo que as crianças fizessem os sons de cada animal que pertencia à história.

Apelei à participação das crianças ao longo da história, de forma a mantê-las interessadas na dramatização. Após ter terminado a dramatização, sentei-me com o grupo e perguntei a ordem das personagens (figura 45).



Figura 45 – *Dramatização d'A história da Carochinha*

Terminada a minha aula, foi ainda, a vez de outra colega ser surpreendida para dar uma aula surpresa no Domínio da Matemática, com o material estruturado *Cuisenaire*.

Terminadas todas as aulas, tivemos uma reunião com as professoras da Equipa de Supervisão da Prática Pedagógica

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Durante toda a aula, a colega preocupou-se em colocar questões relacionadas com as suas vivências, o que facilitou as respostas às mesmas.

Nisbet (s.d.), citado em Cardoso, Peixoto, Serrano e Moreira (1996) referem que o educador deve “ (...) colocar questões que levem os alunos a pensar (reflectir) e explicitar o pensamento” (p.75).

Relativamente à minha aula de fantoches, diferenciei as vozes de cada personagem da história e apelei à participação das crianças, durante a dramatização.

Tal como defende Pereira e Sousa (2007), “(...) os fantoches aplicados na sala de aula podem servir para envolver os alunos em aprendizagens diversas através de um método activo e lúdico que vai levar o aluno a uma melhor e eficaz compreensão” (p.44). Este tipo de aula envolve as crianças pelo seu carácter lúdico, deixando-as entusiasmadas, durante todo o decorrer da atividade.

### **Terça-feira, dia 11 de junho de 2013**

Esta manhã teve início com o habitual acolhimento.

De seguida, a educadora surpreendeu a minha colega Ana para dinamizar uma aula surpresa procedendo a uma Estimulação à Leitura. A colega leu a história *Orelhas de borboleta* de Luísa Aguilar e André Neves. A colega utilizou a sua fada mágica, utilizando fator da magia e da surpresa. Começou por ler o título da história e explorar a capa e a contracapa.

Começou a leitura da história, fazendo inflexões de voz e de forma expressiva. Depois de terminada a leitura, fez uma revisão da história, apelando à participação das crianças. Falou da importância das crianças serem amigas umas das outras e de não excluir quem é diferente. Chamou dois meninos e comparou as suas diferentes alturas. Explorou as imagens do livro, pediu que todos dessem as mãos e prometessem que nunca mais se iam gozar mutuamente. No final da história, perguntou a cada menino se gostaria de ter orelhas de algum animal. Todos acederam à questão, tendo dado respostas muito criativas.

Após a aula da colega, a colega Tânia realizou uma proposta de trabalho com as crianças. Seguiu-se o recreio.

Entretanto, as minhas colegas e eu fomos assistir a uma aula surpresa de uma colega, requisitada por uma professora da Supervisão Pedagógica. Para essa aula foi fornecido material não estruturado, peixes coloridos.

Perguntou como se chamava o material, que cores tinham. Contou a história que tinha ido à praça comprar peixes frescos e elaborou exercícios de adições.

A colega não soube estruturar o seu pensamento, uma vez que não concluiu um raciocínio antes de partir para outro. Não colocou questões dirigidas, nem soube controlar a indisciplina, pois havia grupos de crianças que faziam torres com o material e a colega, mesmo vendo, não os repreendeu. A linguagem utilizada não foi de facto a mais adequada e, penso que a aula não foi bem conseguida.

Seguiu-se a reunião com a professora supervisora.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Considero que a aula da colega correu muito bem. Foi muito interessante, não só a história mas por toda a envolvente da mesma. Captou a atenção das crianças, que nunca se desinteressaram pela história.

A colega, além de se ter mostrado muito expressiva, com uma boa postura e muito dinâmica, realizou exercícios de reflexão com o grupo, perguntando se já tinham sido gozados por colegas e se tinham gostado. Fê-los também, no final, prometer, dando as mãos, que nunca mais fariam isso a colega nenhum.

Esta temática é muito interessante e pertinente nestas idades, uma vez que as crianças são realmente, por vezes, um pouco más umas para as outras.

Considero, ainda, que é fundamental possibilitar às crianças uma grande variedade de histórias, e também estas, com a envolvente afetiva, e transmitir-lhes o gosto pelas mesmas.

Segundo Magalhães (2008)

a criança é um leitor peculiar, com reduzidas competências básicas de acesso aos textos literários e sem hipóteses de autonomia na escolha. Como, hoje em dia, as crianças passam a maior parte do seu tempo útil na instituição escolar, é imprescindível que Educadores, Professores, que se disponham a proporcionar ao público infantil um encontro gradual com a leitura literária, (...) (p.55).

Assim sendo, cabe ao educador possibilitar às crianças momentos de contacto com a leitura literária.

### **Sexta-feira, dia 14 de junho de 2013**

Não compareci ao Estágio neste dia.

### **Segunda-feira, dia 17 de junho de 2013**

Esta manhã de atividades teve início, como habitual, com o acolhimento na roda das canções. A manhã foi preenchida unicamente com a conversa com as crianças sobre o seu fim-de-semana.

De seguida, teve lugar a aula de Inglês e, posteriormente, foram para o recreio.

Após o recreio, as crianças dirigiram-se para o refeitório e depois para o recreio, novamente.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

A educadora nesta manhã optou apenas pela conversa sobre o que cada criança fez durante o período em que não há escola. Esta atividade permite estimular o diálogo

nas crianças e incutiu nas crianças o respeito, ensinando a escutar os outros. Esta atividade promove a participação de todas as crianças.

Hohmann e Weikart (2009) referem que “quanto mais as crianças conversam, mais colocam em palavras os seus próprios pensamentos e experiências e mais se envolvem na interpretação e compreensão do seu mundo” (p.322).

Como afirma Cordeiro (2010), “desenvolve-se o sentido do respeito pelos outros valoriza-se a linguagem e a relação afectiva, bem como a observação” (p.371).

Embora considere pertinente fomentar o diálogo entre as crianças com o adulto, neste caso, com a educadora, penso que as crianças necessitam de mais atividades ao longo da manhã. Enquanto esta conversa durou, as crianças que falaram primeiro começaram a desinteressar-se pela atividade que estava a decorrer e começaram a ficar impacientes.

### **Terça-feira, dia 18 de junho de 2013**

Esta manhã começou de forma diferente, por ser o dia da visita de estudo à Quinta Pedagógica *Cantar de Galo*, em Coruche (Figura 46).



Figura 46 – *Quinta Pedagógica, Cantar de Galo*

As crianças não fizeram a roda das canções. Sentaram-se e a educadora colocava, nas mochilas de cada um, o saco com comida. De seguida, fomos para o autocarro e iniciou-se a viagem. Durante a mesma, as crianças riam e cantavam, muito entusiasmadas pela atividade que ia decorrer ao longo do dia.

Ao chegarmos à quinta, estava a chover, a guia, que nos acompanhou, começou por se apresentar e as crianças tomaram o lanche da manhã. Logo de seguida, a guia mostrou

uma cesta com um coelho e uma chinchila, deixando as crianças tocar-lhes. E iniciaram-se as atividades. Primeiramente, fizemos uma caça ao tesouro pela quinta e depois fomos ver todos os animais, sendo estes, um cavalo, um pônei, um burro, coelhos, patos, galos e galinhas.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Ao longo de toda esta visita, as crianças mostraram-se muito curiosas e animadas. Almeida (1998) define assim que “(...) o termo visita de estudo para qualquer deslocação efectuada pelos alunos para o exterior do recinto escolar, independentemente da distancia considerada, com objectivos educativos mais amplos ao do mero convívio entre professores e alunos” (p.51).

De acordo com Estanqueiro (2010), “a curiosidade de alguns contribui para a motivação e a aprendizagem de todos. São de elogiar as boas perguntas” (p.50). A realização de visitas de estudo é uma das estratégias que foge à rotina dos alunos, estimula e motiva no processo de ensino-aprendizagem. Desta forma, é bastante pertinente que educadores proporcionem visitas de estudo de vários âmbitos, ao longo de todo o ano letivo.

### **Sexta-feira, dia 21 de junho de 2013**

Esta manhã de atividades iniciou-se com a habitual roda das canções. A educadora distribuiu o material *Cuisenaire* pelas crianças e explorou o mesmo, realizando a escada por ordem crescente e por ordem decrescente.

Chamou um menino e tapou-lhe os olhos para ler a escada por ordem crescente. Fez o mesmo com outro menino, para ler a escada por ordem decrescente.

Seguiu-se o recreio e o almoço.

### **Inferências e Fundamentação Teórica**

Este dia foi o último dia de estágio profissional.

## **4.ª Secção – Seminário de Contacto com a Realidade Educativa**

### **Descrição do Capítulo**

A presente secção é relativa ao período do Seminário com a Realidade Educativa, que se traduz numa semana de estágio intensivo, cujo horário cumprido foi das 9h00 às 17h00. Este foi realizado de 25 de fevereiro até 1 de março de 2013.

Este momento decorreu num Jardim-Escola na zona de Alcobaça, na sala dos 2 anos de idade.

#### **4.1. Caracterização da turma**

O grupo dos 2 anos é composto por apenas dez crianças, 4 do género feminino e 6 do género masculino.

#### **4.2 Caracterização do espaço**

A sala do grupo é ampla e apresenta grandes dimensões. Nas paredes estão ilustradas imagens de personagens de contos tradicionais, tais como do Capuchinho Vermelho e do Lobo. Devo salientar que a educadora utiliza as figuras para dar indicações às crianças, em jogos.

Existe um cantinho da leitura, no qual as crianças, sempre que trazem um livro, devidamente identificado, o guardam. Junto deste, existe um tapete, onde as crianças se sentam a manipular os livros, livremente.

Na sala há quatro mesas, nas quais as crianças se sentam para realizar propostas de trabalho e outras atividades.

Existe também um espaço reservado às trocas de fraldas das crianças e da ida aos bacios, destinados às crianças que ainda não vão, autonomamente, à casa de banho.

Nas paredes estão dispostos quatro placares, onde estão expostas propostas de trabalho de diferentes áreas curriculares, realizadas na sala de aula. Encontram-se ainda cabides devidamente identificados com os nomes dos alunos. Ao longo da sala existem diferentes armários, onde são guardados os materiais utilizados nas aulas das diferentes áreas curriculares. Na parte exterior da sala de aula encontram-se três placares, num dos quais se encontram recados para os encarregados de educação e, nos restantes, estão expostas propostas de trabalho de Expressão Plástica realizadas pelas crianças.

Segundo as Orientações Curriculares para Educação Pré-Escolar (ME, 1997)

a organização e a utilização do espaço são expressão das intenções educativas e da dinâmica o grupo, sendo indispensável que o educador se interroge sobre a função e finalidades educativas dos materiais de modo a planear e fundamentar as razões dessa organização (p.37).

As crianças sentem-se realmente envolvidas, por terem oportunidade de terem propostas de trabalhos, desenhos feitos em casa, ou projetos feitos com os pais, afixados pela sala.

#### **4.4. Relato Semanal**

Neste primeiro dia no Jardim-Escola, as minhas colegas e eu fomos muito bem recebidas. Fizem-nos uma visita guiada por todo o espaço, apresentando-nos a todas as professoras e educadoras. Formámos grupos de estágio e escolhemos as salas onde iríamos permanecer durante toda a semana. Eu e o meu grupo de estágio ficámos na sala dos 2 anos.

A manhã tem início com o acolhimento com a roda das canções. Neste primeiro dia, a educadora falou dos animais da quinta, com o apoio de animais em plástico. À medida que ia retirando os animais e uma bolsa, perguntava como se chamavam e que som faziam. No final desta atividade, cada criança brincou com uma família de animais (por exemplo vaca, boi, bezerro, etc.). De seguida, a educadora orientou uma atividade de Expressão Plástica com lápis de aquarela. Esta atividade consistia em pintar, um pouco, uma figura de um porco e, depois, com um lápis molhado em água, espalhar pela restante imagem.

Após o recreio, seguiu-se a hora da refeição. Esta é composta pelo prato de sopa, um prato principal, água e sobremesa. Terminada a hora da refeição, as crianças regressavam à sala para o momento da sesta. Depois de acordarem da sesta, as crianças iam para o recreio. Da parte da tarde, pude observar os acabamentos da atividade de Expressão Plástica realizada de manhã. As crianças, com dedadas, ilustravam as maçãs (por pertencer à alimentação do porco) e, para terminar, colavam areia na mesma.

Ao longo da semana, as crianças realizavam as mesmas rotinas, como as idas à casa de banho ou aos bacios, o recreio, o almoço e a sesta. A educadora realizou vários jogos com as crianças, dentro da própria sala, tais como ter que apanhar as crianças enquanto estas fugiam, jogos de orientação espacial pela sala, etc. Realizaram outras atividades, como a utilização de digitinta, carimbos, manipulação de massa-de-pão, picotagem e desenhar a figura humana.

A educadora dinamizou, também, por duas vezes um momento de Estimulação à Leitura, tendo lido o livro *Chocolata*, de Marisa Nuñez e Helga Bansch, o livro *Desculpa!* de Norbert Landa e Timmy Warnes, e também o livro *O novelo da Massinhas* de Sheryl Webster. De forma a envolver-nos na dinâmica, do Jardim-Escola, as educadoras dos grupos dos 2 e dos 3 anos requisitaram-nos, a nós, estagiárias, uma dramatização, utilizando fantoches. Escolhemos então a história d'A Carochinha. Num outro dia realizámos uma peça de teatro do conto tradicional d'A Branca de Neve.

Observei também uma atividade, orientada pela educadora, em que esta utilizou o material matemático estruturado Blocos Lógicos, deixando as crianças brincar com as peças livremente. Outro material matemático estruturado observado foi o 1.º Dom de Froebel.

### **Inferências**

Este momento foi particularmente diferente. Os dias decorrem sem pressa, e as crianças, por serem poucas, permite que a educadora consiga atender mais e melhor, às necessidades de cada uma.



# **CAPÍTULO 2**

## **Planificações**



## **2.1.Descrição do capítulo**

Este capítulo é referente ao processo de planificação. Inicialmente será apresentada fundamentação teórica alusiva ao mesmo. De seguida, serão apresentados três planos de aula, sendo que dizem respeito à Educação Pré-Escolar, onde realizei todo o período de estágio. As áreas são, respetivamente, Área da Expressão e Comunicação (Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, Domínio da Matemática) e na Área de Conhecimento do Mundo.

Após a apresentação de cada planificação, irei refletir sobre as respetivas metodologias e estratégias com inferências e fundamentação teórica, que justifiquem a adaptação das mesmas.

A primeira planificação aborda a Área do Conhecimento do Mundo. A segunda planificação refere-se à Área de Expressão e Comunicação, respetivamente, ao Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, e, por último, o terceiro plano diz respeito à Área de Expressão e Comunicação, concretamente ao Domínio da Matemática.

Todas as planificações são realizadas com base no Modelo T de Aprendizagem, concebido por Martiniano R. Pérez, sendo que estão apresentadas em tabelas, visto ser o modelo adotado e utilizado na escola onde realizei o meu estágio.

### **2.1.1. Fundamentação teórica**

As planificações servem para informar sobre aquilo que se pretende ensinar. O educador, planificando as suas aulas, tal como salienta Zabalza (2000) vai “converter as suas ideias ou um propósito num curso de acção” (p.47).

De acordo com Arends (1999), “a planificação e a tomada de decisões são vitais para o ensino e interagem com todas as funções executivas do professor” (p.44). Afirma ainda que “a planificação de qualquer tipo de actividades melhora os seus resultados”, e, desta forma “o ensino planificado é melhor do que o ensino baseado em acontecimentos e actividades não direccionados” (p.45).

O ato de planificar é mencionado por Zabalza (2001), como sendo, “um conjunto de conhecimentos, ideias ou experiências sobre o fenómeno a organizar, que actuará como apoio conceptual e de justificação do que se decide; um propósito, um fim ou meta a alcançar que nos indica a direcção a seguir”, isto é, um modo de organizar ideias,

conceções tendo sempre presente um determinado objetivo que o educador pretende alcançar. (p.48)

Também Ribeiro e Ribeiro (1990) referem a importância da planificação, referindo que

(...) a tarefa crucial de planificação consiste em preparar um esquema ou instrumento que sistematize os dados e informações a recolher pelos alunos ou, em alternativa, a fornecer aos alunos, de acordo com a decisão de aplicar o modelo na totalidade das suas fases ou iniciá-lo apenas na de análise dos dados previamente preparados. (p.474)

Desta forma, é necessário planificar situações, ambientes e meios propícios à aprendizagem dos alunos. Clark e Yinger (1979), citado em Braga (2001) salientam que o durante o processo de planificação “se misturam elementos de pensamento, juízos e tomada de decisões” (p.34)

A planificação surge então como uma tarefa de seleção de conteúdos. Ribeiro e Ribeiro (1990) afirmam que

a nível da planificação do ensino, a tarefa maior reside, de novo, na seleção dos exemplos e não difere significativamente da estratégia indutiva. As características do conceito e da relação entre conceitos (...) devem ser perceptíveis e claras, sobretudo se os alunos possuem pouca experiência quanto ao assunto e têm dificuldade em exprimir verbalmente as suas ideias. (p.468)

O ato de planificar deve ser elaborado pelo educador/professor. Os mesmos autores acima referidos salientam “(...) o papel do professor na formulação adequada de perguntas que provoquem e estimulem os vários tipos de processos intelectuais que o modelo pretende desenvolver nos alunos” (p.474). Assim, o papel do educador e o professor surge como “(...) de facilitador do desenvolvimento e aprendizagem pessoais, criador de um clima propício na situação do ensino (...)” (p.458) Os mesmos autores referem ainda que “os educadores devem planear as actividades, cuidadosamente, mantendo sempre em mente os objectivos do currículo” (p.87).

Também Pais e Monteiro (1996, pp. 34-40) referem que a planificação deve ter em atenção as “escolhas pedagógicas” de modo a ir de encontro aos “seus propósitos educativos e às condições concretas em que se trabalha”.

Educadores e professores executam planificações para diferentes períodos de tempo, podendo traçar objetivos a curto, médio e a longo prazo. As planificações a curto prazo traduzem-se nas que requerem mais atenção. Segundo Arends (2008), as planificações de aulas diárias “esboçam o conteúdo a ser ensinado, as técnicas motivacionais a serem

usadas, os materiais necessários, as actividades e os passos específicos e os processos de avaliação” (p.118).

Planear implica, segundo as Orientações Curriculares para Educação Pré-Escolar (ME, 1997), “que o educador reflecta sobre as suas intenções educativas e as formas de as adequar ao grupo, prevendo situações e experiências de aprendizagem e organizando os recursos humanos e materiais necessários à sua realização” (p.26). Ainda segundo as Orientações Curriculares, quando o educador planeia, deve ter em vista as “aprendizagens significativas e diversificadas, reflexão sobre as intenções educativas, articulação das áreas de conteúdo, e participação das crianças no planeamento” (p.28).

Pérez (s.d.) salienta que planificar passa por um conjunto de processos

um conjunto de conhecimentos, ideias ou experiências sobre o fenómeno a organizar, que actuará como apoio conceptual e de justificação do que se decide; um propósito, fim ou meta a alcançar que nos indica a direcção a seguir; uma previsão a respeito do processo a seguir que devera concretizar-se numa estratégia de procedimento que inclui os conteúdos ou tarefas a realizar, a sequência das actividades e, de alguma forma, a avaliação ou encerramento do processo. (p.48)

O mesmo autor refere que Pérez (s. d.) sistematiza alguns conceitos prévios a ter em conta, que são os seguintes:

- Capacidade: Habilidade geral que utiliza ou pode utilizar um aprendiz para aprender, cujo componente fundamental seja cognitivo;
  - Destrezas: Habilidade específica que utiliza ou pode utilizar um aprendiz para aprender, cujo componente fundamental seja cognitivo. Um conjunto de destrezas constitui uma capacidade;
  - Atitude: Predisposição estável face a ... cujo componente fundamental é afectivo. Um conjunto de atitudes constitui um valor;
  - Valor: Estrutura-se e desenvolve-se por meio de atitudes. Uma constelação de atitudes associadas entre si constitui um valor. A componente fundamental de um valor é afectiva;
  - Conteúdo: É uma forma de saber. Existem dois tipos fundamentais de conteúdos: saber sobre conceitos (conteúdos conceptuais) e saber sobre feitos (conteúdos factuais);
  - Método/procedimento: consta das capacidades e valores de um aprendiz.
- (p.7)

Planificar é então tudo o que pensamos, definimos, organizamos e decidimos para uma atividade. Desta maneira, torna-se uma preparação que tem como variáveis o tempo e as pessoas a quem se destina a planificação. É uma das competências do educador, planificar as suas aulas. Segundo a Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar (Lei n.º 5/97, de 10 de fevereiro), “a educação pré-escolar é a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida, sendo complementar da ação educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita relação, favorecendo a formação e o

desenvolvimento da criança (...). Assim, tal como descrito no Decreto-Lei n.º 240/2001, de 30 de agosto, o educador deve-se preocupar com a

planificação do desenvolvimento do processo de ensino e de aprendizagem, os conhecimentos e as competências de que as crianças são portadoras; planifica a intervenção educativa de forma integrada e flexível; planifica actividades que sirvam objectivos abrangentes e transversais, proporcionando aprendizagens nos vários domínios curriculares.

São inúmeros os modelos de planificação existentes. No presente relatório de estágio, irei apenas abordar o Modelo T da Unidade de Aprendizagem, tendo sido o modelo de planificação adotado pela Escola Superior de Educação João de Deus.

O Modelo T de aprendizagem original foi realizado por Martiniano Pérez, para ser elaborado por um período de, no mínimo, por 6 semanas e, no máximo, 12 semanas. Apesar deste aspeto temporal, este modelo pode ser adaptado para uma manhã de actividades. (Quadro 5)

Quadro 5 – Exemplo de planificação baseada no Modelo T de Unidade de Aprendizagem

<b>Conteúdos</b>		<b>Procedimentos- Métodos</b>	
<b>Capacidades-Destrezas</b>	<b>Objetivos</b>	<b>Valores-Atitudes</b>	

A designação do modelo T deve-se à sua forma. Tal como Pérez (s.d.) refere que este modelo “consta de um T de meios (conteúdos e métodos/procedimentos) e outro T de objectivos (capacidades – destrezas e valores – atitudes)” (p. 40).

Ribeiro e Ribeiro (1990) referem que “a educação escolar concretiza-se em planos e programas de formação visando adquirir e desenvolver saberes, competências, atitudes e valores que se aceitam como importantes para educar as gerações mais novas” (p. 44).

Este modelo de planificação explicita os elementos básicos do currículo, facilitando o decorrer das aulas. Por este motivo, planifiquei atempadamente as aulas que me foram propostas, com o intuito de desenvolver as competências e capacidades das crianças.

## 2.2. Planificações

### 2.2.1. Planificação referente ao Domínio da Matemática

A planificação que se segue, no quadro 6, é alusiva a uma aula orientada para crianças da faixa etária dos 4 anos. E foi leccionada no dia 23 de Abril de 2013, cujo tema era “momento pequenos cozinheiros”, relativo à alimentação.

Quadro 6 – Planificação do Domínio da Matemática

Jardim Escola de Lisboa		
<b>Faixa Etária:</b> 4 anos	<b>Nome:</b> Andreia Veríssimo	
<b>Data:</b> 23 de abril de 2013	<b>Turma:</b> MEPE	
<b>Duração:</b> 30 minutos		
Domínio da Matemática		
Conteúdos	Procedimentos e Métodos	
Formas geométricas Tamanhos As cores Cálculo Mental Orientação Espacial	<ul style="list-style-type: none"><li>· Proceder ao reconhecimento do material estruturado Cuisenaire;</li><li>· Fazer a exploração do mesmo;</li><li>· Colocar questões e situações problemáticas às crianças;</li><li>· Aplicar situações de cálculo mental;</li><li>· Preencher uma proposta de trabalho com as peças; Colorir a proposta de trabalho de acordo com a cor das peças das peças do material Cuisenaire.</li></ul>	
Capacidades/Destrezas	Competências	Valores/Atitudes
<b>Raciocínio Lógico</b> Compreender Relacionar  <b>Orientação espacial</b> Situar Ordenar		<b>Participação</b> Estar atento Escutar  <b>Responsabilidade</b> Esforçar-se Realizar bem as tarefas
<b>Material:</b> Propostas de trabalho e Cuisenaire.		

### 2.2.1.2 Inferências e Fundamentação Teórica

Esta aula foi planejada para o grupo dos 4 anos e idade. Após ter sentado as crianças nos respectivos lugares, iniciei o primeiro parâmetro da planificação “**proceder ao reconhecimento do material estruturado Cuisenaire**”. Este material, pela sua vertente matemática, permite que a criança ao manipulá-lo, desenvolva e estimule a motricidade fina, e permite também, desenvolver a noção do sentido do número.

Segundo as Orientações Curriculares para Educação Pré-Escolar (ME, 1997) é necessário “proporcionar ocasiões de exercício da motricidade global e também da motricidade fina, de modo a permitir que todas e cada uma aprendam a utilizar e a dominar melhor o seu corpo” (pp.58-59).

No segundo parâmetro “**realizar uma exploração do mesmo**” (do material em questão), perguntei qual a peça mais importante e a que se devia essa importância, assim como o valor das outras peças, desenvolvendo o sentido do número.

Relativamente ao terceiro parâmetro “**colocar questões e situações problemáticas às crianças**” o objetivo era colocar questões que obriguem a criança a refletir acerca das mesmas. De acordo com Ponte (1994) o educador deve dirigir o discurso “(...) colocando questões e propondo atividades que facilitem, promovam e desafiem o pensamento de cada aluno; pedindo aos alunos que clarifiquem e justifiquem as suas ideias” (p.37).

Seguidamente, no parâmetro “**aplicar situações de cálculo mental**”, durante a aula fui colocando questões, estimulando as crianças à resolução de problemas e de cálculo mental abstrato. Novamente, passo a citar as Orientações Curriculares para Educação Pré-Escolar (1997), a resolução de problemas “constitui uma situação de aprendizagem que deverá atravessar todas as áreas e domínios em que a criança será confrontada com questões que não dão resposta imediata, mas que a levam a reflectir sobre o como e o porquê” (p.78). Caldeira (2009) defende que “as capacidade operativas das crianças emergem, no período pré-escolar, e perante problemas do seu quotidiano, que envolvam adições e subtracções, é necessário que a sua apresentação e construção seja progressiva e interligada” (p.332)

De seguida, distribuí uma proposta de trabalho pelas crianças e, neste parâmetro, “**preencher uma proposta de trabalho com as peças do Cuisenaire**”. Através deste material foi possível, em simultâneo, efetuar exercícios de orientação espacial e relativos ao valor de cada peça utilizada. Segundo Caldeira (2009) “(...) poderão trabalhar as

competências relacionadas com a orientação espacial, a contagem, o valor das peças, e até a transformação, ou seja pedir que com o mesmo valor total de peças criem outra(...)" (p.163).

Para terminar, o último parâmetro, "**colorir a proposta de trabalho de acordo com a cor das peças**", pedi que as crianças colorissem a proposta de trabalho de acordo com a cor das peças que utilizaram para a preencher. Considerei este exercício pertinente, por considerar importante a criança ter um suporte e um registo da atividade realizada.

## 2.2.2 Planificação referente à Área do Conhecimento do Mundo

A planificação que se segue, no quadro 7, é alusiva a uma aula orientada para crianças da faixa etária dos 5 anos. E foi leccionada no dia 29 de outubro de 2012, cujo tema era a importância da água.

Quadro 7 – Planificação da Área do Conhecimento do Mundo

Escola no concelho de Lisboa		
<b>Faixa Etária:</b> 5 anos	<b>Nome:</b> Andreia Veríssimo	
<b>Data:</b> 29 de outubro de 2012	<b>Turma:</b> MEPE	
<b>Duração:</b> 30 minutos		
Área do conhecimento do Mundo		
Conteúdos	Procedimentos e Métodos	
<b>Importância da Água</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>· Abordar as características da água;</li> <li>· Dialogar com o grupo relativamente às utilidades da água;</li> <li>· Apelar à sua importância, através de um placar que contém um poema;</li> <li>· Pedir que cada criança cole no placar uma gota de água, previamente distribuída.</li> </ul>	
Capacidades/Destrezas	Competências	Valores/Atitudes
<p><b>Expressão verbal</b> Comunicar Enriquecer o vocabulário</p> <p><b>Classificação</b> Identificar Selecionar</p>	<p><b>Trabalhar em equipa</b> Disciplina Respeito</p> <p><b>Motivação</b> Interesse Atenção</p>	
<b>Material:</b> Recipiente com água, placar de apelo à poupança da água e imagens.		

## Inferências e Fundamentação Teórica

Esta aula foi leccionada para crianças que se encontram na faixa etária dos 5 anos. Comecei por sentar as crianças em forma de “U” no tapete. Como Arends (1995) refere, esta disposição “encoraja mais a participação” (p. 97). Salienta também que pode ser mais difícil controlar o comportamento das crianças por haver ter maior tendência para brincarem e falarem com os colegas.

Iniciei a aula com o primeiro parâmetro **“abordar as características da água”**. De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (ME,1997), “o conhecimento da criança e da sua evolução constitui o fundamento da diferenciação pedagógica que parte do que esta já sabe e é capaz de fazer para alargar os seus interesses e desenvolver as suas capacidades” (p.25)

Seguidamente, com o segundo parâmetro **“dialogar com o grupo relativamente às utilidades da água”**, estimulei o diálogo com o grupo, apelando à participação do mesmo. Segundo Spodek e Saracho (1998) “(...) os professores devem reservar tempo para as discussões e os registos, porque a linguagem e o aspeto simbólico deles são importantes para a aprendizagem continuada das crianças” (p.299). Estanqueiro (2010) afirma que “o diálogo entre o professor e os alunos é uma estratégia motivadora que dá mais significado aos conteúdos” (p.39).

Posteriormente, **“apelar à importância da água através de um placar que contém um poema”**, requer que, através de noções gerais, o grupo reflita sobre a importância da água. Segundo Sim-Sim (2007) “a leitura de poesia alimenta o gosto pela sonoridade da língua (rima, ritmo, som das palavras), pelo poder da linguagem e pelo uso da linguagem poética e simbólica” (p.55).

Para terminar a aula **“pedir que cada criança cole no placar uma gota de água”**. Com este parâmetro pretende-se que todas as crianças se envolvam na atividade e que todas participem. Zabalza (1998) menciona que uma das principais funções do educador “(...) é saber organizar um ambiente estimulante e possibilitar às crianças (...) inúmeras possibilidades de ação, ampliando assim as suas vivências de descobrimento e consolidação de experiências (...)” (p.53).

## 2.2.3 Planificação referente ao Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

A seguinte planificação (quadro 8) é referente a uma atividade da Área do Conhecimento do Mundo, para a faixa etária dos cinco anos de idade e, foi leccionada no dia 3 de junho de 2013.

Quadro 8 – Planificação do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Escola no concelho de Lisboa		
Faixa Etária: 4 anos		Nome: Andreia Veríssimo
Data: 23 de abril de 2013 Turma: MEPE		
Duração: 30 minutos		
Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita		
Conteúdos		Procedimentos e Métodos
<p><b>Leitura do livro:</b></p> <p><b>Quem será o meu Jantar?</b></p> <p><b>(Estimulação à Leitura)</b></p>		<ul style="list-style-type: none"> <li>· Sentar as crianças em forma de “U” no tapete;</li> <li>· Proceder à leitura da história com a colaboração das crianças;</li> <li>· Cantar “Bravo, bravíssimo” com as crianças;</li> <li>· Explorar as ilustrações do livro;</li> <li>· Dialogar sobre a história;</li> <li>· Questionar cada criança sobre que animal mais gostou.</li> </ul>
Capacidades/Destrezas	Competências	Valores/Atitudes
<p><b>Expressão verbal</b> Saber comunicar Fazer-se entender</p> <p><b>Classificação</b> Interpretar Identificar</p>		<p><b>Responsabilidade</b> Disciplina Cooperação</p> <p><b>Motivação</b> Interesse Saber ouvir</p>
<b>Material:</b> Livro <i>Quem será o meu jantar?</i>		

## Inferências e Fundamentação Teórica

Esta aula foi leccionada para crianças que se encontram na faixa etária dos 4 anos. Comecei por **“sentar as crianças em forma de “U” no tapete”**, de forma a que todas pudessem observar as ilustrações do livro *Quem será o meu jantar?*, mantendo o seu interesse ao longo do tempo. Ao mesmo tempo, com esta disposição das crianças, pude manter contacto visual com todas. De acordo com Cury (2006), “sentar em forma de “U” ou em círculo aquietam o pensamento, melhora a concentração, diminuiu a ansiedade dos alunos” (p.125). O mesmo autor salienta ainda que “o clima da classe torna-se agradável e a interação social dá um grande salto em frente” (p.125). Esta forma de as crianças estarem sentadas favorece também a forma como se comunica durante a aula. Como Arends (2008) afirma, “a disposição das crianças em semicírculo favorece e facilita a comunicação entre todos”(p.126).

Seguidamente, no parâmetro **“Proceder à leitura da história com a colaboração das crianças”**, apelei à participação e envolvimento das crianças. De acordo com as Orientações Curriculares para Educação Pré-Escolar (ME, 1997) referem que “as histórias lidas ou contadas pelo educador, recontadas ou inventadas pelas crianças, de memória ou a partir de imagens, são um meio de abordar o texto narrativo que, para além de outras formas de exploração, noutros domínios de expressão, suscitam o desejo de aprender a ler” (p. 70). Magalhães (2008) salienta que“(…) é imprescindível que Educadores, Professores, se disponham a proporcionar ao público infantil um encontro gradual com a leitura literária, (...)” (p.55).

No parâmetro seguinte **“Cantar “Bravo, bravíssimo” com as crianças”**, cantei com as crianças a música “Bravo, bravíssimo”. A música é uma ótima forma de descontração para as crianças, para estimular a sua atenção e concentração. O autor referido acima, Cury (2006) menciona que a música permite “desacelerar o pensamento; aliviar a ansiedade; melhorar a concentração, desenvolver o prazer de aprender (...)” (p.120).

Relativamente ao parâmetro **“dialogar com as crianças sobre a história”**, durante todo o decorrer da aula, estimulei a participação de todas as crianças, não só no recontar da história, como também questionando de que animal mais tinham gostado. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (ME,1997), é fulcral que o educador “crie um clima de comunicação em que a linguagem do educador, ou seja, a maneira como fala e se exprime, constitua um modelo para a interação e a aprendizagem das crianças” (p.66).



# **CAPÍTULO 3**

## **DISPOSITIVOS DE AVALIAÇÃO**



## **Descrição do Capítulo**

Este capítulo compreende a apresentação de três dispositivos de avaliação referentes às propostas de trabalho avaliadas. O primeiro dispositivo é alusivo à avaliação de uma atividade no Domínio da Matemática. O segundo dispositivo diz respeito à avaliação de uma atividade realizada no âmbito da Área do Conhecimento do Mundo e, por fim, o terceiro dispositivo é relativo à avaliação de uma proposta no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

Todas as propostas de trabalho avaliadas foram realizadas na sala dos quatro anos, em contexto de sala de aula.

Todos os dispositivos de avaliação são relativos a avaliações formativas que obedecem a uma ordem de organização. Primeiramente, é feita uma breve introdução e, de seguida, são descritos os parâmetros, critérios e respetivas cotações para a avaliação da atividade. É também apresentada uma grelha de avaliação da atividade, num quadro. Por último, é apresentado um gráfico relativo aos resultados obtidos na atividade, e, juntamente, a leitura/análise dos mesmos.

A avaliação é uma realidade presente no campo da Educação, uma vez que está presente em inúmeras situações ao longo do percurso da criança, mesmo sendo, neste caso na valência do Ensino Pré-Escolar, meramente de carácter de diagnóstico e formativo.

Neste sentido considero pertinente realizar uma breve contextualização sobre a Avaliação na Educação Pré-Escolar.

### **3.1 Avaliação**

A avaliação é uma importante componente na educação, visto que, sem este fator, os docentes não teriam forma de apreciar os resultados obtidos pelos seus alunos relativos ao que o docente planeou ensinar. Ribeiro e Ribeiro (1990) referem que “ a função de avaliar corresponde a uma análise cuidada das aprendizagens conseguidas face às aprendizagens planeadas, o que se vai traduzir numa descrição que informa professores e alunos sobre os objectivos atingidos e aqueles onde se levantaram dificuldades” (p.337).

De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Me, 1997)

a avaliação realizada com as crianças é uma actividade educativa, constituindo também uma base de avaliação para o educador. A sua reflexão, a partir dos efeitos que vai observando, possibilita-lhe estabelecer a progressão das aprendizagens a desenvolver com cada criança (p.27).

Desta forma, torna-se essencial refletir sobre a mesma para que seja praticada de forma correta e justa. Arends (1995) refere que “avaliar é uma função desempenhada pelo professor com o objectivo de recolher a informação necessária para tomar decisões correctas. Estas decisões deveriam ter na base informações o mais relevantes e exactas possíveis” (p.228).

De acordo com Leite e Fernandes (2003), avaliar é “ (...) muito mais do que atribuir uma nota, uma quantificação, uma classificação. Avaliar é um processo complexo no qual intervêm factores de ordem endógena e exógena relativos, quer aos sujeitos avaliados, quer aos sujeitos avaliadores” (p.21).

Segundo Ribeiro e Ribeiro (1990, p. 338), a avaliação consiste numa “operação que prepara, acompanha e remata o processo de ensino-aprendizagem e que é motor do seu constante aperfeiçoamento” a fim de “conduzir todos os alunos a um sucesso pleno no programa de estudos que seguem”. Os autores acrescentam ainda que, mesmo que esse objetivo não seja alcançado “pela ausência de condições de vária ordem, (...) todo o professor deve tentar aproximar-se”.

Relativamente à Educação Pré-Escolar, na Circular n.º4/2011 de 11 de abril, é referido que

a avaliação (...) assume uma dimensão marcadamente formativa, desenvolvendo-se num processo contínuo e interpretativo que procura tornar a criança protagonista da sua aprendizagem, de modo a que vá tomando consciência do que já conseguiu, das dificuldades que vai tendo e como as vai ultrapassando. (pp.1-2)

A avaliação assume-se então como forma de acompanhar as aprendizagens das crianças.

Ribeiro e Ribeiro (1990) salientam que a avaliação “é (...) a operação indispensável em quaisquer circunstâncias de ensino e aprendizagem (...)” (p.339). De acordo os mesmos autores (1990), a avaliação tem as seguintes vantagens:

- (i) motiva os alunos, ao informá-los dos novos conhecimentos e aptidões que adquiriram, isto é, do sucesso que obtiveram relativamente a certas aprendizagens;
- (ii) fornece, também aos alunos, do mesmo passo, informação que lhes permite orientar os seus esforços, com o apoio do professor, no sentido de ultrapassar dificuldades relativas às aprendizagens não conseguidas;
- (iii) permite ao professor identificar pontos onde o plano delineado não resultou, conceber estratégias alternativas de remediação, reorganizar a planificação feita à luz dos resultados reais obtidos;
- (iv) proporciona, por fim, em sistemas escolares onde são atribuídas notas aos alunos uma base indispensável à classificação de resultados. (pp.337-338).

Ferreira (2007) refere que a avaliação tem por finalidade “a tomada de decisões, que podem ser diagnóstico das necessidades, interesses e pré-requisitos para as novas aprendizagens, da orientação durante o processo de ensino-aprendizagem e ainda de hierarquização e de certificação dos alunos” (p.23).

Abrantes (2002) menciona que a avaliação assume “uma função de certificação das aprendizagens realizadas e das competências desenvolvidas” (p.9).

Na valência da Educação Pré-Escolar, existem apenas dois tipos de avaliação, sendo estes a avaliação diagnóstica e a avaliação formativa. Assim sendo, seguidamente, apresento características de cada um destes tipos de avaliação, uma vez que as considero de grande pertinência.

De acordo com Ribeiro e Ribeiro (1990), a avaliação diagnóstica “tem como objectivo fundamental proceder a uma análise de conhecimentos e aptidões que o aluno deve possuir num dado momento para poder iniciar novas aprendizagens” (p.342). Esta tem como função essencial detetar se a criança possui certos conhecimentos relativos a conceitos ou conteúdos que se irão lecionar. Por norma, é realizada no início do ano letivo no início da aprendizagem e/ou de determinado conteúdo.

Segundo Pais e Monteiro, a avaliação diagnóstica (1996) “é importante, o levantamento inicial de saberes, necessidades, a interesses e expectativas dos alunos, quer se baseie em exercícios de diagnóstico, questionários, ou outros” (p.16).

Relativamente à avaliação formativa, tal como afirmado pelos autores anteriormente referidos, “a avaliação tem uma intenção formativa e que em situações onde o objectivo fundamental é descrever aprendizagens conseguidas, identificar dificuldades, proporcionar

informação relevante para um maior sucesso na tarefa em vista, a avaliação é a operação essencial a levar a cabo (...)" (p.341). Afirmam também que a avaliação formativa

acompanha todo o processo de ensino-aprendizagem, identificando aprendizagens bem sucedidas e as que levantaram dificuldades, para que se possa dar remédio a estas últimas e conduzir a generalidade dos alunos à proficiência desejada e ao sucesso nas tarefas que realizam (p. 348).

De acordo com Leite e Fernandes (2003), a avaliação formativa tem

por finalidade não apenas dar informações sobre o grau de consecução dos objectivos fixados antecipadamente, mas também ajudar a tomar decisões quanto aos processos de os conseguir alcançar. Trata-se de uma compreensão da avaliação não como sancionadora dos objectivos que foram formulados minuciosamente, à partida, mas sim como um meio de melhorar os processos de aprendizagem (p.41).

Tal como referem Leite e Fernandes (2002), "os procedimentos **da avaliação formativa** pretendem induzir práticas que possibilitem ao alunos caminhar no sentido dos objetivos desejados e aos professores saber a tempo o que fazer para delinear esses caminhos" (p.42). Os mesmos autores referem também que

para que a avaliação formativa cumpra as intenções que a orientam, é necessário que seja sistemática e contínua, isto é, que acompanhe todo o processo de formação. Faz pouco sentido que a avaliação, numa perspectiva formativa, seja usada apenas em momentos estanques e separados por intervalos muito longos. Por outro lado, faz também pouco sentido que a avaliação formativa seja objeto de classificação. A intenção primeira que a deve orientar é constituir um dispositivo que permita a cada um (alunos e professores) melhorar a formação. (p.42)

Para a avaliação que efetuei, recorri a uma adaptação da escada de Likert, que se traduz numa escala que contém cinco níveis distintos. Esta escada de avaliação está compreendida de 0 a 10, com os seguintes parâmetros:

Fraco – 0 a 2,9 valores

Insuficiente – 3 a 4,9 valores

Suficiente – 5 a 6,9 valores

Bom – 7 a 8,9 valores

Muito bom – 9 a 10 valores.

## 3.2. Avaliação da atividade do Domínio da Matemática

### 3.2.1. Contextualização

A proposta de trabalho foi realizada na sala dos quatro anos, com vinte e oito crianças e teve uma duração aproximada de trinta minutos no dia 23 de abril de 2013.

A respectiva proposta de trabalho encontra-se no anexo 1.

Nesta proposta de trabalho existia uma figura, um pasteleiro, que as crianças teriam que preencher, primeiramente com as peças do *Cuisenaire*, colocando a peça correta, conforme os espaços, e, seguidamente, pintar a figura e acordo com as peças que tinham utilizado.

### 3.2.2. Descrição de parâmetros, critérios e cotações

Associação dos espaços à peça *Cuisenaire*: Pretende-se que as crianças associem os espaços da figura à peça de *Cuisenaire*.

Foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Colocou corretamente as 16 peças;
- Colocou corretamente de 11 a 15 peças;
- Colocou corretamente de 7 a 11 peças;
- Colocou corretamente de 4 a 6 peças;
- Colocou corretamente de 1 a 3 peças;
- Não colocou nenhuma peça corretamente;
- Não respondeu.

Associação da quantidade à cor: Pretende-se que a criança associe a quantidade de espaços na figura à cor da peça de *Cuisenaire*.

Foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Pintou corretamente as 16 peças
- Pintou corretamente de 10 a 15 peças

- Pintou corretamente de 1 a 4 peças
- Não pintou nenhuma peça corretamente

Motricidade Fina: Pretende-se que as crianças pintem a imagem respeitando os seus limites.

Foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Pintou corretamente, respeitando os limites
- Pintou mas não respeitou os limites

De seguida, apresento o quadro 9, referente às cotações atribuídas a esta proposta de trabalho.

Quadro 9 – Grelha de Cotação do Dispositivo no Domínio da Matemática.

Parâmetros	Critérios	Cotação	
Identificação dos valores das peças do <i>Cuisenaire</i>	Colocou corretamente as 16 peças	5	5
	Colocou corretamente de 11 a 15 peças	4	
	Colocou corretamente de 7 a 11 peças	3	
	Colocou corretamente de 4 a 6 peças	2	
	Colocou corretamente de 1 a 3 peças	1	
	Não colocou nenhuma peça corretamente	0	
	Não respondeu	0	
Associação da quantidade à cor	Pintou corretamente as 16 peças	3	3
	Pintou corretamente de 10 a 15 peças	2	
	Pintou corretamente de 1 a 4 peças	1	
	Não pintou nenhuma peça corretamente	0	
	Não respondeu	0	
Motricidade Fina	Pintou corretamente, respeitando os limites	2	2
	Pintou mas não respeitou os limites	0	
	<b>Total</b>	10	10

### 3.2.3. Grelha de avaliação do Domínio da Matemática

Apresento a grelha de avaliação quantitativa referente à atividade do Domínio da Matemática. (Quadro 10)

Quadro 10 – Grelha de Avaliação da atividade no Domínio da Matemática

Parâmetros	Cotações				Classificação
	1	2	3	Total	
<b>Alunos</b>					
<b>1</b>	x	x	x	x	x
<b>2</b>	5	3	2	10	Muito Bom
<b>3</b>	5	3	2	10	Muito Bom
<b>4</b>	5	3	2	10	Muito Bom
<b>5</b>	5	3	0	8	Bom
<b>6</b>	5	3	2	10	Muito Bom
<b>7</b>	5	3	2	10	Muito Bom
<b>8</b>	5	3	0	8	Bom
<b>9</b>	5	2	2	9	Muito Bom
<b>10</b>	5	3	2	10	Muito Bom
<b>11</b>	3,5	1	0	4,5	Insuficiente
<b>12</b>	5	3	2	10	Muito Bom
<b>13</b>	5	2	0	7	Bom
<b>14</b>	3,5	3	0	6,5	Suficiente
<b>15</b>	5	3	2	10	Muito Bom
<b>16</b>	5	3	2	10	Muito Bom
<b>17</b>	5	3	2	10	Muito Bom
<b>18</b>	5	2	2	10	Muito Bom
<b>19</b>	5	3	2	10	Muito Bom
<b>20</b>	5	3	2	10	Muito Bom
<b>21</b>	5	3	2	10	Muito Bom
<b>22</b>	x	x	x	x	x
<b>23</b>	3,5	2	0	5,5	Suficiente
<b>24</b>	5	2	0	8	Bom
<b>25</b>	5	3	2	10	Muito Bom
<b>26</b>	5	2	0	7	Bom
<b>27</b>	5	3	0	8	Bom
<b>28</b>	5	3	2	10	Muito Bom
<b>29</b>	5	3	2	10	Muito Bom
<b>30</b>	5	2	0	7	Bom

### 3.2.4. Descrição da grelha de avaliação

Após a observação da grelha de avaliação, posso aferir que metade das crianças atingiu os objetivos propostos. Quinze crianças obtiveram uma classificação de Muito Bom, e, entre estas, catorze tiveram nota máxima de 10 valores.

Sete crianças obtiveram a classificação de Bom, duas tiveram a classificação Suficiente, apenas uma obteve a classificação de Insuficiente, mais concretamente, quatro valores e meio.

Relativamente ao primeiro parâmetro, constatei que vinte e cinco crianças obtiveram a cotação máxima de cinco valores, ou seja, todas colocaram corretamente, as peças de *Cuisenaire* na figura.

No que diz respeito ao segundo parâmetro, constatei que vinte crianças obtiveram a cotação máxima atribuída a este parâmetro, sendo que pintaram corretamente, a figura de acordo com as peças de *Cuisenaire* que colocaram anteriormente.

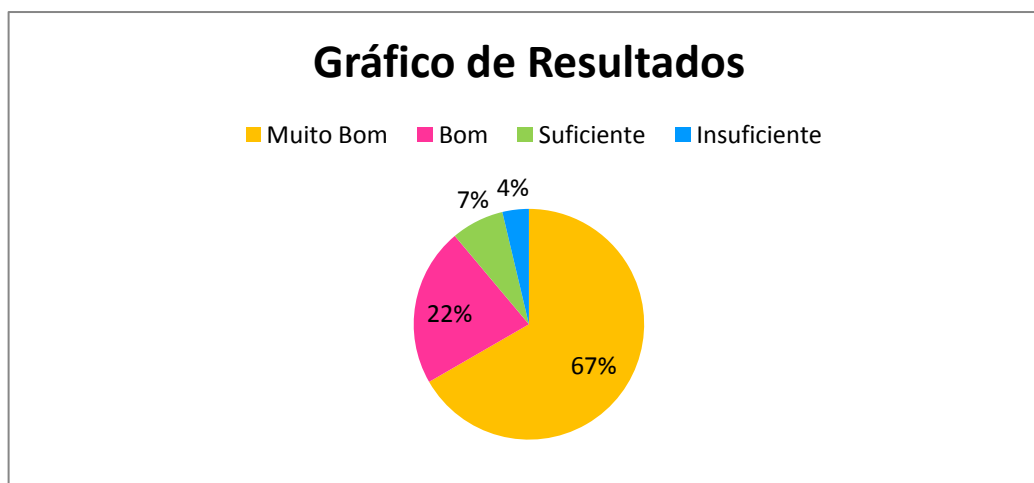
A maior dificuldade observada foi relativa ao terceiro parâmetro, que se refere à motricidade fina. Verifiquei que dezoito crianças pintaram respeitando os contornos da imagem e dez crianças não respeitaram os contornos da mesma.

A média aritmética das classificações obtidas na atividade foi de 7,52 valores.

### 3.2.5. Apresentação dos resultados obtidos em gráfico

Seguidamente, transcrevo o quadro 11, sendo este referente às classificações obtidas aquando da realização desta proposta de trabalho (figura 46).

Figura 47 – Gráfico alusivo aos resultados da avaliação da atividade do Domínio da Matemática.



Quadro 11 - Classificações obtidas no dispositivo do Domínio da Matemática

Entre 0 e 2,9	Fraco	0 crianças
Entre 3 e 4,9	Insuficiente	1 criança
Entre 5 e 6,9	Suficiente	2 crianças
Entre 7 e 8,9	Bom	7 crianças
Entre 9 e 10	Muito bom	15 crianças

### 3.2.6. Análise do gráfico

Após a leitura dos resultados do gráfico, concluí que a maioria das crianças obtiveram uma classificação de Muito Bom, tendo atingido os 67%. 22% das crianças obtiveram a classificação de Bom. 7% das crianças obteve a classificação de Suficiente e 6% obteve a classificação de Insuficiente.

Mediante os resultados acima apresentados, posso concluir que as crianças ainda revelam, na sua maioria grandes dificuldades no parâmetro relativo à motricidade fina. Uma vez que esta atividade decorreu a 23 de abril, penso que estas dificuldades já deveriam ter sido colmatadas. Penso que a educadora deve trabalhar em particular com a criança “10”, de forma a conseguir que ela ultrapasse as dificuldades aqui manifestadas, visto ter sido a que obteve a classificação mais baixa do grupo e que revelou ter dificuldades nos parâmetros descritos: no valor das peças, na associação à cor e no que respeita “pintar respeitando os limites”. Poderiam então ser reforçadas com esta criança, atividades que remetessem para o desenvolvimento da motricidade fina tais como: enfiamentos, picotagem, colagem, recorte, pintura, etc.

### **3.3. Avaliação da atividade da Área do Conhecimento do Mundo**

#### **3.3.1. Contextualização**

A proposta de trabalho foi realizada, tal como na anterior, na sala dos quatro anos, por vinte e duas crianças, porque 8 faltaram. Esta proposta de trabalho foi realizada no dia 17 de junho de 2013 e teve uma duração de vinte minutos e encontra-se no anexo 2.

#### **3.3.2. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação**

Identificação de uma alimentação equilibrada: Pretende-se que a criança assinale a imagem que ilustra uma alimentação considerada saudável.

Foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Assinalou corretamente a refeição equilibrada;
- Não assinalou a refeição equilibrada;
- Não respondeu.

Colorir o maior grupo da roda dos alimentos: Pretende-se que a criança pinte na figura o maior grupo da roda dos alimentos.

Foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Pintou corretamente o maior grupo da roda dos alimentos;
- Resposta incorreta;
- Não respondeu.

Motricidade Fina: Deseja-se que as crianças pintem a imagem respeitando os seus limites.

Foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Respeitou os limites da imagem;
- Não respeitou os limites da imagem.

Seguidamente, apresento o quadro 12, alusivo às cotações atribuídas a esta proposta de trabalho.

Quadro 12 - Cotações atribuídas aos critérios definidos na atividade da Área do Conhecimento do Mundo

<b>Parâmetros</b>	<b>Crítérios</b>	<b>Cotação</b>
Identificação de uma alimentação equilibrada	Assinalou corretamente a refeição equilibrada	3
	Não identificou a refeição equilibrada	0
	Não respondeu	0
Reconhecimento do maior grupo da roda dos alimentos	Assinalou corretamente o maior grupo da roda dos alimentos	5
	Resposta incorreta	0
	Não respondeu	0
Motricidade Fina	Pintou, respeitando os limites da imagem	2
	Pintou mas não respeitou os limites da imagem	0
<b>Total</b>		10

### 3.3.3. Grelha de avaliação da Área do Conhecimento do Mundo

Transcrevo a grelha de avaliação referente à proposta de trabalho da Área do Conhecimento do Mundo. (Quadro 13)

Quadro 13 - Grelha de avaliação da atividade na Área de Conhecimento do Mundo

Parâmetros	Cotações			Total	Classificação
	1	2	3		
1	X	x	x	x	x
2	3	5	2	10	Muito Bom
3	3	5	2	10	Muito Bom
4	3	5	0	8	Bom
5	3	5	0	8	Bom
6	X	x	x	x	x
7	X	x	x	x	x
8	3	5	0	8	Bom
9	0	5	2	7	Bom
10	3	5	2	10	Muito Bom
11	3	5	0	8	Bom
12	X	x	x	x	x
13	3	0	2	5	Suficiente
14	3	0	2	5	Suficiente
15	3	5	2	10	Muito Bom
16	3	5	0	8	Bom
17	3	5	2	10	Muito Bom
18	3	5	2	10	Muito Bom
19	3	5	2	10	Muito Bom
20	X	x	x	x	x
21	X	x	x	x	x
22	0	5	2	7	Bom
23	3	0	0	3	Insuficiente
24	X	x	x	x	x
25	3	5	0	8	Bom
26	3	5	2	10	Muito Bom
27	X	x	x	X	x
28	3	5	2	10	Muito Bom
29	3	5	0	8	Bom
30	3	5	0	8	Bom

### **3.3.4. Descrição da grelha de avaliação**

Depois de observar a grelha de avaliação, posso afirmar que, no geral, quase todas as crianças conseguiram atingir os objetivos propostos, sendo que apenas uma não os consegui atingir. Nove crianças tiveram uma classificação de Muito Bom e, destas, todas tiveram a cotação máxima, de dez valores.

Dez crianças obtiveram a classificação de Bom. Duas crianças tiveram a classificação de Suficiente, apenas uma criança obteve a classificação de Insuficiente, mais concretamente, de três valores, sendo esta a cotação mais baixa obtida na atividade.

Relativamente ao primeiro parâmetro, referente à identificação de uma alimentação equilibrada, constatei que vinte crianças obtiveram a cotação máxima de cinco valores, sendo que apenas duas crianças erraram neste parâmetro.

No que diz respeito ao segundo parâmetro, constatei que dezanove crianças obtiveram a cotação máxima de cinco valores. Este parâmetro era relativo ao reconhecimento do maior grupo da roda dos alimentos.

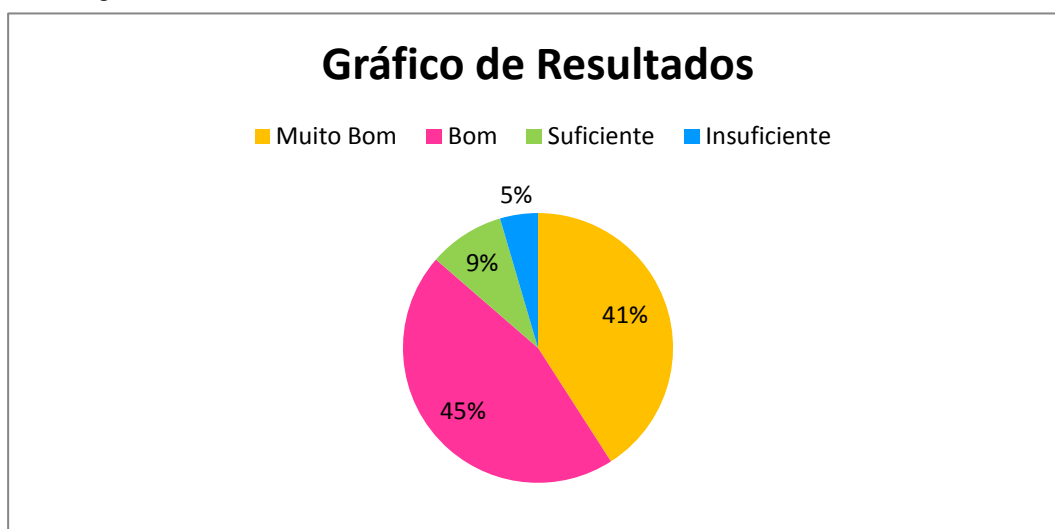
No que respeita à motricidade, terceiro parâmetro, relativo à motricidade, foi o parâmetro onde observei maior dificuldade por parte das crianças. Neste parâmetro, verifiquei que treze crianças pintaram respeitando os contornos da imagem e nove crianças não respeitaram os contornos da mesma.

A média aritmética das classificações obtidas neste dispositivo de avaliação foi de 8,25 valores.

### 3.3.5. Apresentação dos resultados obtidos em gráfico

Passo a apresentar o gráfico referente à atividade da Área do Conhecimento do Mundo

Figura 48- Gráfico alusivo à atividade da Área do Conhecimento o Mundo



De seguida, apresento, o quadro 14, que é relativo às classificações obtidas na realização da atividade da Área do Conhecimento do Mundo.

Quadro 14 - Classificações obtidas no dispositivo de Conhecimento do Mundo.

Entre 0 e 2,9	Fraco	0 crianças
Entre 3 e 4,9	Insuficiente	1 criança
Entre 5 e 6,9	Suficiente	2 crianças
Entre 7 e 8,9	Bom	10 crianças
Entre 9 e 10	Muito Bom	9 crianças

### **3.3.6. Análise do gráfico**

Depois da leitura dos resultados do gráfico, posso concluir que a maioria das crianças, 45%, obtiveram uma classificação de Bom. 41% das crianças obtiveram a classificação de Muito Bom. 9% das crianças obteve a classificação de Suficiente e 5% obteve a classificação de Insuficiente.

Mediante estes resultados, acima descritos, penso que a educadora deve individualizar estratégias com a criança “23”, visto ter sido a que obteve a classificação mais baixa da turma e que revelou ter dificuldades nos parâmetros estipulados. A educadora de forma a colmatar as dificuldades desta criança poderia dedicar-se um pouco mais às atividades que desenvolvam a motricidade fina, tais como enfiamentos, colagem, recorte, entre outros.

## **3.4. Avaliação da atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita**

### **3.4.1. Contextualização**

A proposta de trabalho foi também preparada para o grupo dos 4 anos de idade. Apenas quinze crianças realizaram a mesma, sendo que, as restantes quinze que integram o grupo, não compareceram. Esta proposta de trabalho foi realizada no dia 3 de junho de 2013.

A respetiva proposta de trabalho encontra-se no anexo 3.

### **3.4.2. Descrição de parâmetros, critérios e cotações**

Identificação/Associação das letras vogais à cor da legenda da figura: Pretende-se que a criança pinte a figura de acordo com a legenda apresentada.

Foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Pinta corretamente as 8 letras vogais às cores correspondentes;
- Pinta corretamente entre 7 a 6 letras vogais às cores correspondentes;
- Pinta corretamente entre 5 a 2 letras vogais às cores correspondentes;
- Pinta corretamente 1 letra vogal à cor correspondente;
- Não pinta as letras às cores correspondentes;

- Não respondeu.

Motricidade Fina: Deseja-se que as crianças pintem a imagem respeitando os seus limites.

Foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Coloriu respeitando os limites da imagem
- Coloriu mas não respeitou os limites da imagem

De seguida, apresento o quadro 15, alusivo às cotações atribuídas a esta proposta de trabalho.

Quadro 15- Cotações atribuídas aos critérios definidos na atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

<b>Parâmetros</b>	<b>Critérios</b>	<b>Cotação</b>
Associação das letras vogais à cor da legenda da figura	Associou corretamente as 8 letras vogais às cores correspondentes	8
	Associou corretamente entre 7 a 6 letras vogais às cores correspondentes	6
	Associou corretamente entre 5 a 2 letras vogais às cores correspondentes	3
	Associou corretamente 1 letra vogal à cor correspondente	1
	Não associou as letras às cores correspondentes	0
	Não respondeu	0
Motricidade	Pintou corretamente, respeitando os limites da imagem	2
	Pintou mas não respeitou os limites da imagem	0
<b>Total</b>		<b>10</b>

### 3.4.3. Grelha de avaliação Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

De seguida, apresento a grelha de avaliação quantitativa da atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. (Quadro 16)

Quadro 16 – Grelha de avaliação quantitativa da atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Parâmetros	1	2	Total	Classificação
<b>Alunos</b>				
1	x	x	x	x
2	8	2	10	Muito Bom
3	8	2	10	Muito Bom
4	8	2	10	Muito Bom
5	8	2	10	Muito Bom
6	x	x	x	x
7	x	x	x	x
8	x	x	x	x
9	x	x	x	x
10	8	2	10	Muito Bom
11	8	0	8	Bom
12	x	x	x	x
13	x	x	X	x
14	3	0	3	Insuficiente
15	x	x	x	x
16	8	2	10	Muito Bom
17	x	x	x	x
18	x	x	x	x
19	x	x	x	x
20	x	x	x	x
21	x	x	x	x
22	8	2	10	Muito Bom
23	6	0	6	Suficiente
24	x	x	x	x
25	8	2	10	Muito Bom
26	8	0	8	Bom
27	x	x	x	x
28	6	2	8	Bom
29	8	2	10	Muito Bom
30	8	0	8	Bom

### **3.4.4. Descrição da grelha de avaliação**

Após a observação da grelha de avaliação, posso concluir que, no geral, quase todas as crianças conseguiram atingir os objetivos propostos, sendo que, apenas uma não os conseguiu atingir. Nove crianças tiveram uma classificação de Muito Bom e, destas, todas tiveram a cotação máxima, de dez valores.

Quatro crianças obtiveram a classificação de Bom. Apenas uma criança teve a classificação de Suficiente e outra de Insuficiente, mais concretamente, de três valores.

Relativamente ao primeiro parâmetro, referente à associação das letras vogais à cor da legenda da figura, constatei que onze crianças obtiveram a cotação máxima de oito valores.

No que diz respeito ao segundo parâmetro, verifiquei que dez crianças obtiveram a cotação máxima de dois valores. Este parâmetro era relativo à Motricidade Fina.

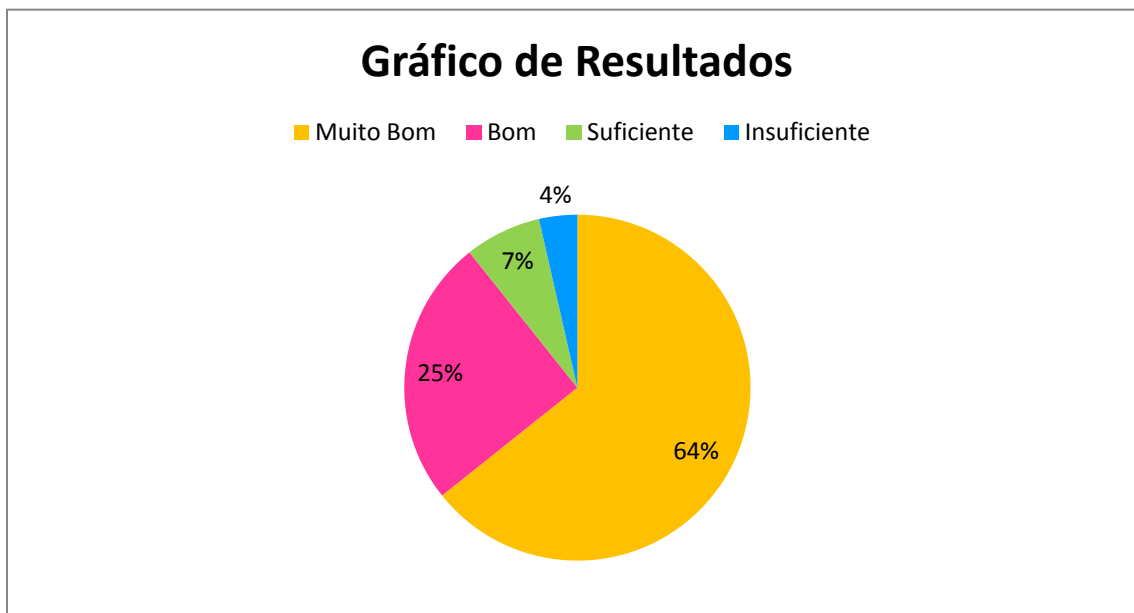
Foi neste último parâmetro que verifiquei maiores dificuldades. Uma vez mais sugeria que a educadora se focasse um pouco mais nesta criança, de forma a ajudá-la a ultrapassar as dificuldades sentidas e enunciadas no dispositivo de avaliação.

A média aritmética das classificações obtidas neste dispositivo de avaliação foi de 8,6 valores.

### 3.4.5. Apresentação dos resultados obtidos em gráfico

Passo, de seguida, a apresentar o gráfico referente à atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

Figura 49- Gráfico alusivo à atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita



Em seguida, apresento o quadro 17, relativo às classificações obtidas na proposta de trabalho realizada.

Quadro 17 - Classificações obtidas no dispositivo de avaliação do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Entre 0 e 2,9	Fraco	0 crianças
Entre 3 e 4,9	Insuficiente	1 criança
Entre 5 e 6,9	Suficiente	1 criança
Entre 7 e 8,9	Bom	4 crianças
Entre 9 e 10	Muito bom	9 crianças

### **3.4.6. Análise do gráfico**

Após a leitura dos resultados do gráfico, concluí que a maioria das crianças, 64% obtiveram uma classificação de Muito Bom, 25% das crianças obtiveram a classificação de Bom. 7% das crianças obteve a classificação de Suficiente e 4% obteve a classificação de Insuficiente. Nenhuma criança obteve a classificação de Fraco.

Mediante estes resultados, acima descritos, penso que a educadora deverá utilizar estratégias individuais com a criança “8”, uma vez que foi esta criança que obteve a classificação mais baixa do grupo para este dispositivo.

Uma vez que apresentei três dispositivos de avaliação desenvolvidos com o mesmo grupo de crianças, passo de seguida a apresentar uma avaliação transversal dos mesmos (Quadro18). Posso afirmar que o parâmetro onde observei maiores dificuldades foi referente à motricidade fina.

Uma vez que apresentei três dispositivos de avaliação desenvolvidos com o mesmo grupo de crianças, passo de seguida a apresentar uma avaliação transversal dos mesmos.

Quadro 18 - Classificações obtidas nas 3 atividades dinamizadas

Crianças	Classificações Obtidas		
	Atividade 1	Atividade 2	Atividade 3
1	X	x	x
2	Muito Bom	Muito Bom	Muito Bom
3	Muito Bom	Muito Bom	Muito Bom
4	Muito Bom	Bom	Muito Bom
5	Bom	Bom	Muito Bom
6	Muito Bom	x	x
7	Muito Bom	x	x
8	Bom	Bom	x
9	Muito Bom	Bom	x
10	Muito Bom	Muito Bom	Muito Bom
11	Insuficiente	Bom	Bom
12	Muito Bom	x	x
13	Bom	Suficiente	x
14	Suficiente	Suficiente	Insuficiente
15	Muito Bom	Muito Bom	x
16	Muito Bom	Bom	Muito Bom
17	Muito Bom	Muito Bom	x
18	Muito Bom	Muito Bom	x
19	Muito Bom	Muito Bom	x
20	Muito Bom	x	x
21	Muito Bom	x	x
22	X	Bom	Muito Bom
23	Suficiente	Insuficiente	Suficiente
24	Bom	x	x
25	Muito Bom	Bom	Muito Bom
26	Bom	Muito Bom	Bom
27	Bom	x	x
28	Muito Bom	Muito Bom	Bom
29	Muito Bom	Bom	Muito Bom
30	Bom	Bom	Bom

Após uma análise o quadro, posso afirmar que o grupo obteve, na sua maioria, bons resultados nos diferentes dispositivos. Estipulei, propositadamente, um parâmetro igual para os três, por ter sido neste que, durante o decorrer do Estágio Profissional, que observei maiores dificuldades. Refiro-me ao parâmetro referente à motricidade fina. Verifiquei que as crianças tiveram dificuldade em respeitar os limites das figuras e, sendo que os dispositivos de avaliação foram realizados em momentos do final de ano letivo. Penso que, nesta altura do ano letivo, é suposto que as crianças já consigam coordenar eficazmente a relação óculo-manual, assim como controlar os movimentos mais minuciosos da mão.

De forma a melhorar estas dificuldades sentidas pelas crianças, a educadora poderia adotar estratégias de reforço destas dificuldades, através de exercícios de enfiamentos, de

pintura, de desenho, de colagem, de recorte, de picotagem, manipulação de objetos, entre outros.

# **Reflexão Final**



## Reflexão final

### Considerações finais

Terminado o Estágio Profissional considero pertinente fazer uma reflexão acerca dos momentos que pude observar e vivenciar, sem deixar de fazer referência às limitações sentidas ao longo do mesmo.

Considero que o balanço deste período de Estágio, com duração de um ano letivo, foi positivo.

Através deste Estágio Profissional tive a oportunidade de enriquecer o meu percurso académico, de crescer não só profissionalmente, como também a nível pessoal pois pude perceber e aprender vários e diversos aspetos relativos ao ensino e aprendizagem. Loughran (citado por Flores e Simão, 2009) afirma que “os alunos futuros professores desenvolvem compreensões profundas acerca do ensino e da aprendizagem quando investigam a sua própria prática e quando são convidados a adoptar uma perspectiva de investigadores” (p.34).

Este estágio foi realizado na valência da Educação Pré-Escolar, e mantive uma postura ativa, envolvida e participativa, nos diferentes momentos do mesmo.

Tal como Formosinho (2009) afirma, “a componente curricular da formação de professores cuja finalidade explícita é iniciar os alunos no mundo da prática docente e desenvolver competências práticas inerentes a um desempenho docente adequado e responsável” (p. 50).

Durante o decorrer do Estágio tive a oportunidade de me preparar para o futuro enquanto docente, por ter tido oportunidade de observar diferentes estratégias, diferentes posturas. Algumas educadoras foram, para mim, sem dúvida, uma referência, e modelos a seguir, pela sua boa disposição, dinamismo, postura e profissionalismo.

Não posso deixar de salientar que a Equipa de Supervisão Pedagógica teve um papel fundamental durante o meu percurso académico, neste ano letivo. Segundo Alarcão (1996), o “supervisor/orientador de estágio será encarado como promotor de estratégias que irão desenvolver nos futuros professores o desejo de reflectirem e, através da reflexão, a vontade de se desenvolverem em continuum” (p.91). Depois as aulas assistidas programadas ou não (de carácter surpresa), as professoras supervisoras comentavam as mesmas, salientando os aspetos positivos e negativos, sugerindo estratégias que

poderiam também ter sido utilizadas e que, por vezes poderiam ser mais adequadas. O mesmo autor, salienta que

o supervisor reflexivo irá envolver os professores na sua própria formação para que, depois de atravessarem uma fase em que o tal professor mais experiente acompanha e monitoriza a formação, sejam capazes de alcançar competência profissional com base nos conhecimentos teóricos e científicos que foram experimentando e adaptando às suas práticas, concluindo este período de formação com o início de uma nova fase (...). (p. 94)

Durante este período, devo salientar que houve momentos que me marcaram, nomeadamente na faixa etária dos cinco anos, gostei muito e senti que me foi muito benéfico ter oportunidade de colocar em prática e em ação os conhecimentos teóricos relativos ao método de leitura através da Cartilha Maternal de João de Deus, na faixa etária dos três anos que nos solicitam constantemente, querendo carinho e atenção. Nesta idade, gostei principalmente dos momentos em que lhes li histórias, por sentir que estavam sempre recetivos ao que lhes contava, acreditando na magia das mesmas. E, por fim, mas não menos importante, na faixa etária dos quatro anos gostei especialmente dos momentos passados na visita de estudo, fora do contexto escolar, pela curiosidade e alegria manifestadas pelas crianças.

No geral, gostei essencialmente da relação que mantive com todas as crianças de todas as faixas etárias, sendo esta sempre baseada no carinho e no respeito que nutri por todas e cada uma delas. De acordo com Bento (1994), uma relação pedagógica é “uma relação de diferenças de competência e, por via disso, uma relação de confiança” (p.11).

## **Limitações**

Ao longo deste Estágio Profissional, deparei-me com algumas limitações, relativas à gestão do tempo e organização devido a ter, em simultâneo, um trabalho.

Na realização deste Relatório surgiram também algumas dificuldades referentes às inferências e comentários pessoais, assim como também à fundamentação teórica, uma vez que, nem todas as situações que relatei e que gostaria de fundamentar, não estão devidamente fundamentadas. Saliento também, a falta de tempo para diversificar as referências bibliográficas e não poder recorrer a outras bibliotecas para pesquisa de livros.

Por fim, menciono uma outra dificuldade sentida, na própria realização do corpo escrito deste Relatório de Estágio.

## **Novas pesquisas**

Quando lecionar, pretendo, sem dúvida, aprofundar mais a área referente à Necessidades Educativas Especiais, uma vez que é cada vez mais frequente nas escolas a presença de crianças com necessidades especiais integradas nas instituições escolares. Assim sendo, como futura docente, devo preparar-me, de forma a saber responder adequadamente às necessidades de todas as crianças com quem contactar.

Considero também muito importante dedicar-me também a melhorar conhecimentos a nível de Primeiros Socorros, de forma a saber reagir de forma rápida, adequada e eficaz em caso de acidente.



## **Referências Bibliográficas**



## Referências Bibliográficas

Aguera, N. (2008). *Brincar e aprender na primeira infância: actividades, rimas e brincadeiras para a educação de infância*. Lisboa: Papa-Letras, LDA.

Alarcão, I. (1996). *Formação reflexiva de professores. Estratégica de supervisão*. Porto: Porto Editora.

Alarcão, I. & Roldão, M. C. (2008). *Supervisão: um contexto de desenvolvimento profissional dos professores*. Lisboa: Edições Pedagogo.

Alarcão, I. & Tavares, J. (2003). *Supervisão de prática pedagógica: uma perspetiva de desenvolvimento e aprendizagem*. Coimbra: Edições Almedina, SA.

Almeida, A. (1998). *Visitas de Estudo – Concepções e eficácia na aprendizagem*. Lisboa: Livros Horizonte.

Antunes, C. (2003). *Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências*. Rio de Janeiro: Editora Vozes.

Arends, R. I. (2008). *Aprender a ensinar*. Lisboa: McGraw-Hill

Azevedo, M. (2008). *Teses, Relatórios e Trabalhos Escolares – Sugestões para Estruturação da Escrita*. Lisboa: Universidade Católica Editora.

Bogdan, R. C. & Biklen, S. K. (1994). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.

Cachapuz, A., Praia, J., & Jorge, M. P. (2002). *Ciência, educação em ciência e ensino das ciências*. Lisboa: Ministério da Educação.

Caldeira, M. F. (2009). *Aprender a matemática de uma forma lúdica*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

Contente, M. (1995). *A Leitura e a Escrita: Estratégias de Ensino para Todas as Disciplinas*. Lisboa: Editorial Presença.

Cordeiro, M. (2010) (5.º Ed.). *O livro da criança – do 1 aos 5 anos*. Lisboa: A Esfera dos Livros.

Cordeiro, M. (2010). *O livro da criança – do 1 aos 5 anos*. Lisboa: A Esfera dos Livros.

Cury, A. (2006). *Pais Brilhantes, Professores Fascinantes*. Cascais: Pergaminho.

Damas, E., Oliveira, V., Nunes, R. & Silva, L. (2010). *Alicerces da Matemática – Guia Prático Para Professores e Educadores*. Lisboa: Ariel Editores.

Estanqueiro, A. (2010). *Boas práticas na educação. O papel dos professores*. Barcarena, Portugal: Editorial Presença.

Fernandes, D. (2005). *Avaliação das aprendizagens: desafios às teorias, práticas e políticas*. Lisboa: Texto Editora.

Ferreira, C.A. (2007). *A avaliação no Quotidiano da sala de aula*. Porto: Porto.

Fisher, J. (2004). *A relação entre o planeamento e a avaliação*. In T. Vasconcelos (Ed.), *Manual do desenvolvimento curricular para a educação de infância*. Lisboa: Texto Editora.

Flores, M. A. & Simão, A. M. (2009). (Org.). *Aprendizagem e desenvolvimento profissional de professores: contextos e perspetivas*. Mangualde, Portugal: Edições Pedagogo.

Hohmann, M. e Weikart, D. P. (2011). *Educar a Criança*. (6.ª edição) Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Jensen, E. (2002). *O cérebro, a bioquímica e as aprendizagens. Um guia para pais e educadores*. Porto: Asa Editores, S.A.

Leite, C. & Fernandes, P. (2002a). *Avaliação das aprendizagens dos alunos. Novos contextos, novas práticas*. Porto: Edições ASA.

Levy, T., Guimarães, H., M.& Pombo, O. (1994). *A interdisciplinaridade – Reflexão e Experiência*. Lisboa: Texto Editora.

Maya, M. J. (2000). *A autoridade do professor- O que pensam alunos, pais e professores*. Lisboa: Texto Editora.

Magalhães, V. (2008). *A Promoção da Leitura Literária na Infância: 'Um Mundo de Verdura' a não Perder*. In Sousa, O. & Cardoso, A. (eds). *Desenvolver Competências em Língua Portuguesa*. Lisboa: Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais da Escola Superior de Lisboa.

Martins, M. I. (Coord.) (2009). *Despertar para a Ciência*. Lisboa: Ministério da Educação.

Mata, L. (2006). *Ambiente familiar e descoberta da linguagem e escrita*. Porto: Porto Editora.

Mata, L. (2008). *A Descoberta da Escrita: Textos de Apoio para Educadores de Infância*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.

Mendes, M. & Delgado, C. (2008). *Geometria: textos de apoio para educadores de infância*. Lisboa: Ministério da Educação.

Ministério da Educação (1997). *Orientações curriculares para a educação pré-escolar*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.

Moreira, D. & Oliveira, I. (2003). *Iniciação à Matemática no Jardim de Infância*. Lisboa: Universidade Aberta.

Morgado, P. (1999). *A relação pedagógica: diferenciação e inclusão* (1.<sup>a</sup> ed.). Lisboa: Universidade Aberta.

Pacheco, J. (1995). *Formação de professores: teoria e praxis*. Braga: Instituto da Educação e Psicologia – Universidade do Minho.

Nabais, J. A. (s.d.). *Á descoberta da Matemática com o Calculador Multibásico*. Lisboa: Centro de Psicologia Aplicada à Educação.

Pacheco, J. A. (1999). *Componentes do processo de desenvolvimento do currículo*. Braga: Livraria Minho.

Palhares, P. (2004). *Elemento de Matemática para professores do ensino básico*. Lisboa: LIDEL.

Pereira, J. D. L. & Lopes, M. S. (2007). *Fantoches e outras Formas Animadas no Contexto Educativo*. Intervenção – Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.

Pérez, M. R. (s.d.). *Desenho curricular de aula como modelo de aprendizagem – ensino. O currículo como marco da sociedade do conhecimento*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

Pessanha, A. M. (2001). *Actividade lúdica associada à literacia*. Lisboa: Instituto de

Peterson, P. D. (2003). *O professor do ensino básico: perfil e formação*. Lisboa: Piaget

Quivy, R., & Campenhout, L. V. (1992). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.

Ribeiro & Ribeiro (1990), *Planificação e Avaliação do Ensino- Aprendizagem*. Univ. Aberta.

Ribeiro, A. C. & Ribeiro, L. C. (1990). *Planificação e avaliação do ensinoaprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Roldão, M. C. (1995). *O estudo do meio no 1.º ciclo. Fundamentos e estratégias*. Lisboa: Texto Editora.

Ruivo, I. (2009). *Um novo olhar sobre o método de leitura João de Deus*. Dissertação de Doutoramento Inédita. Universidade de Málaga. Faculdade de Ciências de la Educación.

Sanches, I. R. (2001). *Comportamentos e estratégias de actuação na sala de aula*. Porto: Porto Editora.

Santos, A. (1989). *Mediações artístico-pedagógicas*. Lisboa: Horizonte.

Serrazina, L. (2002). *A formação para o ensino da matemática na educação pré-escolar e no 1.º ciclo do ensino básico*. Porto: Porto Editora Inafop.

Serrazina, L. (2008). *Sentido do número e organização de dados*. Lisboa: Ministério da Educação.

Sim-Sim, I. (coord.). (2006). *Ler e Ensinar a Ler*. Porto: Edições ASA.

Sim-Sim, I., Silva, A. C. & Nunes, C. (2008). *Linguagem e comunicação no jardim-de-infância*. Lisboa: Ministério da Educação.

Spodek, B. & Saracho, O. (1998). *Ensinando crianças de três a oito anos*. Porto Alegre: Editora Artmed.

Steiner, R. (2000). *A prática pedagógica*. São Paulo: Editora: Antroposófica Ltda.

Tendbrink, T. D. (2002). *Evolucion guia practica para profesores*. Madrid: Narcea.

Traça, M. I. (1992). *O fio da memória do conto popular ao conto para crianças*. Porto: Porto Editora.

Vieira, F. (1993). *Supervisão – uma prática reflexiva de formação de professores*. Rio Tinto: Edições Asa. Vieira, F. (1993). *Supervisão – uma prática reflexiva de formação de professores*. Rio Tinto: Edições Asa.

Zabalza, M. A. (2000). *Planificação e desenvolvimento curricular na escola*. Lisboa: Edições ASA.

Zabalza, M. A. (1998). *Qualidade em Educação Infantil*. Brasil: GRAFLINE.

Silva, M. I. R. L. Ministério da Educação (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.

# **Anexos**



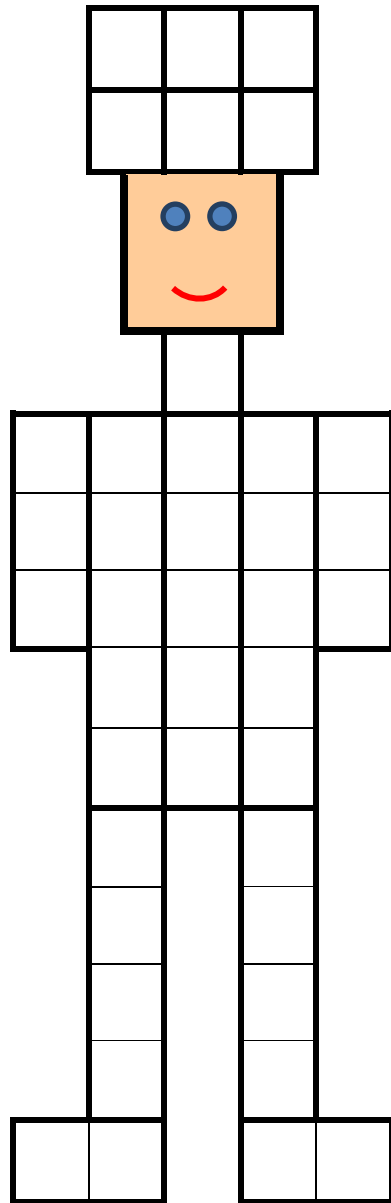
## **Anexo 1**

# **Dispositivo de Avaliação do Domínio da Matemática**



## Escola do conelho de Lisboa

1. Preenche o pasteleiro com as peças do *Cuisenaire*, segundo as orientações dadas. Depois, pinta-o de acordo com as peças que utilizaste.



Nome: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_



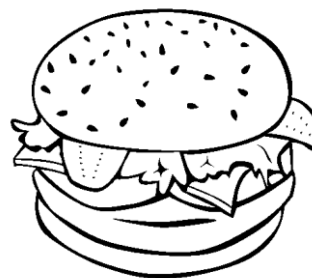
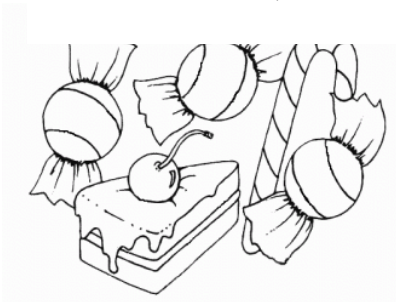
## **Anexo 2**

### **Dispositivo de Avaliação da Área do Conhecimento do Mundo**



# Escola do concelho de Lisboa

1. Assinala, com X a imagem da alimentação saudável.



2. Pinta, apenas, o maior grupo da Roda dos Alimentos.



Nome: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_



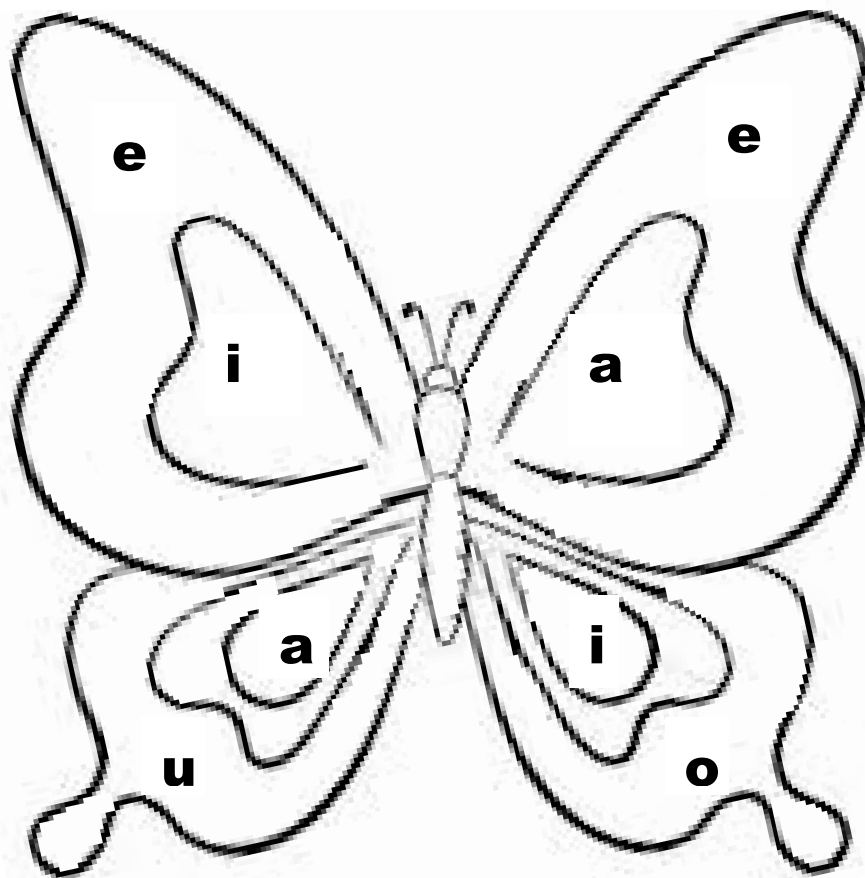
## **Anexo 3**

### **Dispositivo de Avaliação do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita**



# Escola do concelho de Lisboa

1. Pinta figura conforme a legenda.



a



e



i



o



u

Nome: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_